

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM TEOLOGIA

MARIANA MACIEL DA SILVA

ADORAÇÃO E RESTABELECIMENTO DO DIREITO DOS POBRES
EM JEREMIAS 7,1-11

CURITIBA

2012

MARIANA MACIEL DA SILVA

ADORAÇÃO E RESTABELECIMENTO DO DIREITO DOS POBRES
EM JEREMIAS 7,1-11

Dissertação apresentada ao curso de Programa de Pós-Graduação em Teologia, do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

CURITIBA

2012

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central

S586a Silva, Mariana Maciel da
2012 Adoração e restabelecimento do direito dos pobres em Jeremias 7,1-11 /
Mariana Maciel da Silva ; orientador, Luiz Alexandre Solano Rossi. -- 2012.
.;

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2012
Bibliografia: f. 101-104

1. Jeremias, Joachim, 1900-. 2. Adoração (Religião). 3. Deus - Adoração e
Amor. 4. Justiça social. I. Rossi, Luiz Alexandre Solano. II. Pontifícia
Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia.
III. Título.

CDD 20. ed. – 230



Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Centro de Teologia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teologia

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 034
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
MARIANA MACIEL DA SILVA

Aos dezenove dias do mês de junho de dois mil e doze às dez horas, reuniu-se na Sala de Defesa e Dissertação – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Luiz Alexandre Solano Rossi, Joel Antonio Ferreira e Vicente Artuso, para examinar a Dissertação da candidata **Mariana Maciel da Silva**, ano de ingresso, dois mil e dez, do Programa de Pós-Graduação em Teologia – Mestrado, Linha de Pesquisa: Teologia e Evangelização. A mestranda apresentou a dissertação intitulada: “**ADORAÇÃO E RESTABELECIMENTO DO DIREITO DOS POBRES EM JEREMIAS 7,1-11**”. A candidata fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, a candidata foi APROVADA pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 11 h 40 min. Para constar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Membros da Banca:

Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi

Presidente/Orientador.

Prof. Dr. Joel Antonio Ferreira

Convidado Externo

Prof. Dr. Vicente Artuso

Convidado Interno

CIENTE

Prof. Dr. Mário Antonio Sanches

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*
PPGT - PUCPR



AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é a Deus, o meu Senhor e meu Salvador. Ele possibilitou que eu sobrevivesse ao grave acidente que sofri nos primeiros meses do Mestrado, Ele me curou fazendo que eu pudesse voltar e continuar meus estudos, Ele me fortaleceu e concedeu a sabedoria necessária.

A minha família que incentivou meu ingresso ao mestrado e me apoiou em cada momento.

A todos do mestrado, professores e colegas, pelo empenho ao transmitir o conhecimento e pelo auxílio na caminhada.

Ao meu orientador que acreditou em mim e demonstrou grande dedicação e paciência.

A cada um dos mencionados só posso dizer duas palavras: Muito obrigado!

Os que se sentem filhos e filhas de Deus o amam com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Este amor, como é natural, significa docilidade, disponibilidade total e entrega a um Pai que ama sem limites e incondicionalmente todos os seus filhos e filhas. Não é possível, portanto, amar a Deus sem desejar o que ele quer e sem amar incondicionalmente aqueles que ele ama como Pai. O amor a Deus torna impossível viver fechado em si mesmo, indiferente ao sofrimento dos outros. É precisamente no amor ao próximo que se descobre a verdade do amor a Deus.

José Antonio Pagola

RESUMO

A presente pesquisa visa oferecer uma base para a compreensão do que é adoração a partir do texto bíblico de Jeremias 7,1-11. Para alcançar o objetivo proposto, o trabalho desenvolveu-se sob o método bibliográfico, o qual possibilitou elaborar a seguinte afirmativa: adoração é um modo de viver que Deus pede a seus filhos que se desenvolve a partir da prática da justiça, misericórdia, companheirismo, compreensão e amor a todos os indivíduos com os quais se convive. Adoração se apresenta, portanto, como uma convocação a liberdade e à vida e para se alcançar tais aspectos é preciso preservar a dignidade das pessoas. Na análise do texto de Jeremias 7,1-11 serão levantados os seguintes aspectos: para quem se dirigia o discurso, quando e por que, percorrendo o conceito de adoração explicitado neste discurso profético. Por fim, contemplar-se-á o ministério profético de Jesus, como ele definiu sua missão como Messias e para ele o que envolve a verdadeira adoração.

Palavras chaves: Adoração, profeta, função social, justiça, misericórdia, Templo, sofredor, oprimido.

ABSTRACT

The present research objects a foundation to be understood what adoration is from the biblical text of Jeremiah 7,1-11. To reach this objective, the research developed using the bibliography method that makes possible to make these affirmations: adoration is a way to live and practice what God asks to his sons that is justice, mercy, fellowship, understanding and love to all people who coexists; adoration is a invitation to freedom and to life, to reach these aspects é necessary preserve the dignity of people. The way traced that make possible to make these affirmations is, initially, understood what is prefects literature (how God speaks to the prophet, how the prophet speaks to the people and what is the essence of the message to be told to population). Then will be study the text of Jeremiah 7,1-11; Will be analyzed to whom was the speak said, when and way; will be studied the concept of adoration explicit in these prophet speach. Lastly will be see the prophet ministry of Jesus, how he defined his mission as Messiah and to him what is the truth adoration.

Keywords: Adoration, prophet, social function, justice, mercy, Temple, sufferer, oppressed

LISTA DE ABREVIATURAS

- BEG Bíblia de Estudo de Genebra. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BJ Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CNBB Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA PROFÉTICA	13
2.1 O QUE É PROFETISMO	13
2.2 PROFETISMO BÍBLICO	20
2.2.1 Os meios de comunicação entre Deus e o profeta	20
2.2.2 Os meios de transmissão da mensagem do profeta ao povo	23
2.3 O PAPEL DA PROFECIA BÍBLICA	28
2.3.1 Títulos proféticos	28
2.3.2 Um breve histórico do profetismo bíblico	32
2.3.3 A preocupação com o sofredor oprimido	38
3 EXEMPLO DE LITERATURA PROFÉTICA	44
3.1 TEMPO DE COMPOSIÇÃO E COMUNIDADE DESTINATÁRIA	44
3.2 QUEM ERA JEREMIAS	48
3.3 DELIMITAÇÃO DO TEXTO	52
3.4 ANÁLISE DO TEXTO	54
3.4.1 Introdução – versos 1 e 2	54
3.4.2 Deus pede por mudanças e faz promessas – versos 3	56
3.4.3 Deus pede abandono da falsa adoração – versos 4, 5 e 6	58
3.4.4 A promessa de Deus – verso 7	64
3.4.5 Relato dos erros que Deus observava em Israel – verso 8, 9 e 10.....	66
3.4.6 Sentença do julgamento – verso 11	71
3.5 O RITO QUE AGRADA A DEUS	71
4 JESUS E SEU MINISTÉRIO PROFÉTICO	73
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE NA QUAL JESUS VIVIA	74
4.2 O TESTEMUNHO DE JESUS SOBRE QUEM ELE ERA	84
4.3 A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO	91
4.3.1 Quando aconteceu a purificação do Templo	92
4.3.2 A ação profética de Jesus no interior do Templo	94
4.3.3 As consequências da ação profética de Jesus	95
4.3.4 O que Jesus ensinou na purificação do Templo	97
5 CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos Deus se preocupou com a humanidade porque a ama. Acompanhou cada conquista, cada inovação, cada alegria; também observou a presença da dor, da opressão, da desigualdade, da indiferença... Deus não se ausentou, queria direcionar os homens, orientá-los e falar com eles. Sua voz, num determinado momento da história do povo de Deus, era veiculada através dos profetas. No princípio eles clamavam ao povo de Israel como um todo e, posteriormente, aos reinos divididos de Israel e Judá. Nascia a literatura profética.

Sem sombra de dúvida, o profetismo é um dos gêneros literários que mais desperta interesse especulativo. Perde-se de vista que “os profetas bíblicos eram realmente, vaticinadores do futuro, mas numa escala reduzida; preocupavam-se mais com o presente e muitas vezes se mostram não menos preocupados com o passado” (HARRINGTON, 1985, p. 268).

Em uma sociedade que vive apenas para o momento é importante resgatar o valor da Palavra de Deus como única autoridade de fé e seu conteúdo como guia para o ser humano. “A profecia hebraica não foi nem é inteiramente única, mas continua incomparável em sua qualidade espiritual e valor permanente para a religião” (SCOTT, 1968, p. 13). Apesar destes textos serem muito antigos sua relevância continua indiscutível. A abordagem feita a partir dos problemas sociais, ajuda-nos a aprender como Deus se faz presente na história. Para Scott (1968, p. 27):

“Como o Deus deles não estava preso dentro da tradição das eras passadas de Moisés e Davi, assim como Deus não está preso dentro da tradição da era deles ou do primeiro século a.D. Ele é o Deus vivo operando não só nas almas dos indivíduos hoje, mas presente como árbitro final nas lutas e confusão de nossa vida social”.

É preciso perceber o valor do texto profético, compreendendo a função social dos chamados profetas e entender que estes também interpretavam os sinais dos tempos – a própria história em que viviam – para alertar seus contemporâneos e não apenas a percepção de que são meros adivinhos do futuro.

Os objetivos desta pesquisa podem ser assim definidos: verificar o que deve ser entendido por profetismo, literatura profética e a definição do papel da profecia. Demonstrar a importância do contexto histórico e cultural para a compreensão dos textos proféticos de forma mais precisa e mais rica. Tal análise nos ajudará a perceber que os textos proféticos não

são apenas futurísticos, ou seja, são principalmente para o povo e o período em que foram escritos. Com esta compreensão percebe-se a riqueza e beleza do texto profético.

Muitos desconsideram o contexto histórico da profecia: “Porquanto a mensagem do profeta é sempre endereçada em primeiro lugar, aos seus contemporâneos; é um pregador que fala aos homens da sua própria geração. Mesmo quando prediz o futuro” (HARRINGTON, 1985, p.272). Faz-se necessário compreender o pano de fundo histórico e cultural do autor para não especular e esvaziar a Palavra divina.

Como afirma Mosconi, os profetas questionavam, incomodavam e tiravam o sossego de todos, será que não o faziam justamente para despertar para a Palavra de Deus que é eterna e sempre atual sendo o que a sociedade pós-moderna precisa? (MOSCONI, 1998, p.148). Para isto não se faz necessário uma especulação bíblica, como se fosse preciso tornar a Bíblia relevante hoje distorcendo as palavras proféticas do passado.

Muitos pregadores especulam sobre o sentido da profecia bíblica, tratando-a como mero instrumento de predição do futuro. É lamentável que, segundo Scott (1968, p. 14):

“Os mestres que pretendem ter esta habilidade [predizer o futuro utilizando textos bíblicos] encontram seguidores prontos entre os incautos, que são levados, por uma curiosidade natural e pela fascinação do misterioso, a imaginar que podem cruzar a entrada proibida e penetrar nos desígnios do Altíssimo”.

Muitos há que exploram a fé das pessoas desviando-as do real sentido do texto bíblico; provavelmente por ser mais cômodo.

É extremamente relevante compreender a autoridade e mesmo o plano de Deus para a humanidade, afinal “na visão bíblica a história era prenhe de significação; tinha começo e, tendendo para a meta dada por Deus terá um fim” (HARRINGTON, 1985, p. 307). O que se faz necessário é compreender o profeta e seu texto como frutos de seu tempo fugindo do “perigo de se esvaziar ou distorcer a figura do profeta” (MOSCONI, 1998, p.147). É preciso fortalecer a concepção de que Deus conduz a história humana, sendo seu iniciador, mantenedor e redentor.

Em um primeiro momento se buscará esclarecer o que é profetismo e como é percebido na história bíblica. Para o entendimento do costume cultural de um período é preciso traçar um pequeno histórico de como o profetismo era vivenciado por outras culturas no mesmo período. Então se adentrará no profetismo bíblico, como Deus transmitia sua mensagem ao profeta (quais os métodos utilizados pela divindade para que o profeta compreendesse o que deveria ser proclamado). Seguir-se-á com as maneiras utilizadas pelos mensageiros para proclamar a palavra provinda de Deus.

Os homens que se envolveram na atividade profética receberam alguns títulos como homem de Deus, vidente e, por fim, profeta. O nome de algo define sua peculiaridade e sua função. O surgimento e o significado de cada termo será investigado para compreender como o povo que cercava estes homens entendia o papel social destes.

Além de buscar entender como o povo compreendia a função do profeta, é preciso estudar como ele percebia sua missão. Ao ler os textos proféticos bíblicos é interessante reparar como cada indivíduo agiu ao ser chamado por Deus para a missão profética. Ao analisar as mensagens e as consequências destas para os profetas, pode-se deparar com o que ocupava o centro das preocupações destes homens.

Ao se ler a Bíblia, especialmente a literatura profética, o que ressalta aos olhos é a adoração a Deus. O que significava para o profeta adorar ao Senhor é extremamente importante. O que envolvia a adoração, quando e onde praticá-la é o cerne dos discursos proféticos e o objetivo desta pesquisa. Para isso se esmiuçar os onze primeiros versos do sétimo capítulo de Jeremias, pois neste trecho (Jr 7, 1-11) o profeta trabalha justamente com os erros praticados pelos judeus em sua adoração a Deus. Na leitura mais detalhada desta passagem, compreendendo o contexto social e político do profeta é possível entender a ênfase do texto profético.

Por fim, observar-se-á uma atitude e algumas palavras do maior de todos os profetas – Jesus. A ação analisada será a purificação do templo e o discurso em que se pensará é o que Jesus diz sobre si mesmo a João Batista. Na reflexão sobre estes episódios se perceberá quais pessoas estavam no centro da ação profética de Jesus.

2 LITERATURA PROFÉTICA

2.1 O QUE É PROFETISMO

Atualmente na língua portuguesa o significado da palavra profeta é bem simples, apenas destaca o aspecto de predizer o futuro minimizando o elemento religioso e social. Isto é perceptivo até mesmo nos dicionários. Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa profecia é: predição do futuro, oráculo, vaticínio e conjectura. No mesmo dicionário a palavra profeta significa aquele que prediz o futuro, adivinho e vidente; o termo também é muitas vezes usado como sinônimo de mago. Considera-se profecia qualquer informação sobre algo que ainda não aconteceu, seja ela confiável ou não. Para se fugir deste equívoco e resgatar o real sentido do profetismo é preciso compreender qual o papel da profecia e quando ela surgiu.

Ellermeir afirma que “um fenômeno histórico pode ser captado adequadamente só quando se esclarecem os seus inícios, o que também é válido tratando-se da profecia” (apud SCHÖKEL, 1988, p. 26). Por tal razão, esta pesquisa inicia-se com um breve histórico do profetismo.

Na Antiguidade grande parte da humanidade acreditava que a Terra estava sob o domínio dos deuses, não há registro de civilização alguma que não acreditasse em algum modelo de divindade. Não há como negar a afirmação de Plutarco: “podereis encontrar uma cidade sem muralhas, sem edifícios, sem ginásios, sem leis, sem uso de moedas como dinheiro, sem cultura das letras. Mas um povo sem deus, sem oração, sem juramento, sem ritos religiosos, sem sacrifícios, tal nunca se viu” (FILHO, 1987, p. II).

O profetismo estava muito presente no Antigo Oriente Médio. Procurava-se saber quais as orientações dos poderes celestiais para governar, entrar em batalha ou ainda, a época de plantio (ROAF, 1996, p. 72). Há relatos deste fenômeno religioso em 3000 a.C ao norte da Síria em Ebla e Emar, porém pouco se sabe de como era praticado.

No Egito, nação na qual o povo de Israel viveu um bom tempo antes de adquirir sua própria cultura, o profetismo pode ser demarcado em aproximadamente 2000 a.C. Este material se constituía de conteúdo divinatório e mágico, distante das implicações que este fenômeno apresentaria em Israel. Mas Bressan (1978, p. 20) destaca:

Não passe, contudo, esquecida a informação de Plínio, o Antigo, sobre os casos de arrebatamento ou delírio de jovens durante as cerimônias em honra ao touro Apis, com predições de coisas futuras, nas quais se poderia vislumbrar uma forma de profetismo.

Um texto considerado profético no Egito é a *Profecia de Neferti* onde é expresso um auxílio futuro para o país em tempo de dificuldades, tal livramento aconteceria com o surgimento de um rei justo. O texto foi “sem dúvida composto no tempo do rei Ammenenes I (duodécima dinastia), que dele usou para dar sustentação ao seu governo. O texto foi então usado como propaganda política” (WILSON, 1993, p. 120). Esta profecia ilustra a relação com a sabedoria, observando-se o passado para previsão do futuro. Neferti não foi um profeta, mas sim um leitor sagrado e considerado um homem sábio.

São poucas as semelhanças entre as profecias do Egito e de Israel, o que as aproxima é o emprego dialético de ameaças e promessas (SCHÖKEL, 1988, p. 26). Os que falaram no Egito não eram denominados profetas e não tinham raptos extáticos, mas eram considerados sábios capazes de penetrar no futuro, embora incapazes de desprender-se do tempo em que se inseriam (SCHÖKEL, 1988, p. 27). As profecias egípcias enfatizam a percepção e a sabedoria diante de problemas políticos, supõe-se que os textos tenham sido elaborados por escribas da corte real egípcia. Estas tinham um importante cunho político, algumas vezes para que o poder fosse mantido e as políticas governamentais sustentada. Em outros casos (normalmente ligado a estrangeiros no poder) havia um resgate a ordem social antiga para se obter posições no centro da sociedade. (BAINES, 1996, p. 209).

A adivinhação na Mesopotâmia era muito considerada, isto é perceptível devido ao número de tabuinhas cuneiformes que tratam de presságios e assuntos similares. Segundo Monloubou (1986, p.10) “O *baru* [ou vidente] vivia no templo e formava, com aqueles que exerciam a mesma arte, uma seção do pessoal que servia no santuário. A sua especialidade era anunciar o futuro.”

No “período veterobabilônico (1894-1595), os escribas já começaram a coligir e sistematizar certos tipos de presságios e este procedimento continuou por toda a história babilônica e assíria” (WILSON, 1993, p. 88). No reinado de Zimri-Lim em Mari (1725-1693 a.C) e de Hamurabi na Babilônia (1728-1686 a.C), alguns homens julgavam profetizar, estes proferiam oráculos em nome de seus deuses entre os quais podem ser citados Dagan, Hadad e Marduk.

Os mesopotâmicos consideravam todos os aspectos da realidade como inter-relacionados. Os indivíduos desta cultura acreditavam que se alguma coisa acontecesse antes

de uma tragédia, quando este fato se repetisse a tragédia voltaria a acontecer. Por esta razão registravam tudo, elaborando escritos que direcionavam as futuras ações e previam o que aconteceria (ROAF, 1996, p. 72). Assim: se em um dia os habitantes encontrassem uma raposa morta no centro da cidade e se iniciasse um período de seca para a região, quando futuramente os habitantes encontrassem uma raposa morta no centro da cidade (e fossem estudar os escritos) deduziriam que começaria uma seca e saberiam o que fazer.

Todo o evento ocorrido na Mesopotâmia se considerava vontade dos deuses, desta maneira era possível interpretar a mensagem deles. Ao longo do tempo desenvolveram-se muitos métodos adivinatórios, entre os quais se destacava o estudo dos registros de acontecimentos dos fenômenos e os eventos que os acompanharam, como citado no parágrafo anterior. Também havia outros métodos para consulta aos deuses e obtenção de orientações como: o jogo de dados, a forma da fumaça na queima de incenso, as configurações formadas ao se por gotas de óleo na água, o estudo de sonhos e o exame das entranhas de animais (BINGEMER, 2002, p. 39).

O mais famoso modelo de presságio da Mesopotâmia trata-se dos astrológicos, como descreve Wilson (1993, p.92):

Presságios baseados em fenômenos celestes são atestados tão cedo como no período veterobabilônico e pelos começos do primeiro milênio milhares destes presságios foram reunidos na série “canônica” chamada *enuma Anu Enlil* (quando Anu e Enlil...). Esta série trata das fases da lua, do sol, das estrelas fixas, dos eclipses e do movimento dos planetas, particularmente Vênus. Dá-se também atenção a fenômenos meteorológicos, tais como trovão, chuva, granizo e formações de nuvens. Em datas mais tardias observações astrológicas eram acopladas a relatos de nascimento para formar horóscopos e prediziam o futuro de crianças recém-nascidas.

Na Assíria praticava-se uma forma de profecia extática mediante as sacerdotisas da deusa Istar em Arbela. Um texto de 1850 a.C fala da profecia feita para Uruk, na qual é descrito um homem, sem registrar seu nome, como mensageiro de uma divindade. Este texto não está bem conservado, por isso não há como saber se realmente é profético (MONLOUBOU, 1986, p.12). Nos séculos XVIII e XVII havia o homem que entrava no céu (*mahhû*) e o respondente (poderiam ser mulheres também).

Neste mesmo período em Mari¹ (atual Iraque, no médio do Eufrates) foram escritas as cartas que atestam os profetas, os denominando de *muhhûm*² ou *apilum* e profetizas

¹ Mari, cidade localizada as margens do Eufrates, hoje Tell Hariri na Síria foi explorada arqueologicamente desde 1933 por uma expedição francesa. (BINGEMER, 2002, p. 39)

denominadas *muhhûtum*. Estas pessoas se dedicavam ao templo de uma divindade e deste ser divino transmitiam os oráculos ou presságios através de sonhos ou experiências extáticas. Foi através da descoberta das tabuletas em Mari que se obteve o conceito de profetismo semítico.

Neste material percebem-se casos em que deus é quem procura o profeta, diferente dos relatos anteriores onde sempre a iniciativa de comunicação partia do homem. Os deuses procuravam as pessoas que se dedicavam a eles em seus templos, esses indivíduos eram investidos pela ação divina. Diversas divindades são citadas, dezoito profetas são denominados, diferente de muitos outros anônimos, tanto profetas homens como mulheres são apresentados indistintamente, cerca de 200 profetas possuíam um título mais cultural, estes eram associados a uma deidade em particular. De um modo geral as profetizas não tinham títulos culturais e suas profecias revelavam-se em sonhos.

Nos tabletes de Mari encontra-se uma quantidade de oráculos públicos, ditos em assembleias com temas políticos e para momentos de crises, mas havia também oráculos pessoais (normalmente ligados a realeza) (BINGEMER, 2002, p. 39). Em um desses registros é retratado um contexto de guerra no qual o exército de Mari e da Babilônia se uniram para atacar um inimigo em comum; tais exércitos combinaram de se encontrar e consultar os profetas para decidir a ação militar. Este encaminhamento era comum entre os exércitos da antiguidade.

Outro tablete (citando o contexto de guerra) descreve que não houve da parte dos homens a busca pela direção dos deuses, mas o próprio deus Dagan iniciou a revelação. Este deus declara a um profeta em sonho que se o rei de Mari, Zimri-Lim, confiasse nele não se decepcionaria. Aqui, há mais proximidade com o profetismo bíblico, pois deus toma a iniciativa de comunicação com o homem. O rei foi repreendido por não refugiar-se em deus e houve a garantia de proteção sob a condição de Zimri-Lim mostrar sua confiança de forma prática. O mensageiro entre o deus e o rei não era da corte e sim um homem simples.

Pode-se observar dois detalhes interessantes nos textos encontrados nos tabletes de Mari: primeiramente o fato da revelação não ser fruto de deduções mecânicas, tratava-se de homens inspirados cuja experiência pode ser qualificada como religiosa e inclusive mística. O segundo ponto é que o deus embasa suas reclamações na eleição e na aliança. Estes dois aspectos fazem relação entre os homens de Mari com os profetas hebreus, que também são inspirados e associam a intervenção divina com as ideias de aliança e eleição.

² “O termo *muhhûm* é derivado da raiz verbal *mahûm* que significa cair em transe, estar em transe.” (BINGEMER, 2002, p. 39)

As semelhanças entre o profetismo de Mari com o bíblico é o fato de usarem-se homens e não mensageiros celestiais; homens conscientes de sua missão (considerados enviados); traziam um oráculo para o rei (um discurso e não um texto); atuavam em momentos de crise. Outro aspecto semelhante é o pedido da divindade por fidelidade em todos os aspectos da vida. Segundo Schökel (1988, p. 28):

A embaixada de Mari apela para a pessoa, a fim de que se mantenha fiel à divindade. Não é a fidelidade meramente cültica. Não seria suficiente, a apresentação da oferenda. Ela abrange todas as esferas da vida. Deus exige que o rei coloque em suas mãos todo-poderosas todo o seu destino em troca de perene proteção divina.

De acordo com Schökel (1988, p. 28) havia também algumas diferenças também entre o profetismo de Mari e o bíblico, sendo estas:

Os profetas israelitas não interpelam apenas o rei; é o povo inteiro que fica comprometido. O profeta do Antigo Testamento não se conforma com vantagens exteriores. Exige transformação interior: não calcula o número de cordeiros sacrificados; reclama com urgência sensibilidade perante o desamparado, relacionamento recíproco de respeito e lealdade.

Em Canaã o profetismo também existia. A Bíblia ressalta a prática de falsos profetas na Síria, Fenícia e nos demais povos desta região, há referências bíblicas de cultos e homens dedicados a Baal, um deus da Fenícia. Nesta região o profetismo se apresentava em festins licenciosos, onde as pessoas buscavam o saber e a vontade de entidades superiores através de elementos que indiretamente revelam as coisas ocultas para orientar o agir humano. Além dessa prática, os cananeus usavam árvores sagradas (como o carvalho de Moré), sonhos e vôos de pássaros para interpretar a vontade das divindades.

Fora dos textos bíblicos aparecem poucas indicações referentes aos intermediários entre os deuses e o povo na Palestina e Síria. A referência mais antiga remonta ao ano 1100 a.C, no período de Ramsés XI (último governante da dinastia do Antigo Egito). Este texto relata o episódio em que Wen-Amon, um sacerdote de Amon em Karnak, é enviado pelo Sumo Sacerdote à Biblos para adquirir madeira (provavelmente de cedro) para construir um novo navio que transportaria a imagem de Amon. Ao chegar a Biblos, Wen-Amon foi recebido de maneira muito hostil, quando ele finalmente conseguiu uma audiência com Zakar-Baal (o rei local) foi-lhe recusado a mercadoria solicitada. Após quase um ano, quando o rei de Biblos (Zakar-Baal) decide oferecer sacrifícios aos deuses, o deus egípcio Amon através de um dos pajens leva a mensagem a uma princesa e ela a transcreve e entrega ao regente da

cidade. A mensagem dizia ao rei para autorizar Wen-Amon a permanecer em Biblos e receber o material solicitado. O pajem e a princesa foram os intermediários entre o deus e o rei. (MONLOUBOU, 1986, p.15)

O termo profeta era também utilizado por outras civilizações além do povo de Israel e em outros textos além dos bíblicos, a palavra era exatamente a mesma: *naby'*. Estes profetas entravam em estado extático, mas não há registros deles darem oráculos a não ser um, onde uma jovem princesa entregou o oráculo sobre Wen-Amon citado no parágrafo anterior. Mesmo com a chegada do povo de Israel em Canaã os povos desta região continuavam a adorar seus deuses e existia o profetismo.

Ainda em Canaã no século VIII os textos proféticos se assimilavam aos bíblicos, como comprova a arqueologia. Houve uma descoberta em Tell Deir 'Alla (moderna Jordânia) em 1967 de uma inscrição aramaica de aproximadamente 700 a.C., se referindo ao filho de Beor, o vidente dos deuses, que teve uma visão e obteve a resposta de um enigma. Esta inscrição, em suas primeiras linhas, atribui o conteúdo ao filho de Beor, Balaão, que é denominado vidente dos deuses. O texto relata um sonho de Balaão onde lhe é trazido uma mensagem perturbadora. O conteúdo da mensagem não é claro e a inscrição continha mensagens recebidas em outras ocasiões. Os fragmentos que se preservaram declaram que a mensagem dos deuses era de ruína. Este quadro se harmoniza com o relato do livro bíblico de Números 22-24 em que Balaão de Beor é descrito como alguém que amaldiçoa por profissão, mas não consegue amaldiçoar Israel. Os escritos de Deir 'Alla foram registrados em uma estela que poderia ser considerado um lugar de culto (MONLOUBOU, 1996, p. 646) e (SICRE, 2002, p. 229).

Outras similaridades aparecem quando o deus Be'elsamayan envia seus adivinhos com a mensagem de proteção durante a guerra travada pelo rei de Aram. No século seguinte entre os arameus relata-se um oráculo de proteção trazido por um visionário para responder a inquietação do rei. Da Mesopotâmia e Síria neste século há uma grande quantidade de mensagens proféticas para os reis, como registra Eaton (2000, p. 12):

Numa inscrição aramaica, o rei Zakir de Hamath (norte da Síria, 780 a.C) conta como foi sitiado por Hazel, rei de Damasco (cf. 1 Reis 19,15-17). Ele prossegue: Ergui minhas mãos para o Senhor dos céus, que me respondeu e falou a mim por meio de videntes e mensageiros e disse: não temas, pois eu te fiz rei e agora ficarei a teu lado e te libertarei.

No século VII na Assíria havia um grande interesse na comunicação com os deuses, inclusive através de profetas. Observa-se o profeta trabalhando junto à corte, como nos

tabletes de Mari e também no texto bíblico. Os profetas deste contexto entravam em visão extática³, atuavam sozinhos ou em grupos, também eram chamados de reveladores (MONLOUBOU, 1986, p. 14). Estes intermediários integravam a estrutura social e provavelmente exerciam suas atividades no contexto do culto, sua função era de manutenção social.

Normalmente o profetismo surgia em momentos de guerra, como se fosse possível garantir a vitória ao associar-se a algum deus, mesmo não havendo compromisso do povo com a moral e com as pessoas a sua volta. Os deuses não repreendiam os homens, as mensagens dos profetas se limitavam as coisas materiais e não havia um senso maior de justiça social, de preocupação moral e de crescimento espiritual.

O profetismo bíblico se distancia do profetismo até aqui comentado, pois como declara Harrington (1985, p. 266):

Embora na sua modalidade mais primitiva o profetismo de Israel pouco diferisse do mesmo fenômeno da Mesopotâmia – nomeadamente na Fenícia e em Canaã – evoluiu e tornou-se algo de característico, algo de único na ordem dos fatos, passando a ser um dos mais importantes fatores do povo escolhido.

As diferenças não são em número, mas na forma. Entre as diferenças pode-se destacar que os profetas bíblicos não se dirigiam apenas a corte, mas também ao povo em geral: homens e mulheres, senhores e servos, simples, humildes, excluídos e opressores. Outra diferença significativa é que se exigia uma transformação interior dos indivíduos, reclamava-se da falta de sensibilidade perante o desamparado e objetivava-se renovar as raízes da sociedade.

O profeta compreendia que sua missão não seria popular e que correria risco até mesmo de vida, mas mesmo assim era perseverante em seu pedido de conversão. O profetismo bíblico não tem medo de questionar a situação presente e vislumbrar um futuro diferente para seu povo, mantém viva a consciência crítica, a memória de um Deus libertador, denuncia as autoridades que serviam a outros deuses e oprimiam o povo.

³“O delírio não era necessariamente muito violento. Às vezes ele era produzido graças às técnicas de uma eficácia reconhecida: instrumentos de música tão variados como sonoros... Bater palmas, gritos, danças e mutilações.” (MONLOUBOU, 1986, p. 14)

2.2 PROFETISMO BÍBLICO

O profeta era considerado como a voz de Deus para o povo, um canal de comunicação que Deus escolheu para orientar os homens sobre o que deveriam fazer e quais as consequências de suas ações. Primeiramente Deus revelava sua mensagem ao profeta então, o profeta a proclamava.

Para perceber a beleza da palavra profética, a riqueza de seus textos e compreender melhor o que declara, é importante compreender como Deus transmitia a mensagem ao profeta e como este a transmitia a sua comunidade. Este é justamente o assunto que será explorado neste espaço. Seguir-se-á a sequência dita: primeiramente como Deus revela ao profeta a mensagem e na sequência como este a transmitia.

2.2.1 Os meios de comunicação entre Deus e o profeta

Os relatos bíblicos descrevem que a revelação divina acontecia mediante três métodos principais: o primeiro através de visões, o segundo envolvia as palavras e o terceiro método englobava êxtase, transe e possessão. O último item é o mais debatido por não ser uma forma empírica e mensurável.

Por vezes os profetas comentavam sentirem-se de forma estranha, como é declarado em Isaías 21,2-4. Em outros momentos eles se declaram abatidos, angustiados, em longas vigílias de meditação e alguns profetas pareciam perdidos em um pensamento profundo (EATON, 2000, p. 14) e (SEUBERT, 1992, p.14). É difícil definir o estado em que se encontrava o profeta. Há quem coloque que todos os profetas de Israel entravam em êxtase visto que o êxtase profético é produto da ação de Deus (SICRE, 2002, p.107). Todos os profetas apresentam um estado de inspiração e exaltação psíquica. Sicre continua afirmando em sua obra:

O êxtase é um estado peculiar do espírito e do corpo que se apodera do homem enquanto este experimenta uma sensação particularmente intensa. Esta toma conta dele a ponto de ter a impressão de ser arrastado por uma corrente d'água ou que seu coração arde como um fogo interior.

Outra forma de Deus comunicar-se com os profetas se dava através da visão, “os profetas viam Javé no processo de marcha da história” (SCOTT, 1968, p.61). Nos livros proféticos há sessenta e nove referências de que o profeta viu algo; com tantas referências não há como negar a importância da visão como meio de transmitir a palavra ao profeta. Ressalva Schmidt (1994, p. 177):

Na visão o profeta pode manter um diálogo com Deus. Portanto a consciência do profeta de forma alguma está desligada, pelo contrário, ela está muito alerta. Além disso o conteúdo da visão não precisa ser posteriormente traduzidos em pensamentos claros e compreensíveis. Antes, a visão de antemão desembocam em audições, ou seja, em conteúdos que podem ser expressos em palavras e são, portanto compreensíveis e transmissíveis.

Aparentemente há um esquema fixo: Deus mostra algo ao profeta, pergunta o que ele vê, este responde e, por fim, o Senhor diz a mensagem relacionada ao que é visto. Abaixo há apenas um exemplo de muitos textos que seguem esta estrutura:

a) No capítulo 24 de Jeremias

A visão (Jr 24, 1 e 2): Iahweh me fez ver dois cestos de figos colocados diante do Templo de Iahweh. Foi depois que Nabucodonosor, rei da Babilônia, desterrou de Jerusalém Jeconias, filho de Joaquim, rei de Judá, os príncipes de Judá, bem como os ferreiros e serralheiros, e os levou para a Babilônia. Um cesto tinha ótimos figos, como os figos da primeira sazão; o outro cesto tinha figos estragados, tão estragados que não podiam ser comidos.

A pergunta sobre o que é visto (Jr 24, 3a): E disse-me Iahweh: “Que vêes, Jeremias?”

A resposta do profeta (Jr 24, 3b): E eu disse: “Figos. Os bons são muitos bons, e os estragados são tão estragados que não podem ser comidos.”

A mensagem do Senhor (Jr24, 4 - 10): Então a palavra de Iahweh me foi dirigida nos seguintes termos: Assim disse Iahweh, o Deus de Israel. Como a estes figos bons, assim olharei com bondade os exilados de Judá que mandei deste lugar para a terra dos caldeus. Porei os meus olhos sobre eles para o bem e os farei retornar a esta terra. Reconstituí-los-ei e não os demolirei, plantá-los-ei e não os arrancarei. Dar-lhes-ei um novo coração para que me conheçam, que sou Iahweh. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus, porque eles retornarão a mim de todo o coração. Mas como os figos estragados que, de tão estragados, não podem ser comidos – sim, assim disse Iahweh –, assim tratarei a Sedecias, rei de Judá, os seus príncipes e o resto de Jerusalém: aqueles que restarem nesta terra e os que habitarem na terra

do Egito. Farei deles um objeto de horror, uma calamidade para todos os reinos da terra; uma vergonha, uma fábula, um escárnio e uma maldição em todos os lugares, para onde os expulsar. Enviarei contra eles a espada, a fome e a peste, até que desapareçam do solo que dei a eles e a seus pais.

Nesta estrutura as visões apresentam personagens celestes (Zacarias 2,3) e terrestres (Jeremias 18,2). Podem ocorrer na corte celeste (Isaías 6,1), no cosmo (Amós 7,3-4), em um lugar concreto (Ezequiel 8,14), em um lugar fictício (Ezequiel 37,2), um lugar real modificado (Ezequiel 40-48) ou pode não ter cenário (Isaías 21, 1-10). Pode ser visto objetos celestes (Isaías 14,13) ou terrestres (Zacarias 4,2), animais (Isaías 1,3) ou pessoas (Zacarias 3,1) (SCOTT, 1968, p.90).

Lindblom (apud SICRE, 2002, p.98 e 99) classificava as profecias em três grupos: visões extáticas, percepções simbólicas e visões literárias. As visões extáticas são apropriadas pelo profeta sem causas externas; o que o profeta vê pode até ser descrito, mas não segue uma conexão estrutural e não está preso ao tempo cronológico (Ezequiel 1). As percepções simbólicas partem de algo real, mas este algo é usado como símbolo de outra realidade (Oséias 1-3). As visões literárias são produzidas em um estado de exaltação e seu resultado pode ser descrito em poesia (Jeremias 46).

Em profecia o personagem principal é a palavra, agora será comentada a última forma de Deus se comunicar com o profeta, a palavra (SCOTT, 1968, p. 91). A expressão *veio a palavra do Senhor a...* ou *veio-me a palavra do Senhor* aparecem cento e trinta vezes. Já a expressão *disse-me o Senhor* ou *disse o Senhor a* ocorrem cento e três vezes. A expressão, *ouvi*, aparece cento e catorze vezes nos livros proféticos, isso porque Deus fala ao profeta (BRESSAN, 1978, p. 37).

Outras expressões muito usadas pelos profetas são: *assim diz o Senhor* (ocorre 425 vezes), *oráculo do Senhor* (aparece 365 vezes), *fala o Senhor* (há 41 aparições) e *diz o Senhor* (aparece 69 vezes). Ou seja, novecentas vezes o profeta acentua que sua mensagem foi transmitida pelo próprio Deus, pois para ele é mais importante ressaltar que a palavra é divina. “A categoria mais ampla na tradição dos assim chamados profetas literários é formada pelos ditos” (SCHMIDT, 1994, p. 178).

“A audição era, de certo, uma experiência íntima do profeta” (SCOTT, 1968, p. 91). Algumas vezes o que o profeta ouvia era uma ordem de Deus para dirigir-se a um lugar e fazer algo, como em Oséias 1,2 ou Jeremias 2,1-2. Sicre (2002, p.103) afirma:

Outras vezes, a palavra centra-se em uma falta grave da sociedade, atitude esta que deve mudar ou suprimir. Em certas ocasiões será uma palavra de ânimo, que consola em meio às tristezas do presente e assegura um futuro melhor. Há palavras pessoais para o profeta, dirigidas a ele para repreendê-lo ou animá-lo, e palavras que se destinam às nações. Palavras centradas no presente que voam para o futuro longínquo.

Deus sempre respeita a liberdade concedida ao homem, assim, sua palavra pode ser desprezada pelo profeta e/ou pelo povo. Também, a divina palavra apresenta algumas características: não vinha exatamente quando o povo queria, poderia ser dura, exigente e clara. Segundo Sicre (2002, p.105)

Para nós ela pode parecer obscura e difícil devido aos muitos séculos que nos separam dela, devido aos pressupostos históricos políticos, culturais, econômicos, que muitas vezes desconhecemos. Para os contemporâneos do profeta não havia dúvida quanto ao que ela dizia. E não havia possibilidade de revisão essa palavra de Deus era irrevogável, agradasse ou não.

É preciso manter em mente que Deus também falava através dos fatos da vida no cotidiano e através das pessoas. “Os profetas encontram nas ruas temas do momento que levaram a seus comentários” (SEUBERT, 1992, p.23), alguns exemplos:

Foi-me dirigida a palavra de Iahweh nos seguintes termos: “O que estás vendo, Jeremias?” Eu respondi: “vejo um ramo de amendoeiras”. Então Iahweh me disse: “Viste bem, porque eu estou vigiando sobre a minha palavra para realizá-la”. (Jr 1, 11 e 12)

E a palavra de Iahweh foi-me dirigida, uma segunda vez, nestes termos: “O que estás vendo?” Respondi: “Vejo uma panela fervendo, cuja boca está voltada a partir do Norte.” E Iahweh me disse: Do Norte derramar-se-á a desgraça sobre todos os habitantes da terra. (Jr 1, 13 e 14).

2.2.2 Os meios de transmissão da mensagem do profeta ao povo

Uma vez que o profeta possuía uma mensagem, ele devia levá-la ao povo, a não ser que a mensagem fosse apenas para ele. “Os profetas são homens da palavra. Isto significa que devem colocar à disposição de Deus sobretudo a sua linguagem. É como se tivessem que oferecer a carne e o sangue, a vida e a expressão da sua língua, a fim de que neles se encarne a palavra de Deus” (SCHÖKEL, 1988, p.16). O profeta transmitia a palavra divina de três

formas: proclamando, por ações simbólicas e/ou através de seus escritos. Assegura Sicre (2002, p.137)

Os livros proféticos talvez sejam os mais difíceis de todo o Antigo Testamento. O fato não deve estranhar-nos. Para compreender uma mensagem tão encarnada na realidade do seu tempo é preciso conhecer as circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas em que tais palavras foram pronunciadas. Por outro lado, os profetas usam freqüentemente uma linguagem poética, e todos sabemos que a poesia é mais densa e difícil do que a prosa.

Muitas vezes o profeta evitava discursos longos, podendo ser sua fala: breve, concisa, dura e até irônica. Suas proclamações não eram feitas através de sermões (como acontece hoje nos movimentos religiosos), algumas vezes até acontecia, mas se utilizava as formas literárias de seus dias. A palavra de Deus foi inspirada pelo Espírito de Deus, mas quem a registrou foram homens envolvidos no contexto histórico. Naquele tempo havia quatro principais formas de apresentação utilizadas pelos profetas:

a) A primeira representava a sabedoria tribal e familiar. Aqui os discursos eram de exortação e interrogação. Os gêneros envolvidos eram de parábolas, alegorias, enigmas, comparações, bênçãos e maldições, (SCOTT, 1968, p. 103).

b) A segunda forma era religiosa. Encontram-se hinos, orações e instruções. Observa-se como hino o relato de Isaías 12; como oração o texto de Habacuc 3 e instruções em Isaías 1.

c) A terceira envolvia a esfera judicial, algumas vezes os profetas empregavam o discurso acusatório, a requisitória, a formulação casuística. Este caso pode ser observado no Relato de Ezequiel 18,5-9. Neste gênero judicial aparecem cinco elementos: a convocação das testemunhas (céu e terra) e dos réus; o interrogatório (sem espera de resposta); os benefícios, as infidelidades e a declaração da culpa e condenação.

d) A quarta forma de apresentação retratava a vida cotidiana, normalmente uma série de cantos envolvendo amor, trabalho e morte (SEUBERT, 1992, p. 23). Entre estes se destaca os ais que as carpideiras gritavam em funerais. Neste caso normalmente as palavras não eram dirigidas ao povo inteiro, em alguns casos a grupos, como os sacerdotes. Também não apresentava a fórmula do mensageiro (referência assim diz o Senhor). Podem aparecer em séries como em Isaías 5 que aparecem em sete.

Um gênero específico dos profetas é oráculo de condenação e ameaça (SCOTT, 1968, p. 104). Segundo Westermann (apud SICRE, 2002, p.147) a estrutura deste oráculo se compunha de um convite a ouvir, a acusação, fórmula do mensageiro e o anúncio de castigo.

Agora, pois, ouve a palavra do Senhor: Tu dizes: Não profetizes contra Israel, nem fales contra a casa de Isaque. Portanto assim diz o Senhor: Tua mulher se prostituirá na cidade, e teus filhos e tuas filhas cairão à espada, e a tua terra será repartida a cordel, e tu morrerás na terra imunda, e Israel certamente será levado cativo para fora da sua terra (Amós 7,16-17).

No início do profetismo em Israel, os profetas usavam esta fórmula. Após Jeremias raras vezes a encontramos. No oráculo para o povo a estrutura que se observa inicia-se com a fórmula do mensageiro: assim diz o Senhor; em seguida há a acusação por várias faltas (mais genéricas); então uma acusação específica seguida do castigo; encerra-se com disse o Senhor. Mas os profetas não se prendiam a estrutura, invertiam a ordem se desejassem. Ressalva Sicre (2002, p.149)

O oráculo de condenação individual é breve, direto, é pronunciado na presença do interessado, que ouve a sentença. O oráculo de condenação contra uma coletividade se dirige ao povo inteiro, a um grupo, ou às nações estrangeiras, e se apresenta como um desenvolvimento do anterior, com um horizonte mais vasto.

Também havia o oráculo de salvação que se compunha de um discurso breve, a promessa de salvação, a motivação e as conseqüências (MONLOUBOU, 1986, p.27).

Outra forma do profeta transmitir sua mensagem se dava através das ações simbólicas (BRESSAN, 1978, p. 53). “As ações dramáticas eram consideradas expressões potentes da vontade de Deus” (EATON, 2000, p. 14). Com esta atitude era chamada a atenção do povo de forma mais contundente e se gravava a mensagem ainda com mais facilidade. Sicre (2002, p.156) ainda destaca:

Talvez seja por isso que os profetas usaram às vezes este tipo de ações, se bem que nos fique a impressão de que foram bastante condicionados pelo gosto da época. Entre os profetas do século VIII é difícil encontrá-las; em contrapartida, são freqüentes em Jeremias e Ezequiel, profetas contemporâneos do fim do século VII e começo do século VI. Isto demonstra ser relativa a importância das ações simbólicas; desempenham um papel secundário dentro do modo de expressão dos profetas.

Embora não fossem comuns ações simbólicas entre os profetas do século VIII, encontram-se alguns exemplos em Isaías e Oséias:

Iahweh me disse: Toma uma tabuinha de bom tamanho e nela escreve com estilete comum: para Maer-Salal Has-Baz. E toma como testemunhas dignas de fé o sacerdote Urias e o filho de Baraquias, Zacarias. Em seguida me achei à profetisa e ela concebeu e deu a luz à um filho. Então Iahweh me disse: Dá-lhe o nome Maer-Salal Has-Baz, porque, antes que a criança saiba dizer “papai” e “mamãe”, as riquezas de Damasco e os despojos de Samaria serão levados para o rei da Assíria. (Isaías 8,1-4)

Nesse texto de Isaías é relatado o nascimento do filho do profeta, o nome da criança era Maer-Salal Has-Baz, significava pronto para o saque, preparado para o butim. Aqui o contexto histórico era de guerra, em 734 a. C. os sírios e os efraimitas se uniram contra Judá (CROATTO, 1989, p.68). As palavras representavam esperança ao povo de Judá, pois os povos coligados contra eles seriam saqueados pelos assírios. O que de fato aconteceu com a destruição de Damasco e Samaria.

Outro exemplo de ação simbólica de um profeta encontra-se em Oséias 1,2-9:

Começo das palavras de Iahweh por intermédio de Oséias. Disse Iahweh a Oséias: “Vai, toma para ti uma mulher que se entrega a prostituição e filhos da prostituição, porque a terra se prostituiu constantemente, afastando-se de Iahweh. Ele foi e tomou Gomer, filha de Deblaim, que concebeu e lhe gerou um filho. E Iahweh lhe disse: “Dá-lhe o nome de Jezrael, porque ainda um pouco de tempo e eu castigarei a casa de Jeú pelo sangue de Jezrael e destruirei o reinado da casa de Israel. E acontecerá, naquele dia: eu quebrarei o arco de Israel no vale de Jezrael. Ela concebeu novamente e deu à luz a uma filha. Iahweh lhe disse: “Dá-lhe o nome de Lo-Ruhamah, porque doravante não terei mais piedade da casa de Israel, para lhe perdoar. Mas terei piedade da casa de Judá e os salvarei por Iahweh, seu Deus. Não os salvarei nem pelo arco, nem pela espada, nem pela guerra, nem pelos cavalos, nem pelos cavaleiros. Ela deixou de amamentar Lo-Ruhanah, depois engravidou e deu à luz um filho. Iahweh disse: Dá-lhe o nome de Lo-Ami, porque não sois o meu povo, e eu não existo para vós.

Este texto deve ser lido como uma unidade e demonstra o sentimento de um Deus ferido pela infidelidade do povo. O profeta recebe a ordem de casar-se com uma mulher infiel, ligada a prostituição. Esta mulher representava o povo de Israel por ser infiel a Deus. O profeta tem três filhos com ela, o nome de cada filho é escolhido por Deus, pois eram simbólicos.

O primeiro filho é denominado Jezrael, este nome preconiza a queda de Samaria e sua destruição devido às ações erradas do povo. Jezrael tratava-se de uma região onde aconteciam grandes batalhas. Uma possível tradução é Deus espalha, pois os Israelitas seriam espalhados pela Terra.

O segundo filho do casal é uma menina. Deus manda chamá-la de Lo-Ruhamah, que significa não amada, literalmente não recebeu compaixão. Indicava que o reino do norte não seria mais perdoado, mas que ainda havia esperança para o reino do sul.

O casal ainda tem mais um filho, este Deus ordena que o nomeiem de Lo-Ammi. O nome do terceiro filho indica também o aborrecimento com o reino do sul. Lo-Ammi significa não meu povo, como se este povo fosse rejeitado por Deus (PEDRO, 1990, p.63 e 64).

Os últimos anos do século VII e os primeiros do VI trazem um grande aumento por ações simbólicas, graças à predileção que Jeremias e Ezequiel sentem por elas. Embora algumas ações fossem mais complicadas Fohrer e Van Den Born acentuam que os profetas deveriam executá-las (SICRE, 2002, p.170). Em favor da veracidade das ações simbólicas havia a seriedade da ordem divina, o pedido do povo por explicação das ações do profeta, os pormenores relatados e, se era um sinal para o povo, precisava ser praticado.

“Há momentos em que a palavra oral começa a ser fixada por escrito... O conteúdo religioso e humano da literatura profética possui riqueza inesgotável” (SCHÖKEL, 1988, p.19). Há quatro pontos principais no conteúdo: Primeiramente o oráculo serve como instrução, norma ou disposição concreta; em segundo o oráculo interpreta fatos históricos presentes ou futuros (fazendo Deus presente na história humana); em terceiro os oráculos de acusação e condenação que também convidavam a mudança de atitude; e por fim oráculos com promessas.

Os profetas passaram a registrar suas palavras para que pudessem lê-las, não somente ouvi-las. Quando se trata dos livros proféticos, sua construção é muito debatida e poucas são as conclusões. Há casos difíceis inclusive quanto a autoria, o nome do livro não garante ser este o autor. Como é o caso de II Samuel, pois sua morte é registrada no capítulo 28 do primeiro livro de Samuel.

Com relação à autoria e construção da obra, se tais aspectos fossem realmente importantes teriam sido registrados. A preocupação dos profetas estava em destacar o autor da palavra profética, Deus. Segundo Sicre (2002, p.183) “o importante é a mensagem, a palavra de Deus, não a pessoa que a transmite.” O mesmo autor faz a seguinte declaração: “o que convém, sim – e é se está fazendo cada vez mais – é prestar atenção ao resultado final, descobrindo nestes escritos complexos uma unidade maior do que aquela que as vezes se percebe.” (SICRE, 2002, p.197). Tal unidade demonstra Quem realmente conduz a palavra.

2.3 PAPEL DA PROFECIA BÍBLICA

Quando se estuda e se discute os profetas de Israel, não há como não perceber seu compromisso e envolvimento com Deus, a partir de três momentos: o primeiro interpreta a História na perspectiva da divina direção; o segundo ensina o homem em como conviver com Deus e com as pessoas à sua volta; e o terceiro palavra alerta os homens para as consequências de seus atos (SCHÖKEL, 1988, p. 137).

Os profetas percebiam a presença de Deus na história de seu povo através das libertações, das bênçãos e castigos. Muitos deles lembravam o povo o que ocorrera no passado e observavam a ação de Deus em sua história presente. Compreendiam também como Deus os conduziria a uma história futura melhor se o povo optasse por manter-se ao lado de Deus e realizasse o que ele esperava deles.

As palavras e ações dos profetas eram “de uma infalibilidade válida para fundar a esperança, não para produzir um simples assentimento intelectual” (SCHÖKEL, 1988, p. 140).

2.3.1 Títulos proféticos

Profetas, videntes ou mensageiros eram inspirados por Deus e falavam em seu nome, anunciando a sua vontade e, por vezes, prevendo o futuro. Uniam Deus ao povo. A Bíblia fornece diferentes títulos para esses indivíduos, em um mesmo texto aparecem três termos para definir estes agentes:

Mas ele lhe respondeu: “Há um homem de Deus na cidade próxima. É um homem honrado. Tudo o que ele diz acontece com certeza. Vamos até lá: talvez nos aconselhe sobre a viagem que empreendemos.” Saul disse ao jovem: “Se formos, que levaremos ao homem de Deus? O pão já acabou no alforje, e nada temos para levar ao homem de Deus. Que temos mais? O jovem tomou a palavra e disse a Saul: “Ocorre que tenho comigo um quarto de siclo de prata. Eu o darei ao homem de Deus, e ele nos aconselhará sobre nossa viagem”. Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: “Vamos ao vidente”, porque, em vez de “profeta”, como hoje se diz, dizia-se “vidente”. Saul disse ao jovem: “Falaste bem. Vamos então”. E chegaram à cidade onde se encontrava o homem de Deus. (1 Samuel 9,6-11.)

No episódio relatado, há três termos para denominar o homem que agia como instrumento de Deus. O primeiro termo é homem de Deus (este título aparece cinco vezes inclusive); o segundo é vidente e o último é profeta. Compreender o significado de cada termo é interessante, revela a compreensão social da função do profeta.

O primeiro termo é homem de Deus, no hebraico אִישׁ-הָאֱלֹהִים (*'ish-há'elohim*). Esta nomeação referia-se a quem operava milagres devido sua íntima relação com Deus. Não era auto-apregoadado pelo indivíduo, era um reconhecimento que as demais pessoas tinham dele. Este termo aplicava-se a personagens conhecidos como Eliseu, Elias, Moisés, Samuel, Davi. O título homem de Deus aplicava-se também a desconhecidos como Semeias e Ben-Joanã; e também a personagens anônimos como o que condena a Eli em 1 Samuel 2,27, o que denuncia Jeroboão em 1 Reis 13 entre outros (1 Reis 20,28; 2 Crônicas 25,7. 9) (BAUER, 1973, p. 909).

Este título ocorre cerca de setenta e seis vezes, e deve ser entendido como servo de Deus “havendo certa indicação de que o título foi designação honorífica aplicada a certos membros de grupos proféticos” (WILSON, 1993, p.133) e não apenas associado a profetas. Das setenta e seis vezes que o termo aparece em seis vezes foi título de Moisés e três vezes de Davi em sentido apenas honorífico. Muitas vezes a nomeação homem de Deus é usada como sinônimo de profeta sendo ambos os títulos aplicados ao mesmo indivíduo como ocorre em relação a Samuel (1 Samuel 3,2; 9, 6.7.8).

A maioria das referências ao título homem de Deus “se referem a personagens do século e meio que vai desde a divisão do reino (por volta de 931) até os começos do século VIII, quando morre Eliseu... Ficam fora somente as quatro referências a Samuel” (SICRE, 2002, p. 78). Portanto, homem de Deus foi um título pouco usado ao início da história de Israel enquanto nação e atingiu grande uso no período de Eliseu, parando de ser utilizado repentinamente. Tal titulação era usada por toda classe de pessoas, reis, sacerdotes, servos, mulheres etc.

Sicre declara (1996, p. 79):

Se perguntamos o que predomina nessas tradições, e o que pode motivar o uso deste título, a resposta é clara: o homem de Deus possui uma relação tão estreita com o Senhor que pode operar os maiores milagres. O tema da transmissão da palavra de Deus não está ausente destas tradições. Mas, basicamente, não é a palavra que anuncia o futuro ou exige uma mudança do presente, mas a palavra poderosa que torna inesgotáveis o cântaro de farinha e o vaso de óleo, ressuscita mortos, desencadeia o raio. Por isso, quando a viúva de Sarepta se dirige a Elias depois do primeiro milagre, chama-o de homem de Deus. E, quando ressuscita seu filho, afirma ainda mais convicta: agora reconheço que é um homem de Deus e que se cumpre a palavra do Senhor, que tu pronuncias (1 Reis 17,24).

É interessante observar que os personagens deste período compreendiam como milagrosa a palavra, pois eram capazes de transformar vidas, de realizar o que parecia impossível (mesmo que tal palavra fosse manifesta de modo mais modesto, orientando apenas na ação que seria praticada). Estas palavras, que eram pronunciadas pelos homens de Deus, eram poderosas, pois possuíam a capacidade de transformar a realidade.

O segundo termo é vidente, esta palavra em hebraico é רֹאֵה (*ro'eh*). Quando se lê 1 Crônicas 29,29 no hebraico há outra palavra para vidente, הֹזֵה (*hozeh*), tal termo é utilizado em dezesseis ocasiões. “Com esses termos, exprime-se a ideia de visão de coisas divinas, que estão ocultas aos outros homens” (BAUER, 1973, p. 909). As duas palavras são sinônimas, ambas tem o sentido de vidente. O termo *hozeh* significa aquele que vê, se relaciona com a palavra הָזֶן (*hazon*) que traduzida significa visão.

O termo *ro'eh* indica alguém que vê, como se o homem visse antecipadamente o futuro (MONLOUBOU, 1996, p. 820). Esta palavra é usada somente onze vezes, nem sempre está associado com premonição, algumas vezes interpretava os eventos, ou indicava a compreensão de algo mais profundo. Como quando Jeremias ao observar um oleiro moldando um vaso (no capítulo 18 de seu livro) compreende a relação entre Deus e seu povo. Pois, Deus modela o ser humano para que este seja mais completo e útil a si mesmo e as demais pessoas. Assim o vidente vê o que outros não conseguem ver, chamaríamos de discernimento espiritual.

Para Fohrer os videntes surgiram no mundo nômade, embora muitos estudiosos questionem esta afirmação. Mas ainda sim, a documentação bíblica sugere que existiram videntes antes do período da monarquia, quando o povo de Israel era nômade. Estes homens serviam como canal de comunicação entre Deus e o povo, trazendo-lhes respostas divinas.

A palavra vidente é entendida como pessoa perspicaz e um ser dotado de conhecimento. É aquele que tem a capacidade de ver o passado, conhecer o presente e antecipar o futuro, mesmo não entendendo o local do acontecimento. É o indivíduo que possui muita intuição, sagacidade e é muito prudente. Trata-se de um investigador minucioso que consegue evidenciar o que estava vedado, como se penetrasse no secreto; afinal “a consciência de Deus inclui percepção, discernimento e compreensão” (SCOTT, 1968, p 194).

O último termo é profeta, no hebraico נָבִיא (*naby'*). Foi utilizado 315 vezes no Antigo Testamento, sobretudo, a partir do final do século VII e durante o VI. Os significados da raiz נָבִיא (*nby*) é chamar, sendo, portanto homens chamados (HARRINGTON, 1985, p.

267). Tratava-se de profetas extáticos, normalmente associados a um santuário ou corte real. Diferentes dos videntes algumas vezes andavam em grupos chamando-se נְבִיאִים (*nebi'ym*).

A raiz נָבַי (*nby*) também pode ser associada ao verbo borbulhar, ferver e derramar; assim associado à missão profética o *naby'* é alguém que extravasa palavras, aquele que fala fervorosamente e incendeia o povo.

O termo provavelmente se relacionava com o acádio *nabû*, que também significava chamar, anunciar, nomear. Também pode derivar de uma raiz árabe *naba'a* que significava anunciar, como um porta-voz. No caso bíblico “o *naby'* sofria a ação que Deus lhe impunha, e consequentemente a ação profética não dependia da iniciativa humana, mas somente da ação divina” (PETERLEVIRZ, 2008, p.5). Assim o profeta era chamado para uma missão concreta, como um porta-voz autorizado ou oficial.

Seria importante revisar rapidamente o uso de *naby'* no Antigo Testamento. No Pentateuco o termo aplica-se a Abraão e a sua intercessão pelo rei; a irmã de Moisés quando canta a vitória do Senhor (Êxodo 15,20); e a Moisés quando considerado profeta na sua relação com Deus .

Enquanto o Pentateuco usa o termo *naby'* em 14 ocasiões, os livros históricos o utilizam 99 vezes. Estes, porém, não mencionam os profetas mais famosos como Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias, Habacuc, Jeremias e Ezequiel. Nestes livros é mencionado com frequência grupos de profetas, no século IX eles existem em abundância (uma prova desse fato é que durante a perseguição de Jezabel são escondidos com eles). Estes livros históricos falam dos profetas como “instrumentos eleitos por Deus para transmitir sua palavra e exortar o povo a converter-se” (SICRE, 2002, p. 83).

Os livros dos profetas oferecem uma visão interessante do trabalho profético. Em algumas ocasiões alega-se que os *nebi'ym* atuam em grupos e possuem pouco interesse na palavra de Deus. Em Amós se fala bem dos profetas, como sendo um meio de comunicação de Deus ao povo. Em Oséias destaca-se o trabalho de mediador da palavra divina e seu papel de salvador. Em Isaías o termo aparece mais no plural e estes profetas estariam em erro, afinal se associavam a corte e aos sacerdotes ensinando mentiras, eram devassos e não aceitavam a palavra do Senhor. O mesmo é relatado nos livros de Miquéias e Sofonias. Em Habacuc o profeta é visto no sentido positivo, mas tal título é usado somente duas vezes e sempre associado à Habacuc (como se fosse o único profeta fiel a Deus, diferente dos demais) e o mesmo ocorre em Ageu.

Em Jeremias e Ezequiel há numerosas citações positivas e negativas, chamando de profetas até aqueles que não eram do povo; de um modo geral predomina a visão negativa do profetismo. No livro de Zacarias se fala dos antigos profetas de forma positiva, mas nos dias do autor, os *nebi'ym* são apresentados negativamente como mentirosos, covardes e mulherengos (Zacarias 12,1-6). Malaquias usa o termo profeta positivamente ao referir-se a Elias. Segundo Sicre (1996, p. 89) conclui-se o seguinte:

O título *naby'* não implica uma avaliação positiva; aplica-se inclusive aos profetas de Baal e aos falsos profetas de Javé; neste sentido, está muito longe do de homem de Deus... o sentido e a função do *naby'* variam ao longo da história, mas a nota predominante é a de comunicar a palavra de outra pessoa... no Norte os profetas aparecem reunidos em torno do rei, no Sul o centro de atenção é o templo de Jerusalém... As mulheres podem fazer parte deste movimento, e até com grande prestígio, dado muito importante se recordarmos que em Israel elas não tem acesso ao sacerdócio...

Os *nebi'ym* eram *'ish-ha'elohim* (homens de Deus) e *ro'eh* (videntes). Afinal eles precisavam ver e entender o plano de Deus para o povo e aproximar um do outro (MONLOUBOU, 1996, p. 647); suas palavras deveriam transformar a realidade, “A importância dos profetas escritores consiste principalmente no grandioso desenvolvimento da fé em Javé” (BAUER, 1973, p. 912). Também, viam o desenrolar da história de uma forma mais profunda, porque foram chamados por Deus e eram capazes de ver para onde a história caminha.

2.3.2 Um breve histórico do profetismo bíblico

O profetismo bíblico inicia-se com os profetas pré-literários que viveram antes do período clássico da profecia, que somente teve início no século VIII. Alguns não eram apenas líderes espirituais, eram também líderes políticos do povo de Israel, como é o caso de Samuel.

O mais comum é demarcar o surgimento do profetismo na terra de Canaã quando o povo de Israel já estava nesta região. Neste período, a mensagem profética não era escrita. Existem profetas denominados, mas há diversos anônimos.

Neste primeiro grupo (profetas pré-literários) os indivíduos “aparecem como atores do drama nacional, mas não são de modo algum o centro dele (exceto Samuel cujo ofício profético é em realidade subordinado à sua obra como líder nacional)” (RABELLO, 2011, p.

15). Este profeta foi convidado ao profetismo de forma bem interessante, sua mãe o dedicou a Deus mesmo antes de seu nascimento (1 Samuel 1,11). Ainda menino já servia ao Senhor “Samuel estava a serviço da face de Deus, servindo revestido do efod de linho.” (1 Samuel 2,18). O terceiro capítulo do livro de primeiro Samuel inicia comentando a falta de comunicação entre Deus e o povo. O fato desta comunicação voltar através de um menino foi surpreendente.

Entre estes profetas se encontra: Aías de Silo (930 a. C.) que condenava a realeza salomônica e se relacionava com o sacerdócio de Eli e Samuel; Gad e Natã (1000 - 970 a. C.) que aconselhavam e reprovavam o rei Davi; Elias (875 - 850 a. C) que resgatou a verdadeira espiritualidade do povo tirando-os da idolatria e Eliseu (850 – 790 a. C) que ungiu Jeú e instituiu a escola de profetas. Destes dois últimos profetas citados, Elias e Eliseu, “praticamente não sobreviveu nenhum oráculo, talvez porque foram poucas suas falas, uma vez que eram homens mais de ação do que de palavras” (HARRINGTON, 1985, p. 271).⁴

Outros profetas deste grupo podem ser citados: Jeú, Miquéias, Jonas, Hulda e outros anônimos. Sobre estes não há registro do encontro deles com Deus, “nos tempos antigos, personagens famosos como Natã, Gad, Aías de Siló, Elias, Miquéias bem Jemla, nada dizem deste primeiro encontro com Deus que os converteu em profetas” (SICRE, 2002, p.110). Apenas Eliseu recebe o convite ao profetismo relatado em um breve texto de I Reis 19, 16 – 21; a beleza do relato é a prontidão da resposta de Eliseu, talvez por isso exercesse tanta influência no seu tempo.

Os profetas clássicos ou literários (considerados os profetas da idade do ouro da profecia) marcaram a história de Israel por três séculos, entre 750 até 450 a.C. Segundo Peterlevitz (2008, p.7):

Eles atuaram exatamente no período de sobrevivência da monarquia israelita, desde quando Israel atingiu a prosperidade sob a liderança de Jeroboão II, passando pela eliminação do estado do Norte em 722 a.C até a extinção do estado judaíta no século VI a.C. Depois do fim da monarquia judaíta, o profetismo chegou ao fim, por volta de 450 a.C.

Eles “não são um grupo, são indivíduos. São, numa palavra, os que comumente queremos significar quando falamos profetas” (HARRINGTON, 1985; p. 270). Estes homens podem ser divididos em três grupos segundo a época em que estão inseridos; o primeiro grupo era formado pelos profetas do oitavo século (780 – 700 a. C) eram eles: Amós, Oséias, Isaías e Miquéias (MONLOUBOU, 1986, p. 21).

⁴ As datas foram retiradas da obra Os profetas do Antigo Testamento de Louis Monloubou (1986, p. 20).

Amós e Oséias profetizaram no reino do norte, por volta de 760 a.C. A atividade profética de Amós não passou de dois anos, quando foi expulso (Amós 7,10-17) e a de Oséias durou até o fim do reino em 721 a.C (MOSCONI, 1998, p. 33). Isaías e Miquéias atuaram no sul, em Judá. Miquéias profetizou de 725 a 701 a.C. Isaías por ser um intelectual da cidade, atuou em Jerusalém de 740 a 701 a.C. “Todos eles atacaram, cada um a seu modo, a monarquia, os pesados impostos, o poder militar, a idolatria e o templo. Pra eles, a infidelidade a Javé, o culto falso e hipócrita, a traição à aliança com Deus estavam na base de toda a dominação e exploração” (MOSCONI, 1998, p. 33).

Quanto à vocação desses profetas apenas Amós e Isaías registram sua iniciação ao profetismo. A pequenina referência de Amós ao seu chamado é mencionada em Amós 7, 14 e 15: “E respondeu Amós, dizendo a Amazias: Eu não sou profeta, nem filho de profeta, mas boiadeiro, e cultivador de sicômoros, mas o Senhor me tirou de seguir o rebanho e o Senhor me disse: Vai, e profetiza ao meu povo Israel”. Como o Senhor o tirou de seu trabalho e lhe falou não é registrado. Isaías registra seu convite ao profetismo no sexto capítulo de seu livro. Este capítulo pode ser dividido em três partes: primeiramente a visão (relatada nos versos de um a cinco), em segundo a purificação (relatada nos versos seis e sete) e por fim a missão (versos oito até treze). Há completa disposição do profeta para ser usado por Deus (Isaías 6,8) “Isaías se oferece sem saber para quê nem para onde será mandado. É a disponibilidade absoluta a serviço de Deus” (SICRE, 2002, p.113). A missão de Isaías não era fácil, como também a de todos os profetas. Isaías apresentava como era vista por Deus a idolatria e o descaso com o carente.

A política expansionista generalizou-se nos países do Oriente Médio (Amós 1 e 2) e dela participaram também os reinos de Israel e Judá. Nesse contexto surge um forte comércio entre as nações, mas a custa dos camponeses. “Diante dessa situação dura e sofrida, foram surgindo, pouco a pouco, movimentos populares de resistência, movidos por uma firme fé em Javé” (MOSCONI, 1998, p. 31 e 32). Os profetas foram incentivadores e porta-vozes da resistência.

Estes profetas estavam presentes quando ocorreu à crise espiritual em Judá e denunciavam os abusos socioeconômicos “a intervenção desses profetas se inspirou num motivo comum: queriam manter os antigos valores de igualdade e justiça que estavam ameaçados pela política real, a paz que estava ameaçada pela divisão, e a unidade de rito e culto” (HARRINGTON, 1985; p. 270).

No sétimo e sexto século (650 – 585 a. C.) encontra-se o segundo grupo composto pelos profetas: Sofonias, Naum, Jeremias, Habacuc e Ezequiel. Deste grupo apenas Jeremias e

Ezequiel registram sua vocação ao profetismo. Jeremias viveu em um período dramático, pois três grandes potências disputavam territórios: Egito, Assíria e Babilônia. Devido a sua posição entre o Egito e a Mesopotâmia, o reino de Judá sofreu graves consequências das lutas entre os povos vizinhos. Jeremias descobriu sua vocação profética em 627 a. C., mas foi no reinado de Joaquim que este profeta exerceu intensamente sua atividade vivenciando a tristeza de ver Jerusalém destruída (MOSCONI, 1998, p. 34 e 35).

No primeiro capítulo de seu livro registra seu convite ao profetismo: “Deus pensa em Jeremias antes de este nascer. O que mais o texto enfatiza é a ação de Deus (três verbos na primeira pessoa: te formei, te escolhi, te consagrei)” (SICRE, 2002, p.115). No verso seis deste capítulo, Jeremias demonstra medo pela grandeza de sua missão e se considera inapto (HENRY, 2002, p. 612). Sua missão era tremenda, declara White (2004, p. 207):

Por quarenta anos, Jeremias devia estar diante da nação como testemunha da verdade e da justiça. Num tempo de apostasia sem paralelo, devia ele exemplificar na vida e no caráter a adoração do verdadeiro Deus. Durante o terrível cerco de Jerusalém, ele seria o porta-voz de Jeová. Prediria a queda da casa de Davi, e a destruição do belo templo construído por Salomão. E quando aprisionado por causa de suas destemerosas afirmações, devia ainda falar contra o pecado nos altos. Desprezado, odiado, rejeitado dos homens, havia ele de finalmente testemunhar o cumprimento literal de suas próprias profecias de iminente condenação, e partilhar da tristeza e dor que se seguiriam à destruição da cidade condenada.

Temia por não conhecer todos os desafios que encontraria, mesmo assim o profeta seguiu a ordem de Deus: “Mas Iahweh me disse: Não digas: “Eu sou criança”! Porque a quem eu te enviar, irás, e o que eu ordenar falarás.” (Jeremias 1,7) Deus sabia exatamente o que Jeremias pensava, “o problema de Jeremias não radica em suas qualidades oratórias nem na sua juventude, mas em seu medo, não um medo da mensagem, mas das pessoas” (SICRE, 2002, p.116). Por isso Deus o conforta no verso oito: “Não temas diante deles, porque estou contigo para te salvar, oráculo de Iahweh”.

O discurso de Jeremias condenava fortemente o povo de Judá, White (2004, p. 211e 212) mostra que:

Em vão seria a confiança que depositassem no templo e suas atividades. Ritos e cerimônias não podiam expiar o pecado. Embora declarassem ser o escolhido povo de Deus, unicamente a reforma do coração e dos atos da vida os salvaria dos inevitáveis resultados da continuada transgressão.

Por suas palavras duras, Jeremias foi mau tratado, preso e odiado; diante disso abalou-se sua confiança. No capítulo 11 de seu livro declara que o seu fracasso ocorria pelo fato de

não desejarem ouvi-lo e por isso, tentavam matá-lo. Mesmo assim sentia o cuidado e a proteção de Deus. Já no capítulo 15 o que incomodava o profeta além da oposição dos homens era o abandono da parte de Deus (HENRY, 2002, p. 622). O Senhor então critica Jeremias, era necessário ao profeta “converter-se. Se o fizer, Deus lhe promete uma coisa: continuará a serviço dele, continuará a ser a boca de Deus. É uma promessa paradoxal, já que, ao renovar a vocação, Deus renova as perseguições e dificuldades” (SICRE, 2002, p.123). Após a crítica divina, o profeta demonstrou ser um privilégio atuar como a voz de Deus, mesmo em meio as dificuldades considerava ser usado por Deus a maior das recompensas. Assegura White (2004, p. 214):

As experiências pelas quais Jeremias passou nos dias de sua juventude e também nos posteriores anos de seu ministério, ensinaram-lhe a lição de que "não é do homem o seu caminho nem do homem que caminha o dirigir os seus passos (Jeremias 10,23)... Quando chamado a beber o cálice da tribulação e tristeza, e quando em sua miséria era tentado a dizer: "Já pereceu a minha força, como também a minha esperança no Senhor" (Lamentações 3,18), recordava as providências de Deus em seu favor, e triunfantemente exclamava: "As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as Suas misericórdias não têm fim; novas são cada manhã; grande é a Tua fidelidade. A minha porção é o Senhor, diz a minha alma; portanto esperarei nEle. Bom é ter esperança, e aguardar em paz a salvação do Senhor." (Lamentações 3, 22-26.)

Ezequiel é considerado o irmão pobre entre os grandes profetas, pelo menos quanto à biografia sobre a sua vocação (SICRE, 2002, p.117), ele a descreve nos primeiros capítulos de seu livro:

Enquanto falava, entrou em mim o espírito e me pôs de pé. Então ouvi aquele que falava comigo. Com efeito, ele me disse: “Filho do homem, enviar-te-ei aos israelitas, a esses rebeldes que se rebelaram contra mim. Sim, eles e os seus pais se revoltaram contra mim até o dia de hoje. Os filhos são insolentes e de coração empedernido. Envio-te a eles para que lhes diga: ‘Assim diz o Senhor Iahweh’: Quer escutem, quer deixem de escutar – com efeito, são uma casa de rebeldes –, saberão, ao menos, que um profeta esteve com eles. (Ezequiel 2,2-5)

Neste trecho é claro que a iniciativa de falar ao povo não partia do profeta e sim de Deus, pois ele antecipava a dificuldade “quer escutem quer deixem de escutar”. Deus o anima no capítulo seguinte, afugentando o medo dos ouvintes.

Embora estes dois profetas, Jeremias e Ezequiel, não apresentem um resultado prático de suas palavras entre o povo, a beleza no texto bíblico está em perceber que Deus não desiste. “Ainda que não lhe dêem atenção, ainda que o considerem simplesmente como uma canção suave, bem cantada ao som de instrumentos de corda (Ezequiel 33,32), através dele Deus continuou em contato com o seu povo, proclamou a sua palavra” (SICRE, 2002, p.119).

Por fim os profetas do sexto e quinto séculos (597 – 537 a. C), entre os quais se encontram: Ezequiel (o profeta atuou em um período longo, por isso é citado nos dois grupos), Ageu, Zacarias, Malaquias, Abdias, e Joel. Nenhum deles registrou sua experiência com Deus. Dos escritos dos profetas literários cabe ressaltar que muitos deles foram compostos por seus discípulos. Destaca Mosconi (1998, p. 37)

Na Babilônia, após o primeiro impacto, muitos se adaptaram a nova realidade. Surgiu a teologia de retribuição, como se a riqueza fosse uma benção de Deus e a pobreza um castigo. Mas houve a atitude correta, começaram a ler e meditar na Lei de Deus e nos profetas. Nesse grupo havia levitas que possuídos de fé e inspirados na libertação da escravidão do Egito produziram belos discursos proféticos.

Apesar de serem citados apenas dois grupos, os profetas pré-literários e os literários, pode-se afirmar a existência de três ramificações do profetismo. No primeiro grupo, pré-literários, encontram-se os profetas do templo e do palácio, entre os quais podem ser citados Natã e Gad que estavam na corte de Davi. O segundo grupo, os profetas críticos (porém ainda pré-literários) se distanciavam da corte e do templo, entres os quais se destacam Elias e Eliseu. Por fim, os profetas literários considerados mais radicais e clássicos que vão do século VIII em diante, entre estes: Amós, Isaías, Jeremias e diversos outros. Assegura Harrington (1985; p. 269)

Durante a monarquia, lado a lado com os profetas clássicos, havia outro tipo de profetismo que pode ser chamado institucional ou oficial. Esses profetas acompanhavam o rei (1 Reis 22); eram uma parte integrante da nação (Jeremias 28; Neemias 6,12). Esse profetismo não era, em si, uma coisa má ou degradada, mas os profetas eram, pela sua posição, constantemente tentados a identificar a causa de Iahweh com a do rei. De fato, os profetas vocacionais não raro se lhe opuseram (Amós 7,14; Jeremias28) e Zacarias 13,1-6 falam do seu desaparecimento. As regras para o discernimento dos espíritos, dadas em Deuteronômio 13,1-5 e 18,21, visam claramente a esses profetas – porquanto havia de fato falsos profetas entre eles.

Independente do período a mensagem dos profetas destacava a ação libertadora de Deus e o projeto para o futuro de seu povo. “O que realmente importa é a relação entre o profeta e a palavra de Deus, porque o profeta é um homem que teve experiência imediata de Deus e se sente impelido a falar o que - ele está persuadido – a palavra divina.” (HARRINGTON, 1985, p. 272). A ênfase maior não estava em detalhar a vida dos profetas. Sicre (2002, p.114) assegura:

O importante não é pessoa escolhida, sua vida ou seu destino, mas a palavra de Deus, a missão que Deus confere... Nosso intento de chegar a uma biografia sempre

se chocam com esse muro intransponível ao caráter secundário da pessoa em relação a sua missão.

Estes homens desejavam resgatar a pureza da religião do seu povo, levá-lo a santidade, combater as desordens sociais e principalmente a opressão dos humildes. Havia sempre a exigência de conversão e o anúncio de esperança. Os profetas eram inspirados por Deus para ver a realidade com os divinos olhos, clamavam por uma transformação social para se afinar com o plano salvador.

2.3.3 A preocupação com o sofredor oprimido

Deve-se evitar ater-se aos aspectos intelectuais e teológicos das profecias, dando pouca atenção a figura humana e o seu contexto social. Perde-se de vista que os profetas foram divinamente escolhidos para reformar a sociedade a que pertenciam (WILSON, 1993, p.8). Estes homens eram agentes de mudança social e modelos quanto as atitudes para aqueles que se dizem religiosos. Havia interesse em elevar o nível da religião e as novas atitudes morais e éticas. Bingemer e Yunes (2002, p.31) afirmam que:

A voz profética é uma voz que chega ao homem, que aparece na cultura e que precede da própria cultura. Ela denuncia as injustiças, as distorções, denuncia aquilo que não é do interesse comum, do bem comum, dos valores maiores da humanidade. A voz profética aponta, fere, acusa, chama a atenção e faz uma crítica profunda do que se passa.

A mensagem profética estava presente no contexto histórico dos próprios profetas que proclamavam o desejo de Deus para o povo. O estudo da história é importante para compreender a profecia, uma vez que um de seus objetivos era transformar a realidade social do meio que vivia o profeta. O registro bíblico apresenta o trato de Deus para com as nações e este era justamente o papel da profecia, levar a mensagem de Deus para os povos. Segundo Schökel (2004, p. 57) “a atividade dos profetas inaugura a racionalização e moralização do culto; instauram uma religião mais interiorizada e pessoal”. Assim, as palavras de Deus proclamadas pelos profetas constituíam a forma mais elevada de educação. Aqueles homens fizeram a diferença porque possuíam uma profunda ligação com Deus, isto lhes dava vigor para ajudar a todas as classes de pessoas.

Mesmo os estóicos⁵ através de Cícero já afirmavam que se os deuses amassem o homem se revelaria a ele através de profetas e foi exatamente o que aconteceu (uma demonstração do amor de Deus pela humanidade). Além de amar a sociedade, Deus também pode se revelar no meio dela. Esta visão, perceber as pessoas como criação de Deus e o centro do seu amor, era o que faltava para uma sociedade mais justa e igualitária. Necessitava-se de reforma, o profeta clamava por esta transformação, indicando claramente os erros de sua sociedade e as mudanças necessárias. White (2004, p. 156) declara que em meios aquelas circunstâncias:

A perspectiva era particularmente desencorajadora em referência à condição social do povo. Em seu desejo de ganho, estavam os homens adicionando casa a casa, herdade a herdade. Oséias 5,8. A justiça fora pervertida; e nenhuma piedade era mostrada ao pobre.

A religião bíblica está profundamente enraizada na história. Para os israelitas é indiscutível a importância histórica dentro de sua concepção religiosa, pois “é na história que Deus atua, se revela, se compromete com os homens e exige uma resposta” (SICRE, 2002, p.408). Para o profeta, a palavra profética possuía uma tríplice missão: criar, interpretar e interpelar.

A palavra profética servia para criar algo novo, havia um comprometimento de Deus para mudar a história, este compromisso era levado em frente não só com a palavra escrita, mas proclamada. Segundo Sicre (2002, p.410):

Foi o Dêutero-Isaías quem melhor destacou o poder da palavra como a única coisa permanente face a todas as outras realidades passageiras (Isaías 40,6-8): Uma voz ordena: Clame. E eu pergunto: O que clamarei? Que toda a humanidade é como a relva, e toda a sua glória como as flores do campo. A relva murcha e cai a sua flor, quando o vento do Senhor sopra sobre eles; o povo não passa de relva. A relva murcha, e as flores caem, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre. E, no final do seu livro, diz-nos como esta palavra atua na história: Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, mas regam a terra, e a fazem produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a minha palavra, que sair da minha boca; ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a envieí. (Isaías 55,10-11).

⁵ O estoicismo foi fundado em Atenas pelo filósofo Zenão (320-250 a. C.)... Começou a ensinar próximo ao pórtico da cidade. Em grego, pórtico é *stoá*, vocábulo que nome à nova corrente de pensamento... A busca da felicidade foi o objeto escolhido pelos estóicos para ser estudado... A felicidade, para os estóicos, era um estado de tranquilidade plena, que só podia ser atingido por meio da prática virtuosa... Em suma, trata-se de uma indiferença direcionada a toda forma de prazer e de sofrimento... O estoicismo teve uma longa duração estendendo-se até o final do século II da era cristã... Entre esses pensadores, podemos citar Epicteto (50-100), Sêneca (4-65) e Marco Aurélio (121-180). (CHALITA, 2008, p. 71-72)

As palavras proféticas que aparecem neste texto dão um testemunho claro que a palavra de Deus desencadeia duas possibilidades: de salvação ou de ruína – meta que será atingida seguramente. Os textos proféticos ensinam a perceber o elemento comum, “a palavra de Deus, que anuncia os acontecimentos, se compromete com ele e os põe em marcha” (SICRE, 2002, p.411).

A segunda missão da palavra profética é interpretar o curso da história e a ação de Deus nela. Não há destaque nas palavras proféticas para momentos heróicos ou homens em particular e sua ação, o enredo histórico se baseia em dois protagonistas: Deus e a humanidade como um todo. O que é lembrado são os benefícios mais insígnies de Deus e os pecados do povo. O presente era retratado como o passado, uma luta entre a bondade de Deus e o pecado do homem; sendo este apresentado pelo profeta em tons reais, com fatos e personagens bem concretos. O que interessava ao profeta era a relação entre o presente e o plano de Deus, levando o homem a uma decisão. O futuro é a justiça e paz, não distantes em outra realidade, mas praticadas pelo povo de Deus; envolvendo uma conversão do coração e uma intimidade maior com Deus. O futuro era visto como um presente de Deus para o povo que se comprometia com Ele.

A ação de Deus na história era apresentada pelo profeta como soberana, mas repleta de oportunidades. Muitas vezes a divina ação era estranha e mesmo surpreendente, buscava levar o homem a uma decisão concreta, assim como as ações divinas são concretas. Era a própria história que fortalecia a fé dos profetas em Deus, “o ministério profético consiste em apresentar uma percepção alternativa da realidade e em levar as pessoas a ver a própria história a luz da liberdade de Deus e de sua vontade de justiça” (BRUEGGEMAN, 1983, p.146). A palavra profética interpela a história, pois a ação de Deus exige uma decisão baseada na fé e na disposição de conversão. Segundo Sicre (2002, p. 420):

Na mentalidade dos profetas, todos os acontecimentos que vivemos (fome dos países pobres, diferenças econômicas, guerras civis ou internacionais, difusão da violência) são um chamado a conversão. A palavra de Deus interpela-nos através da história, obrigando-nos a recordar o nosso pecado e a mudar a situação. Em segundo lugar a palavra de Deus exige que se adote frente à história uma atitude de Fé.

Os profetas desejavam levar o povo a adotar uma atitude interna e externa, a manter-se firme, a confiar e a superar o desânimo. Mas enfatizavam que Deus não intervinha na história retirando a liberdade dos homens. É essencial manter em mente que muitas profecias reveladas pelos profetas clássicos, foram expressas dentro de uma relação de compromisso (aliança), o povo era livre para se comprometer com Deus. Tal compromisso é demonstrado

pelas atitudes em relação às pessoas que estavam a sua volta, “o relacionamento desordenado com o próximo significa relacionamento desordenado com Deus” (SCHÖKEL, 1988, p. 56); como afirma o profeta Ezequiel:

No meio de ti há quem tenha recebido presentes a fim de derramar sangue. Aceitaste juro e usura; exploraste o teu próximo com violência e de mim te esqueceste, oráculo do Senhor Iahweh. (Ezequiel 22,12)

São muitos os textos proféticos que demonstram que a adoração a Deus é vã quando não há solidariedade pelas pessoas que estão ao redor. Amós ressalta no quinto capítulo nos versos 21 a 24:

Eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões. Porque, se me ofereceis holocausto..., não me agradam as vossas oferendas e não olho para os sacrifícios de vossos animais cevados. Afasta de mim o ruído de teus cantos, eu não posso ouvir o som de tas harpas! Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso!

O profeta não critica a idolatria, o problema não estava na adoração a deuses falsos, mas na falsa adoração a Deus. Segundo Andrés Ibañez “Todavia, não só corremos o risco de oferecer um culto verdadeiro aos deuses falsos. Também existe o perigo de oferecer um culto falso ao Deus verdadeiro” (apud SICRE, 2002, 51). Tal ação é possível se houver negligência pelo próximo. E acrescenta: “De fato, como pode Javé tolerar um culto que não tenha correspondência na bondade do coração e na prática da justiça?... o que é que Javé prefere? Que lhe ofereçam holocaustos e sacrifícios, ou que obedecem à sua palavra?” (apud SICRE, 2002, 52 e 53). Em 1 Samuel 15,22 o profeta alerta: Mas Samuel replicou: “Iahweh se compraz com holocaustos e sacrifícios como com a obediência a palavra de Iahweh? Sim a obediência é melhor do que o sacrifício, a docilidade mais do que as gorduras dos carneiros.” O texto de Isaías é ainda mais forte:

Que me importam os vossos inúmeros sacrifícios?, diz Iahweh. Estou farto de holocausto de carneiros e da gordura de bezerros cevados; no sangue de touros, de cordeiros e de bodes não tenho prazer. Quando vindes a minha presença quem vos pediu que pisásseis meus átrios? Basta de me trazerdes oferendas vãs: elas são para mim incenso abominável. Lua nova, sábado e assembleia, não posso suportar falsidade e solenidade! Vossas luas novas e vossas festas, minha alma detesta: elas são para mim um fardo; estou cansado de carregá-lo. Quando estendeis vossas mãos, desvio de vós meus olhos; ainda que multipliqueis a oração não vos ouvirei. Vossas mãos estão cheias de sangue: lavai-vos, purificai-vos! Tirai da minha vista vossas más ações! Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva! Então, sim, poderemos discutir, diz Iahweh: Ainda que vossos pecados sejam como a escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve; ainda que sejam vermelhos como carmesim tornar-se-ão como a lã. (Isaías 1,11-18)

A oferta a Deus é inútil se há o descaso com o necessitado. O que se pode supor era que o povo queria comprar o perdão de Deus por seus pecados praticados através de: opressão aos pobres, viúvas, órfãos; violência contra os humildes e o desprezo do direito divino e da justiça. Deus pedia através dos profetas que seu povo praticasse a justiça social e a bondade: “Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos.” (Oséias 6,6) e “Terá Iahweh prazer nos milhares de carneiros ou nas libações de torrentes de óleo? Darei eu meu primogênito pelo meu crime, o fruto de minhas entranhas pelo meu pecado?” – Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus!” (Miquéias 6, 7 e 8).

O profeta clama por mudança de atitude e aponta para uma promessa de esperança: “O papel do profeta é dar a expressão às novas realidades contra as mais conhecidas, por serem da situação antiga. A dinamização está mais ligada à esperança” (BRUEGGEMAN, 1983, p. 26).

Segundo Sicre (2002, p.101) em algumas ocasiões os profetas demonstravam coragem ao ver o que os outros não queriam ver e perceber a realidade profundamente. Havia aspectos que a sociedade preferia ignorar e, muitas vezes, mesmo apercebendo-se destes, parecia haver um véu que os impedisse de entender toda a realidade que os cercava. Segundo Sicre (2002, p.101):

Carece de um dom especial para “ver” a realidade no seu sentido profundo, com os olhos de Deus; para ver todos os homens como irmãos, para ver a ofensa a qualquer um deles como algo que me diz respeito pessoalmente, como um ataque a “minha própria carne” (Isaías 58,7) Se esquecemos este campo imenso, diário, imediato, da visão profética, perdemos de vista o essencial. Um dos seus desafios mais forte é convidar-nos a ver a realidade com olhos novos, abertos.

A literatura profética é simultânea à monarquia. Os profetas apresentavam um discurso teológico que atingiam as demandas sociais, políticas, econômicas e religiosas em um ambiente marcado por desigualdade social. Esta produção era marcada pela preocupação com as condições sociais de seu povo, “toda a sua razão de falar ou escrever é o seu povo, a sua comunidade: ele não se afasta desesperado, não foge temeroso, mas entra em confronto.” (Schökel, 1992, p.153).

A profecia levava a uma experiência nova com Deus, um contato mais pessoal e profundo. Segundo Manuel Bouzon (apud MATOS, 2006, 42):

Os profetas do Antigo Testamento sentiam-se chamados por Deus... Para acentuar a tradição do direito de viver. Por isso, trabalham muito com dois termos- o direito e a justiça. Os profetas queriam dizer que, pelo direito, observando-se a vontade de Deus, se pode construir uma sociedade justa; pode-se ter amor para com Deus e para com o próximo e pode, também, haver fidelidade dentro da comunidade

A palavra profética é um anúncio da intervenção divina na realidade histórica, entendida como o dia de Yahveh (Am 5,18-20) no qual a divindade promove transformações substanciais na história do povo. Sicre (2002, p.423 e 424) destaca que:

Entretanto, a mensagem profética tem outros aspectos de plena validade para nossa época. A palavra de Deus continua a interpretar a história, e o cristão é obrigado a formar seu juízo sobre ela através dessa palavra, que é Cristo, com o olhar dirigido para o futuro que se fez presente nele... O cristão não pode limitar-se a emitir juízo sobre a história. É obrigado a orientá-la, a conduzi-la em direção à meta que Deus lhe imprimiu. Nisto poderíamos ver o prolongamento da atividade de Deus, levando adiante em seu nome essa história que ele pôs em marcha. Neste sentido, sim, podemos dizer que Deus continua a criar a história com sua palavra; não de forma direta, mas interpelando-nos para que nós a criemos diariamente.

Talvez se pense que o esforço dos profetas não trouxe nenhum resultado, pois as condições sociais não apresentaram grandes mudanças. Influenciou algumas pessoas, mas não transformou o povo como um todo. Mas tudo que o Senhor conduz traz resultados: “Na verdade, hoje continuamos vivendo a mensagem profética e sintonizamos com ela. Isto significa que ela serviu para alguma coisa, que a palavra de Deus caiu na terra, a empapou, e não deixará de produzir fruto” (SICRE, 2002, p.379).

3 EXEMPLO DE LITERATURA PROFÉTICA

É preciso perceber o valor do texto profético compreendendo a função social dos chamados profetas e entender que estes interpretavam os sinais dos tempos – a própria história que viviam – para alertar seus contemporâneos das consequências de suas escolhas e, principalmente, do seu estilo de vida.

É importante analisar o contexto histórico na reflexão da literatura profética e demonstrar como os textos proféticos não falam do futuro, mas são, principalmente, para o povo e o período em que foram escritos; com esta compreensão é possível perceber a riqueza e beleza do texto profético.

Para melhor compreensão do texto bíblico é preciso conhecer quando e porque o relato foi escrito. Para uma leitura completa dos profetas, o correto é iniciar com um estudo profundo do texto; investigando todo o panorama histórico em que foi produzido e, após este estudo, buscar as relações hermenêuticas necessárias.

Neste capítulo será apresentado um exemplo da preocupação dos profetas com o sofredor e o oprimido, trabalhado no capítulo anterior. Ao longo dos tempos, em momentos de dificuldade Deus escolhia entre os seus, homens que norteariam e orientariam a população. “Em tempos de grande importância na história de seu povo, Deus chamou homens espiritualmente de destaque para guiar a nação de acordo com a vontade” (HARRISON, 1980, p. 11). Entre esses homens encontra-se o profeta Jeremias. Nos onze primeiros versos do sétimo capítulo do livro de Jeremias será analisada a preocupação do profeta com o necessitado.

3.1 TEMPO DE COMPOSIÇÃO E COMUNIDADE DESTINATÁRIA

Jeremias falou em um período em que o antigo Oriente Próximo enfrentava imensas inquietações. “A linha do tempo que acompanha a vida do profeta Jeremias é muito abrangente. Poderíamos esquematizá-la segundo os reis e seus reinados, da seguinte maneira: Josias, Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias” (ROSSI, 1990, p.7). Neste período o grandioso império Assírio entrou em colapso e a Babilônia se fortalecia e engrandecia. “O próprio

Jeremias presenciou uma sucessão de crises políticas, intercaladas de períodos muito curtos de esperança pela estabilidade nacional” (HARRISON, 1980, p. 12).

Em 639 a.C Josias se tornou rei em Judá com a idade de oito anos, com o apoio dos homens da terra que vingaram a morte de seu pai Amon (2 Reis 21, 24 e 2 Crônicas 33,25). O reinado de Josias foi marcado por uma grande reforma religiosa, ocorrida no oitavo ano de seu reinado, 631 a.C pouco antes da morte do rei Assírio Assurbanipal. De acordo com Harrison (1980, p. 13):

Aproximadamente cinco anos depois que Josias instituiu suas reformas em Jerusalém, Jeremias recebeu um chamado divino para ser profeta ao povo de Judá. Entre esta época (mais ou menos 626 a.C) e a reforma religiosa de 621 a.C Jeremias concentrou-se em advertir a nação quanto a iminente invasão do norte (1,13) e em denunciar a corrupção em suas diversas formas na vida do povo.

Mesmo que a reforma de Josias não apresentasse mudanças significativas, aconteceram algumas iniciativas para restauração do propósito de Deus para seu povo: uma liberdade igualitária para toda a população. “Na avaliação de Jeremias, por um lado a reforma teve consequências boas junto aos pobres, implantando uma maior justiça social... por outro lado o profeta não poupou críticas. Não terá sido por acaso que Jeremias avaliou a reforma como superficial.” (GASS, 2003, p. 136). A reforma de Josias não produziu total transformação em Judá, conforme lemos em 2 Reis 23,6. Schökel (1988, p. 411) enfatiza:

Os anos que se seguem constituem período de rápido declínio; Judá se verá dominado primeiro pelo Egito, depois pela Babilônia. As tensões internas e lutas de partidos vão acompanhadas pelas injustiças sociais e por uma nova corrupção religiosa. O povo vai caminhando rumo ao seu fim.

Em 617 a.C os babilônios sob a direção de Nabopolassar atacaram as principais cidades da Assíria. Assur, a capital, foi conquistada em 614 a.C e dois anos depois Nínive também foi capturada. Percebendo o perigo que o Egito corria, o faraó Neco tentou manter o domínio do território que separava os babilônios do Egito, a Palestina e Síria. Neste conflito e no aumento do domínio egípcio sob seu território, em 609 a.C o rei Josias marchou para Megido em batalha, onde morreu. Com a morte do rei, seu filho Jeoacaz assume o trono, mas Neco o depõem e o leva ao Egito. (2 Reis 23,31-35). Segundo Gass (2003, p. 149) “Os reis Joacaz e Joaquim exigiram mais impostos do povo, especialmente do povo da terra, a fim de pagar os tributos ao faraó Neco (2 Reis 23,33-25).” Durante os três anos seguintes os babilônios ao se agruparem fortaleciam as fronteiras do norte, assim Neco manteve o domínio na região de Judá. Ressalva Gass (2003, p. 150):

Joaquim foi favorecido com a centralização do culto em Jerusalém, feita na reforma de seu pai Josias. Assim, pôde legitimar com a religião os desmandos das elites. Não foi por acaso que, nessa época, Jeremias se posicionasse tão firmemente contra o templo, seu culto e seus sacerdotes (Jr 7,1-10)

Neste intervalo de conflitos diretos, no início do reinado de Joaquim, Jeremias fez seu discurso no templo (7,1 – 8,3) por volta de 609 a.C. De acordo com Harrison (1980, p. 14):

Com grande coragem o profeta ridicularizou a idéia popular de que confiança no Templo, como habitação de Deus, livraria o povo em tempo de crise... Uma pessoa menos consciente do que Jeremias de sua missão como profeta chamado por Deus contra uma geração incrédula, apóstata e perversa, facilmente teria desistido, com certeza de que não havia mais esperança. Mas Jeremias era, de corpo e alma um patriota ardente e leal, e por isso ele achava que era sua obrigação informar seus compatriotas sobre os perigos que espreitavam por trás da situação internacional do momento.

Este profeta “ataca a confiança fetichista dos jerosolimitanos neste lugar sagrado, por eles transformado em covil de ladrões... O profeta provoca, com suas palavras, a cólera dos ouvintes e só a muito custo consegue escapar de ser morto.” (SCHÖKEL, 1988, p. 418).

Jeremias entendeu que o reino de Judá se tornaria um campo de batalha independente do que ocorresse politicamente. Com o cativo de Joacaz, Joaquim assumiu o reino, este não demonstra preocupação com a espiritualidade de seu povo, não continua a reforma iniciada por Josias que ainda era mínima.

No conflito internacional Neco marchou de Megido para o Eufrates em 605 a.C reagrupando suas forças em Carquemis. Tal batalha demonstra a queda do domínio egípcio, pois saíram derrotados. “Nessa época a Babilônia é a potência máxima em toda a região” (ROSSI, 1990, p.8). Em 604 a.C Nabucodonosor dirigiu-se a planície costeira da Palestina saqueando Ascalon, levando muitos cativos. No mesmo ano o rei Joaquim decidiu submeter-se à Babilônia “tornando-se seu vassalo junto com alguns outros reis da região” (HARRISON, 1980, p. 15).

Em 598 a.C o exército babilônico invadiu a Palestina, três meses antes o rei Joaquim morreria. Nesta ocasião além de saquear o templo, capturaram o rei atual, Joaquin, a rainha mãe, a corte real e os líderes do povo. Nabucodonosor permitiu que Judá continuasse como reino sob o governo de Sedecias. Em 594/3 a.C Tiro e Sidon iniciaram um levante com o intuito de se rebelar contra a Babilônia, no qual o reino de Judá participou. Em 589 a.C. o rei Sedecias inicia negociações com Hofre, atual faraó e “se rebelou contra a Babilônia, suspendendo o pagamento de tributos (2 Reis 24,20)” (GASS, 2003, p. 152). Essas conspirações levaram ao maior desastre vivido pelos judaítas, pois a resposta foi imediata:

“Em 587 a.C. exércitos babilônios e caldeus caíram sobre os pequenos estados sírios e depois começaram a destruir as cidades fortificadas de Judá uma a uma” (HARRISON, 1980, p. 17).

Jeremias insistiu que Sedecias se rendesse, mas o rei não o ouviu, este profeta que era mais consciente de que os políticos de seus dias, mas “não era a sensatez que norteava o seu comportamento, e sim a vontade de Deus como também a submissão aos seus desígnios” (SCHÖKEL, 1988, p. 422). Jeremias tornou-se uma personalidade marcante porque ouvia e seguia a vontade de Deus, isto não significa que ele não enfrentaria grandes problemas, este profeta conviveu com todas as tragédias ocorridas em Judá. Assegura Harrison (1980, p. 17):

Em 587 a.C, os babilônios capturaram Jerusalém e puseram fim a existência de Judá como reino. A cidade foi pilhada, Sedecias foi cegado e deportado para Babilônia com muitas outras pessoas, as forças caldeias invasoras ocuparam Jerusalém e suas fortificações. Em contraste, Jeremias foi tirado da prisão e tratado com muita atenção, por ordem de Nabucodonosor. Gedalias foi indicado governador de Judá, de acordo com sistema de províncias do Império Babilônico, e Jeremias se juntou a ele em Mispa, ajudando a organizar um pouco a sociedade.

Apesar de todas as dificuldades do momento, o profeta Jeremias se tornou porta voz do povo que permaneceu em sua terra, sem templo, sem rei, sem sacrifício e sem nação. “Sua missão profética foi fundamental para manter vivas a religião de Israel e a fé inabalável do povo em Javé” (SCARDELAI, 2007, p. 108). O profeta buscou despertar a consciência do povo. “A consciência de que Deus ama e castiga faz parte da mensagem profética de criar um espírito de responsabilidade nas ações humanas” (SCARDELAI, 2007, p. 109).

Gedalias foi assassinado em 581 a.C., como repreensão por sua morte, Nabucodonosor ordenou a terceira deportação do reino de Judá. Esse reino foi anexado a província de Samaria. O domínio da Babilônia sobre as terras de Judá durou 66 anos, estendendo-se até 539 a.C quando os persas conquistaram os babilônios e autorizaram a volta dos exilados. Afirma Scardelai (2007, p. 98):

Deste modo o povo de Javé, os habitantes dos antigos reinos do Norte e Sul, da Palestina, se encontram no exílio, onde, sem Templo, sem rei e sem terra, tiveram de criar novas formas para continuar fieis ao seu Deus, auxiliados pelos profetas, pelos salmistas e escribas.

Jeremias fugiu juntamente com os demais refugiados para o Egito por ocasião da destruição de Jerusalém, morrendo lá. Schökel (1988, p. 423) assegura:

A partir de então, o profeta cuja vida conhecemos com muitos pormenores desaparece da história. Este silêncio não deve nos causar surpresa porque a Bíblia

nos ensina constantemente que o importante não é o homem, nem mesmo os melhores, mas sim Deus e a sua palavra.

Os acontecimentos históricos de 626 a 594 a.C foram revistos sob uma perspectiva além da bíblica. Em 1956 D.J. Wiseman descobriu entre os tabletes de barro do Museu britânico quatro que apresentavam a queda de Jerusalém. Estes tabletes registravam a vitória em Carquemis em 605 a.C. Com este achado pode-se datar a queda de Jerusalém em 15 e 16 de março de 587 a.C. De acordo com Harrison (1980, p. 18):

Os últimos dias de Judá foram também vividamente ilustrados quando, em 1935, foram encontrados dezoito óstracos (cacos de cerâmica) no lugar onde antigamente ficava Laquis, com inscrições no mesmo hebraico antigo da Pedra Moabita. Quem fez a descoberta foi J. L. Starkey, nas ruínas de um pequeno posto de guarda logo na saída da porta da cidade. Três anos mais tardes mais três cacos de cerâmicas foram encontrados na mesma área, e juntos compreendem as listas de nomes e cartas do período imediatamente anterior a 587 a.C. A maioria dos textos podem ser datados de 589 a.C., e apesar de estarem pessimamente conservados é evidente que boa parte deles são despachos de caráter militar.

Em outras escavações na porta de Istar na antiga Babilônia, foram encontrados tabletes de barro com inscrições de rações de trigo e azeite destinadas a cativos que viviam na Babilônia entre 595 e 570 a.C. “Outra inscrição com selo real recuperada em 1935 das ruínas de Laquis diz o seguinte: Para Gedalias, Administrador dos Bens” (HARRISON, 1980, p. 19).

3.2 QUEM ERA JEREMIAS

Como os demais textos bíblicos, embora o livro profético de Jeremias fosse inspirado por Deus, possuía a linguagem de seu autor e era permeado dos problemas enfrentados por este homem; por isso conhecer a autoria e o momento da produção do texto bíblico é importante.

Gass (2003, p. 157) ressalva que:

Jeremias (YHWH é sublime) profetizou durante um longo período de tempo. Deverá ter iniciado seu movimento profético em 627 a.C (1,2) antes da reforma josiânica, quando ainda era muito jovem (1,6) Jeremias pronunciou suas últimas profecias no Egito ao redor do ano 585 a.C (43,8-44,30).

Jeremias era natural de Anatote, aldeia situada a nordeste de Jerusalém. O provável é que Jeremias fosse da estirpe sacerdotal de Abiatar, dos sacerdotes do santuário de Siló,

originalmente encarregados de guardar a arca de Deus (GASS, 2003, p. 158). Em seu discurso encontrado no sétimo capítulo ele traz “a memória do santuário de Siló (Jr 7,12-15), onde irá acusar os sacerdotes de terem transformado o templo de Jerusalém em um covil de ladrões (Jr 7,11)” (GASS, 2003, p. 159). Ele não se conformava com os abusos praticados no Templo.

Jeremias não era um jovem da capital, mas sim um agricultor. No decorrer de seu livro percebe-se isso facilmente, pois observa os costumes dos animais (8,7); inquieta-se com as consequências de uma seca (14,4) e interessa-se pela vinha (8,13). Scardelai (2007, p. 94) declara: “Começou cedo sua carreira profética. Tinha cerca de 18 anos e o primeiro período de sua atividade iniciou-se em 627 sob reinado de Josias” (SCARDELAI, 2007, p. 94). Este ano está indicado com exatidão pelo texto do segundo verso do primeiro capítulo. Schökel (1988, p. 415) realça: “A partir deste momento podemos dividir a vida de Jeremias em quatro grandes períodos: os três primeiros coincidem com os reinados de Josias, Joaquim e Sedecias; o quarto período corresponde aos anos que se seguiram à queda de Jerusalém”.

Segundo Rossi (1990, p.9):

Pode-se dizer que os momentos mais sombrios da história do povo de Deus se passaram durante a vida do profeta Jeremias... este profeta foi uma testemunha viva de muitos dos mais trágicos e angustiantes eventos da história do povo de Deus. Uma testemunha ocular que fez da observação dos mais variantes eventos uma verdadeira matéria-prima para suas profecias. Seu livro é um comentário formidável sobre os mais desastrosos episódios da história de Judá que o Antigo Testamento testemunha, episódios que trouxeram inúmeras consequências políticas e religiosas para toda a nação.

Como os demais livros proféticos, o texto de Jeremias registra seus discursos. SCARDELAI (2007, p. 95) assegura:

Jeremias mostrou assim o rosto de Deus justo juiz, que comprova, percorrendo as ruas de Jerusalém, a falsidade (Jr 5, 1-2), a opressão dos grandes sobre os pobres (Jr 5,5), a idolatria (Jr 5,7.11-4) e, como consequência, o justo castigo de Javé (Jr 5,6.11.14). Este quer a conversão do seu povo (Jr 6,8.16).

Se fosse possível resumir em uma única palavra a mensagem deste profeta, esta seria conversão. “A conversão abrange, para Jeremias, aspectos muitos distintos: culturais, sociais, mudanças de mentalidades e também de atitude” (SCHÖKEL, 1988, p. 423). Assim, o texto é o registro da atividade profética. Estes relatos se compõem de diversos gêneros literários, como: narrativas, poesias, prosas, oráculos poéticos, autobiografias e biografias. “Os relatos autobiográficos passam a constituir um só grupo com os discursos em forma poética, uma vez que ambos são atribuídos unanimemente a Jeremias” (SCHÖKEL, 1988, p. 424).

Há um grupo de textos que tratam das palavras originais do profeta que foram conservadas. As narrações, que são quase metade do livro, falam do profeta na terceira pessoa, assim muitos estudiosos crêem que não são discursos diretos de Jeremias, mas acreditam que se trata de narrações escritas por Baruc (SCHÖKEL, 1988, p. 425). Um grupo de estudiosos declaram que algumas partes do livro foram reelaboradas pelos deuteronomistas, mas que na maioria das vezes estes homens mantiveram as palavras de Jeremias literalmente (SCHÖKEL, 1988, p. 426).

Não pode ser negado à possibilidade de Jeremias ter usado linguagens diferentes em seus discursos. Não é a forma utilizada pelo autor que deve decidir a autoria, mas sim o estudo do conteúdo, das circunstâncias históricas e os pressupostos teológicos. Harrison (1980, p. 24) destaca que:

Apesar desta diversidade a linguagem e as formas de pensamento são bastante coerentes, de maneira que raramente temos dúvidas de estarmos lendo Jeremias, mesmo quando o profeta reflete os pensamentos de outros profetas. Isto é um argumento muito forte para a integridade e unidade de composição e autoria.

Aparentemente os oráculos foram registrados pela primeira vez no quarto ano do rei Joaquim, em 604 a.C., quando Jeremias ditava suas palavras a Baruc (36,18). Este relato engloba os acontecimentos de 622 a.C até aquela data. No entanto este texto foi queimado pelo rei. Que parte do livro de Jeremias estava contida nesse primeiro registro não é possível precisar, apenas especular. No segundo ditado a Baruc que o próprio livro registra (36,32), também é dito que foram feitos acréscimos ao primeiro texto. O texto final se dá em uma forma irregular, sem seguir uma sequência cronológica; “talvez isto reflita a instabilidade do período” (HARRISON, 1980, p. 26).

O livro final encontrado hoje é permeado pelos conflitos do profeta. Apesar de ser tão patriota, precisava alertar seus contemporâneos para onde suas atitudes os conduziriam. Ressalva Harrison (1980, p. 28):

Sua angustia mental contida irrompeu às vezes emocionalmente contra seu destino na vida (15,10; 20,8-18); houve épocas em que ele aceitaria com alegria ser desincumbido das suas obrigações de profetas. Sofrendo pressão por causa da rejeição e da zombaria do povo (20,7), da oposição ativa a sua mensagem (26, 9-19; 28,5-17), das acusações de subversão (38,4) e constante perseguição por aquele cujo bem estar ele mais desejou, Jeremias chegou a dizer que nunca mais falaria em nome de Deus (20,9).

Jeremias é destacado entre os profetas por revelar como se sentia e seus conflitos pessoais. “Os outros faziam suas profecias sem dizer muito do que se passava dentro deles, mas Jeremias revelava seu coração turbulento de homem que foi escolhido um pouco contra sua vontade para ser o arauto de Deus em sua geração” (HARRISON, 1980, p. 27). Sua visão ampla combinava o destemor de Amós, o amor de Oséias e a dignidade austera de Isaías. Afirma Gass (2003, p. 168):

Diferente dos demais Jeremias nos revela mais características pessoais, suas crises de fé, que viveu especialmente durante as perseguições que sofreu. Fala-nos de suas motivações mais profundas, de sua alma... A palavra de Deus transformou e transtornou a vida do profeta.

Jeremias compreendia que o soberano Senhor do universo (23,23), que governa todas as coisas de acordo com sua vontade (18,5-10 e 27,6-8), amava seu povo com ternura e persistência (31,1-3), respeitava sua liberdade e não interferia nas consequências de suas escolhas e ações. Jeremias anunciou e viveu a maior tragédia da história de seu povo, além de ser o profeta da ameaça e do castigo, é também o profeta da consolação e da esperança. De acordo com Gass (2003, p. 169):

A maior fonte de coragem do profeta estava na relação direta com YHWH que se revela na sua vida. Jeremias faz uma forte experiência do Deus do êxodo. YHWH, o Deus libertador do êxodo é um Deus que: exige justiça de quem a ele adere (22,15 e 16; 23,6; 33,16); ama com misericórdia o seu povo (9,23; 31,3; 33,11; 42,12); seduz seus profetas (20,7); é fortaleza, refúgio (16,19), como um valente guerreiro (20,11).

Aos olhos atuais pode parecer que a missão profética de Jeremias não atingiu nenhum resultado, mas pelo contrário, essa mensagem “atravessou séculos e teve influências decisivas nas mensagens de Jesus, estimulando novos sentidos de vida e de transformação até os dias de hoje.” (SCARDELAI, 2007, p. 111).

Segundo Rossi (1990, p.7):

A leitura do livro do profeta Jeremias tem o poder de nos retirar da passividade. Leva-nos a olhar com outros olhos e melhores olhos para o interior de nós mesmos, para o povo, para a sociedade e, principalmente, para o nosso relacionamento com Deus.

3.3 DELIMITAÇÃO DO TEXTO

Durante o momento conflituoso ocorrido em Judá (político e militar), houve um pequeno período de calma, sem conflitos diretos, isto ocorreu enquanto a Babilônia se reestruturava para continuar suas conquistas e ampliar seu domínio, isso por volta de 609 a.C., início do reinado de Joaquim. Neste contexto Jeremias faz o discurso repreensivo encontrado no sétimo capítulo de seu livro (Jr 7,1 – 8,3). Nesta proclamação o profeta traz a memória do santuário de Siló (Jr 7,12-15), onde acusa os sacerdotes de terem transformado o templo de Jerusalém em um covil de ladrões (Jr 7,11). Jeremias não se conformava com os abusos praticados no Templo. Gass (2003, p. 150) afirma:

Joaquim foi favorecido com a centralização do culto em Jerusalém, feita na reforma de seu pai Josias. Assim, pôde legitimar com a religião os desmandos das elites. Não foi por acaso que, nessa época, Jeremias se posicionasse tão firmemente contra o templo, seu culto e seus sacerdotes (Jr 7,1-10).

A perícope que será estudada encontra-se registrada a partir do primeiro verso do capítulo 7 e segue até o verso 11 deste mesmo capítulo. Este discurso é o primeiro de uma série de textos redigidos em prosa, cujo conteúdo e forma literária se assemelham muito ao livro de Deuteronômio. Nessa narrativa é denunciado principalmente o pecado da falsa adoração, por isso, este pronunciamento ocorre no templo. Afinal, a adoração real se apresenta de forma concreta na vida do adorador, no cotidiano e na maneira como ele trata as pessoas que estão a sua volta. Como honrariam a Deus explorando, roubando, violentando e oprimindo? Agora que eles eram livres, passaram a escravizar seus próprios compatriotas. O que o povo queria era compensar seus pecados de forma barata, pensavam poder comprar a Deus como eles próprios o eram. Eis o texto:

Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh: Posta-te á porta do Templo de Iahweh e anuncia ali esta palavra e dize: Escutai a palavra de Iahweh, vós todos, judeus, que entrais por estas portas para adorardes Iahweh. Assim disse Iahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. Não vos fieis em palavras mentirosas dizendo: “Este é o Templo de Iahweh, Templo de Iahweh, Templo de Iahweh!” Porque, se realmente melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se realmente praticardes o direito cada um com o seu próximo, se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, se não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás dos deuses estrangeiros para vossa desgraça, então eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais há muito tempo e para sempre. Eis que vós fiais em palavras mentirosas, que não podem ajudar. Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a baal, correr atrás de deuses estrangeiros, que não

conheceis, depois virdes e vos apresentardes diante de mim, neste Templo, onde meu nome é invocado, e dizer: “Estamos salvos”, para continuardes cometendo estas abominações! Este templo, onde meu Nome é invocado, será porventura covil de ladrões a vossos olhos? Mas eis que eu também vi, oráculo de Iahweh.

O início da perícopé é demarcado pelo espaço sugerido no início do primeiro verso: “Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh: Posta-te á porta do Templo de Iahweh e anuncia ali esta palavra” (Jr 7,1 e 2). O discurso anterior vem descrevendo a invasão estrangeira, agora Jeremias é instruído a proclamar um novo discurso, com outro tema. A mudança nos personagens é sutil, porém, o profeta é Jeremias e os ouvintes são os cidadãos de Judá, neste momento este grupo é formado especificamente pelos adoradores do templo: Escutai a palavra de Iahweh, vós todos, judeus, que entraís por estas portas para adorardes Iahweh (Jr 7,2). O profeta ordena a se dirigirem a um lugar específico: Põe-te à porta da Casa do Senhor (Jr 7,1). Também há uma introdução ao discurso: Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh (Jr 7,1).

O discurso se encerra no verso 11 deste capítulo, pois lá se encontra uma frase marcante com a qual os profetas encerram seus discursos: oráculo de Iahweh (Jr 7,11). Também ocorre a mudança de espaço no verso seguinte, indicando outra perícopé: Ide, pois, ao meu lugar, em Siló (Jr 7,12).

A inclusão no texto é: Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh (Jr 7, 1) e oráculo de Iahweh (Jr 7,11); caracteriza sua unidade como perícopé bem delimitada.

Subdivisão editorial desta unidade:

vv 1-2: Introdução

v. 3: resumo geral do discurso

vv. 4 a 6 : pedido por mudança;

v. 7: promessa;

vv. 8 a 11: Deus relata o que observa ao avaliar o povo.

Segundo R. C. Sproul (1999, p. 858):

“A mensagem de Jeremias passou por fases que não correspondem exatamente à estrutura do livro tal qual o temos: (a) Ele exortou Judá a arrepender-se e evitar o castigo, que, de outra forma, seria inevitável (p. ex., 7,1-15). (b) Ele anunciou que o tempo de arrependimento havia passado, já que o julgamento contra o povo estava agora decidido (19, 19-11).”

Mesmo apresentando paralelos, esta pesquisa seguirá a análise na sequência da citação acima: primeiramente a introdução (versos 1 e 2); em segundo momento o verso 3 trata de um pedido por mudança para manter a bênção; em seguida os versos 4, 5, 6 pedem mudanças nas atitudes do povo; o verso 7 coloca o porque desta mudança. Neste primeiro momento da mensagem, Jeremias exorta para haver arrependimento e evitar as consequências. Nos versos 8, 9 e 10 se relata os erros observados por Deus em Israel como se já tivessem sido julgados, por fim, o verso 11 encerra com o juízo.

3.4 ANÁLISE DO TEXTO

Para entender este texto em sua plenitude é preciso analisá-lo dentro do próprio trecho profético, fazendo um estudo em três formas: Histórica, Literária, Teológica, observando as palavras chaves e assim entender o sentido completo e uma possível aplicação, sem esvaziar ou torcer as palavras do profeta. O contexto histórico do discurso e sua estrutura literária já foram trabalhados, assim observar-se-ão os paralelos dentro da estrutura literária.

3.4.1 Introdução – versos 1 e 2

A perícopé inicia-se com a típica fórmula de introdução do Oráculo Profético: Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de Iahweh (7,1). A seguir Deus ordena a Jeremias para profetizar.

Posta-te à porta do Templo de Iahweh

A tarefa pedida por Deus ao profeta era de grande dificuldade, pois além de ser uma mensagem difícil de ser proclamada por seu conteúdo, os ouvintes eram um grupo específico, os adoradores que estavam no Templo; entre estes os sacerdotes. Segundo Rossi (1990, p. 37) “Um pronunciamento ousado tanto pelo conteúdo quanto pelo local em que foi proferido... Suas palavras não foram recebidas como boas-novas, mas como verdadeiras blasfêmias.” O Templo era considerado um lugar muito sagrado, pois era a casa do Senhor, o lugar de adoração.

Deus ama o homem apesar de sua pequenez, mas este deve buscar fazer sempre o melhor para Deus, demonstrando em suas atitudes diárias, assim acontece a verdadeira adoração.

O termo *Templo de Iahweh* בַּיִת יְהוָה (*beyt Iahweh*) é uma denominação forte nessa perícopes. A primeira palavra, Templo, no hebraico significa casa (בַּיִת — *beyît*, substantivo comum masculino singular). Goldberg (in HARRIS,1998, p 175) assegura que a expressão casa na Bíblia:

É usada no sentido de habitação... A palavra é usada para referir-se as casas comuns (Ex12,7), casas para habitar (Lv 25,19), casas feitas de material sólido com umbras (Dt 11,20), paredes (Lv 14,37) de pedras e reboco (Lv 14,45)... a palavra casa também é usada para designar o templo... de maneira mais significativa se refira a casa da divindade... A casa mais importante em Israel, naturalmente, era a casa do Senhor... Pelo fato de o Senhor estar singularmente presente aqui, o salmista celebrava Sião e ansiava para aparecer diante dele em adoração (Sl 26,8 e 122,1).

Para Jeremias o pedido de Deus ao especificar o lugar do discurso, deve ter causado surpresa, pois era a casa do Senhor, sendo usado o nome de Deus, יְהוָה (*Iahweh*) (substantivo próprio, sem gênero ou número). O tetragrama YHWH é “o nome próprio do Deus de Israel” (SCHÖKEL, 1994, p. 308).

Vós todos, judeus, que entraís por estas portas para adorardes Iahweh.

A palavra mais importante nesta sentença, que define o público ouvinte da mensagem é *adorardes*. Este termo, adorardes לְהִשְׁתַּחֲוֹת (*lehishtahaot*) cuja raiz é חוה (*hawa*) trata-se de verbo hitpael infinitivo).

Todos que fossem ao templo ouviriam o discurso. Naqueles dias, os adoradores se dirigiam ao templo duas vezes ao dia e, por isso, o número de pessoas que se apropriaram do discurso deve ter sido imenso. Para Rossi (1990, p. 37) “por causa desse discurso, Jeremias comprou inimidade de amplos círculos da população, em especial os sacerdotes. Suas palavras não foram recebidas como boas novas, mas como verdadeiras blasfêmias.” Jeremias atingiu muitos: o povo, os líderes políticos e os líderes religiosos. Estes últimos possuíam ainda mais responsabilidade.

Embora todos os ouvintes estivessem no Templo e estivessem ali para adorar a Deus, sua adoração era incompleta, pois falhavam eticamente. “A acusação de fundo é justamente

aquela que aponta para a discrepância entre a vida diária do povo de Deus e a confiança no Templo” (ROSSI, 1990, p. 37). O ponto em questão é qual a verdadeira adoração?

Este verbo, adorar em seu sentido original significa, segundo J. B. Bauer (1973, p. 14): a inclinação do corpo até o chão e em outras vezes pôr-se de joelhos. Na maioria das passagens, significa a prestação de um ato cultural de adoração ao verdadeiro Deus e também de homenagens aos ídolos. Declara Yamauchi (in HARRIS, 1998, p. 435):

O verbo é usado menos freqüentemente para adoração prestada ao Senhor por um indivíduo... é usado com mais freqüência para atos específicos de adoração... tal ato freqüentemente envolvia uma prostração até o solo... Jeremias falou para os que adoravam no templo sobre sua necessidade de arrependimento.

O discurso de Jeremias enfatizava que adorar é estar com Deus, em sua presença, andar com ele e agir como ele pede. Os que estavam no Templo se dirigiram para lá com o objetivo de submeter-se a Deus e de humilhar-se, mas apesar disso indignaram-se com as palavras do profeta e o que elas exigiam.

3.4.2 Deus pede por mudanças e faz promessas – versos 3

Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras

Primeiramente Deus pede ao povo mudanças que seguisse suas orientações dadas inúmeras vezes. Deveriam melhorar seus caminhos דַרְכֵיכֶם (*darkeykem*, substantivo comum, masculino plural, cuja raiz é דֶרֶךְ [*derek*]). Wolf (in HARRIS, 1998, p. 325) assegura:

Refere-se primeiramente ao caminho gasto, batido de tanto andar nele... *Derek* também pode significar jornada, geralmente de vários dias de duração... Mais numerosos são os usos metafóricos de *derek*. A palavra com frequência se refere as ações e ao comportamento do homem, o qual segue o caminhos dos justos ou o caminho dos ímpios (Sl 1,6)... Por vezes *derek* significa “maneira” ou “costume”.

Ao se pensar em caminhos como escolhas (maneira e costume) o Salmo 1 fala de maneira contundente, o verso 6 afirma: “Sim, Iahweh conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perece.” Aqui, o salmista apenas demonstra que há dois caminhos de

vida, mas não especifica o que é feito em cada caminho e quais são as atitudes dos justos e dos ímpios.

Jeremias neste trecho pontua claramente: o ímpio acredita em palavras mentirosas, rouba, comete adultério e é idôlatra; o justo é correto, não oprime o estrangeiro, o órfão e a viúva; não é idôlatra e nem violento. No caso do povo de Deus, eles deveriam mudar de atitude, escolhendo outro caminho. Esta ação, escolher outro caminho é a conversão. Isso é o que torna a pessoa digna do templo, verdadeiramente religiosa e que anda com Deus.

No texto escrito de Jeremias Deus repete: “melhorades os vossos caminhos e as vossas obras.” Caminhos também podem representar escolhas, o caminho que alguém anda é o qual escolheu. As atitudes de um indivíduo demonstram suas escolhas. Deus conhece a limitação do homem, sabe que este precisa de sua guia. Esta promessa de orientação permanece até hoje. “Teus ouvidos ouvirão uma palavra atrás de ti: “Este é o caminho, segui-o, quer andeis à direita quer à esquerda.” (Isaías 30,21). White (2004, p. 210) ressalva que:

O que o povo deveria fazer era repensar suas escolhas e quem estava sendo adorado, Deus ou eles próprios. A crise pedia um esforço público de longo alcance... Não devia ele suprimir uma só palavra das mensagens que lhe fossem dadas, a fim de que os pecadores de Sião tivessem ampla oportunidade possível de ouvir e voltar de seus maus caminhos... Por todas as maneiras possíveis [Deus] buscou ensinar-lhes o caminho.

Na verdade o que ocorria era uma falsa adoração, hipocrisia e por isto se indignaram com a repreensão de Jeremias. Viam-se grandes e auto-suficientes, usavam Deus como amuleto ou um servo; não admitiam sua pequenez. É importante que o homem não esqueça a quem adora e a necessidade que o ser humano possui de Deus. A adoração deve glorificar a Deus, falar sobre a verdade, pureza e bondade da divindade. Adora a Deus o homem que reflete estas divinas características (verdade, pureza e bondade) em seu caráter.

Eu vos farei habitar neste lugar

A perícopes continua com uma promessa de Deus, apesar das imensas falhas de seu povo, para que esta promessa se cumprisse o povo deveria se transformar. Rossi (1990, p. 37) afirma: “Nesse discurso encontramos uma promessa condicional, ou seja, a permanência de Javé no próprio Templo está condicionada ao procedimento ético. Se o procedimento ético não melhorar, a consequência inevitável será a ausência de Javé.”

A condição clara é a dependência do povo de Deus e de sua bondade, pois para enfrentar os demais povos, mais numerosos e estruturados para as batalhas, eles precisavam

da fortaleza de Deus. Se este se retirasse deles seriam alvo fácil, sabiam disto, a sua própria história dava testemunho. O normal era esperar uma atitude diferente de pessoas que chegaram tão próximas de Deus e que conheciam seu amor e cuidado. Mas ao contrário, demonstravam que seu deus não era o Senhor, mas eles próprios. Seguiam seus desejos, fossem corretos ao não.

O verdadeiro lugar onde Deus esta presente transcende o templo. Habitar neste lugar é realmente habitar na presença de Deus. Estar na presença de Deus é uma questão de atitude, pois Deus orienta as ações humanas, está com Deus quem pratica o pacto da Aliança:

Não afligirás o estrangeiro, nem o oprimido, pois vós mesmos fostes estrangeiros no país do Egito. Não afligireis nenhuma viúva ou órfão. Se o afligires e ele gritar a mim, escutarei o seu grito; minha ira se acenderá e vos farei perecer pela espada: vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos órfãos. Se emprestares dinheiro a um compatriota, ao indigente que está em teu meio, não agirás com ele como credor que impõem juros. Se tomares o manto do teu próximo em penhor, tu lho restituirás antes do pôr-do-sol. Porque é com ele que se cobre, é a veste de seu corpo: em que se deitaria? Se clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou compassivo. (Êxodo 22, 20-26).

A promessa era de habitar neste lugar, habitar no templo (onde estava sendo feito o discurso). Habitar no Templo é a interiorização da Lei de Deus, pois a pessoa está na presença do Senhor e em seu templo continuamente. A interiorização da lei produz benção por onde o filho de Deus habitar.

3.4.3 Deus pede abandono da falsa adoração – versos 4, 5 e 6

Não vos fieis em palavras mentirosas

A crítica de Jeremias ao tratar de idolatria começa com a falsa segurança do povo. Rossi (1990, p. 42) declara: “Jeremias crê que o deixar-se levar por mentiras que procedem de todos os lados seja o fato básico para esta situação... Sabemos que o povo ontem como hoje, animado com falsas e ilusórias promessas, recusa se converter e corre para o caminho do mal.” É mais cômodo responder que não sabe do que assumir a responsabilidade de suas próprias ações.

Na adoração praticada no templo, não havia arrependimento. Anos depois Jesus delineou o que deveria ocorrer: Disse, então, Jesus: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”. (Jo 8,11). Arrependimento envolve mudança, Deus não desejava ter

sua ira simplesmente aplacada com o sacrifício, o objetivo era que o pecador demonstrasse arrependimento não voltando a praticar o ocorrido.

O povo não se arrependia e não desejava mudar, então se apegava a falsidade. A expressão: falsa שֶׁקֶר (*sheqer*, substantivo comum masculino singular) trata-se de um nome “empregado para designar a quebra de uma promessa, ser infiel a um tratado ou falar um acordo, daí a conotação de promessa vazia” (HARRIS, 1998, p. 1617). Tal termo revela como era a adoração, alguns profetas declaravam não ser necessárias mudanças de atitudes e que Deus aceitava as injustiças e opressões sociais, estes falavam mentiras, pois Deus não tolerara tais coisas. O povo deveria ser verdadeiro, real e justo, mas estas dimensões não se apresentavam em Judá.

Templo de Iahweh, Templo de Iahweh, Templo de Iahweh

O Templo era visto como um lugar de segurança, como se fosse um amuleto de sorte. Em uma nota na Bíblia de Jerusalém (2002,p. 1377) se destaca que:

O Templo santificado pela presença de Iahweh (1Rs 8,10; Dt 4,7), poderia parecer como inviolável, e o desastre de Senaquerib em 701 diante dos muros de Jerusalém ilustra a proteção de Iahweh sobre a cidade santa (2 Reis 19, 32-34; Is 37,33-35). Deste fato tirou-se com, segurança exagerada, a conclusão de que Iahweh protegeria novamente sua cidade.

Aproveitando-se desta falsa segurança, muitos pensavam que não havia necessidade de mudanças e que a adoração no Templo aplacaria a ira de Deus em relação a vida promíscua que levavam. Afirma Harrison (1980, p. 68):

Os profetas falsos criam firmemente que em uma emergência Deus interviria diretamente para salvar Sião, seu monte santo. Para eles, por esta razão, a adoração no Templo era pouco melhor que ter um talismã para manter longe o mal, e eles levaram o povo a confiar em prédios materiais, esquecendo que Deus queria pessoas vivas como seu templo.

O erro desta adoração é perceber Deus não como senhor, mas como servo; como se Deus tivesse obrigação de agir como e quando o povo quisesse. Para Schökel e Diaz (2004, p. 470):

A atitude que no sermão é reprovada pode ser resumida assim: o culto nos permite expiar ritualmente os pecados, depois nos permite continuar cometendo-os; possuímos uma instância periódica institucional que nos garante o ajuste de contas sem exigir de nós a emenda.

O que ocorria era um esvaziamento no sentido da adoração, sendo apenas um momento em que se está no interior do Templo, sem preocupação com o que se faz no dia a dia e no convívio com os outros.

Praticades o direito cada um com o seu próximo

Há duas palavras importantes nessa sentença, a primeira é direito מִשְׁפָּט (*mishpat*) trata-se de um substantivo comum no masculino singular; que também pode ser traduzida como justiça. Reafirma Culver (in HARRIS, 1998, p. 1605):

Essa justiça é basicamente um atributo de Deus; todo *mishpāt* verdadeiro tem sua fonte no próprio Deus e, por esse motivo, traz consigo as exigências divinas. Quando, portanto, as Escrituras falam do *mishpāt* de Deus (o que frequentemente acontece) a palavra possui conotação particular, não tanto de justos estatutos de Deus, mas de justas reivindicações.

E a segunda é *próximo*, רֵעִי (*re'ehu*, cuja raiz é רַע *rea'*, substantivo comum, masculino singular). Esta palavra indica pessoas íntimas, mas também meros conhecidos, ou seja, o sentido mais próximo do termo, toda e qualquer pessoa que se conviva (mesmo pouco ou ocasionalmente). Amar o próximo era uma Lei em Israel (Lv 19,18).

Não oprimirdes o estrangeiro, o órfão, e a viúva

Nesta frase aparece um trio muito desprezado por todos, mas valorizados por Deus e pela voz profética. São eles o estrangeiro גֵּר (*ger*, substantivo comum masculino singular), o órfão יָתוֹם (*yatom*, substantivo comum masculino singular) e a viúva אֵלְמָנָה (*'almanah*, substantivo comum feminino singular). O erro de Judá era oprimi-los, esta ação, oprimirdes: תַּעֲשִׂקוּ (*ta'ashoqu*, trata-se do verbo *qal* imperfeito segunda pessoa masculino plural cuja raiz é: עֲשָׂק, *'ashaq*). Este verbo oprimir “diz respeito aos atos de abuso de poder ou autoridade, quando se sobrecarrega, pisa ou esmaga aqueles que estão num nível inferior” (HARRIS, 1998, p. 1186).

Ao considerar-se que o homem deve refletir a imagem de Deus, isso significa que o ser humano deve copiar as atitudes da divindade. Isto impede que o justo, de alguma maneira, oprima aqueles que estão em uma condição inferior. No trio de quem normalmente é mais oprimido, a primeira pessoa citada com necessidade de atenção e cuidado é o estrangeiro. Frizzo (2011, p. 24) assegura:

O estrangeiro faz parte dos grupos socialmente fracos e tradicionalmente sem bens – terra, animais herança – e, embora sendo homem livre, está a mercê da colaboração da comunidade de Israel. Trata-se de desprovido de qualquer sistema jurídico que possa defendê-lo, facilitando, assim, a exploração de seu trabalho e contribuindo para uma situação de extrema pobreza.

O povo de Israel sabia muito bem o que era ser estrangeiro oprimido, e mesmo assim costumavam deixar este grupo passar necessidade. Stigers (in HARRIS, 1998, p. 256) assevera que estrangeiro:

É mencionado lado a lado com o pobre (Lv 19, 10; cf 23,22) e com os órfãos e as viúvas (Dt 14,29; 16,11 e 14; 24, 17; 26, 13; 27,19). Com eles partilhava dos feixes deixados no campo (24,19) e as respigas das oliveiras e videira (24, 20 e 21), junto com o dízimo a cada três anos (14,27; 26,12). Devia ser tratado com justiça nos julgamentos (1,16; 24,17; 27,19), e as seis cidades refúgios também eram cidades refúgios para ele (Nm 35,15). Em resumo, o Senhor ama o *ger* (Dt 10,18). Os israelitas não deviam oprimi-los porque eles próprios foram oprimidos e sabiam o que era experimentar isso (Ex 22,21; Dt 10, 19). Deviam amá-lo como a si mesmos (Lv 19,34)

Algo importante é compreender quem era visto como estrangeiro. Frizzo (2011, p. 25) declara que a consanguinidade e o local de nascimento eram utilizados para indicar quem eram os estrangeiros. Assim, os povos da terra de Canaã, mesmo sendo anteriores a chegada do povo de Israel, eram considerados estrangeiros. Frizzo (2011, p. 25) afirma:

O termo estrangeiro utilizado no livro de Deuteronômio refere-se a um sujeito, seja ele homem ou mulher, que tenha saído do meio de uma determinada sociedade para se estabelecer em terra de Israel... É possível compreender o estrangeiro como alguém que migrou de um território para alguma área israelita, mas que levou consigo hábitos culturais e práticas religiosas que o distinguem quando em contato com grupos atrelados à tradição judaica.

O segundo carente é o órfão, associado ao estrangeiro e a viúva ocupa atenção especial no cuidado de Deus. Os órfãos “tem uma sorte sobremodo infeliz no tempo dos profetas (Is 1,23; Jr 5,28; Ez 22,7). Assim abandonado, o órfão não pode esperar senão de Deus: este é seu pai e seu amparo (Sl 68,6; 10,14)” (MONLOUBOU, 1996 p. 572). Deus havia projetado um sistema de amparo a estes desafortunados, o problema desta situação é o fato das pessoas não seguirem a divina instrução.

Mesmo sendo órfãos deveriam sentir-se amados por um Pai maior e por seus irmãos, os demais filhos de Deus. Neste segundo ponto é que entra a importância de como o israelita deveria tratar um órfão, mesmo que não fosse de sua família direta, afinal pertenciam a uma mesma crença e não apenas ao mesmo grupo tribal ou étnico.

É interessante compreender quem os israelitas consideravam órfãos, tendo em mente que a proteção familiar provinha do homem (uma sociedade patriarcal), assim, mesmo tendo mãe considerava-se o indivíduo como órfão. Segundo Frizzo (2011, p. 28)

O grupo social órfão é sempre citado como alguém merecedor de atenção e que não deve ver seu direito violado, mas não se vê nenhuma característica capaz de desenhar situações do que venha a ser um órfão. Por outro lado, os textos sapienciais oferecem esses elementos, possibilitando uma definição, uma compreensão e um manuseio do termo.

Em Lamentações 5,3 é escrito: Somos órfãos, já não temos pai; nossas mães são como viúvas. Este texto demonstra que o órfão é o jovem que não se encontra mais sobre a proteção e segurança do pai. Em Jó 24,9 lê-se: O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Aqui se chega a extrema pobreza, onde os pais são separados dos filhos a força, para serem vendidos como escravos para sanar possíveis dívidas. Neste caso o jovem pode até possuir os pais, mas pela distância e desamparo da situação é considerado órfão.

O último termo é viúva, na verdade é difícil separar este trio, pois normalmente são citados juntos precisando de atenção. Em uma sociedade antiga, onde a mulher dependia inteiramente dos homens e de sua família, ser viúva era o ápice da fragilidade para uma mulher. Viúva “trata-se da mulher que passou a viver sem a proteção do marido, após a sua morte, tenha filhos ou não, e se vê diante do desafio de procurar a proteção familiar sob as condições patriarcais” (FRIZZO, 2011, p. 30). Ao perder o esposo, além da dor emocional sentida, iniciava-se a pobreza e o desamparo. Deus ama cada um e está sempre disposto à auxiliá-los, principalmente através de seus filhos. Segundo Scott (in HARRIS, 1998,p. 77):

Notamos o cuidado de Deus e sua preocupação para com as viúvas. Deus ouve o seu clamor (Ex 22,21 e 22) e executa justiça em favor delas (Dt 10, 18). Por conseguinte, Deus as trata com compaixão excepcional, como pessoas indefesas. Ele é juiz delas de modo especial (Sl 65, 5 e 6), tratando-as com a mesma misericórdia demonstrada para com os órfãos (Sl 146, 9). Deus também protege herança das viúvas (Pv 15,25). Quando os outros são julgados, um chamado especial a fé é dirigido a elas (Jr 49,11). No final do período do AT, Deus expressa sua preocupação com as viúvas.

Mas quando o povo não atende a necessidade daqueles que estão a sua volta, Deus clama para que tenham misericórdia. Afinal “se um homem morresse nos tempos bíblicos a viúva normalmente sofria nas mãos de homens poderosos” (YOUNGBLOOD, 2004, p. 1451). Deus promovera normas para garantir o sustento dos carentes, mas em sua dureza de coração

o povo não as atendia e assim a desigualdade social aumentava. A existência de viúvas não era indicação de bons tempos, pois de acordo com Monloubou (1996, p. 822) indicava que a situação era precária e, junto com os estrangeiros e os órfãos, constituía-se uma classe de pessoas infelizes e desafortunadas. Ao atentar para estes grupos tão sofredores e oprimidos (estrangeiro, órfão e viúva) Frizzo (2009, p.34) ressalva:

Fala-se desses grupos sociais num sentido sempre restrito, definido e inserido numa determinada situação de demanda, de pessoas que se vêem envolvidas numa esfera de violação de seus direitos e, ao mesmo tempo, têm consciência de que, sem a proteção legal, se encontram à mercê da própria sorte, isto é, correm o risco de morte.

Maltratar qualquer integrante deste triste grupo se considerava um terrível pecado, aqueles que o praticam são colocados ao lado de adúlteros, feiticeiros e perjuros em Malaquias 3,5. Deus ama e quer atender cada um de seus filhos, mas estes sofredores ocupam atenção divina especial por serem oprimidos pelos próprios conhecedores de Deus. Por conhecerem bem a Deus, cumpriam minuciosamente a letra da Lei, mas não a sua essência que se resume em amor. Aquele que não ama não conhece a Deus (1Jo 4,8). Henry (2002, p.617) declara:

De nada aproveitarão as observâncias, as profissões ou as supostas revelações se os homens não corrigem os seus caminhos e a sua maneira de agir. Ninguém pode alcançar a salvação gratuita se permite-se praticar um pecado conhecido, ou viver deixando de cumprir o dever conhecido.

Os profetas eram conhecedores profundos de Deus e da sua Lei de amor, amavam um povo que não queriam ouvi-los, desejavam mudar a situação para serem realmente livres, felizes e completos. Frizzo (2011, p. 36) reafirma:

Nota-se uma forte sensibilidade no gesto de denunciar a falta de normas éticas, capazes de garantir a justiça e o direito a esses grupos, tidos como sem importância em suas respectivas épocas. Os oráculos proféticos favorecem a percepção do alto grau de opressão e flagelo imposto a esses grupos desamparados.

Sangue inocente neste lugar

Este texto não se refere a crimes contra outro ser humano, enfatiza onde é derramado sangue inocente: neste lugar. O discurso se realizava no Templo, e ali se derramava sangue inocente, menção aos holocaustos e sacrifícios. O animal sacrificado não era considerado inocente, pois assumia a culpa de quem o ofertava, se tornando um substituto. O processo de

substituição ocorria quando o homem se arrependia de seu pecado e ao colocar sua mão sobre o animal transferia para ele a consequência de seu erro. Neste texto de Jeremias, o profeta afirma que o animal sacrificado é inocente, não assume a culpa do pecador, já que este não se arrependeu e nem deixará de oprimir os necessitados.

3.4.4 A promessa de Deus – verso 7

Na terra que dei a vossos pais, há muito tempo e para sempre

Deus menciona a história deles como povo e do compromisso que tinham um com o outro. Os presenteados nesta sentença são os vossos pais, este termo: לְאֲבוֹתֵיכֶם (la'aboteykem) trata-se da união de uma preposição ל, com אב ('ab) que é substantivo comum masculino plural. Para Schökel (1990, p. 11 e 12) esta palavra hebraica possui uma variedade de significações, sendo o primeiro o sentido de origem: pai ou em um âmbito mais amplo algum antepassado; também adquire um sentido figurado sendo um fundador, o iniciador de alguma prática, o patriarca protetor do clã, ou ainda poderia designar um ofício religioso ou político.

Na antiguidade comumente havia unidade tribal, assim o ancestral era considerado pai. A promessa pela terra foi feita a Abraão, originador dos hebreus (Dt 26, 5; Is 51,2; Jo 8,39); pai, portanto. Segundo Payne (in HARRIS, 1998, p. 6):

Entre os substantivos próprios do AT que empregam o termo 'āb, o mais conhecido é Abraão... quando Iavé estabeleceu a sua aliança com Abrão (17, 1 e 2) disse: “Teu nome será Abraão ('abrāhām), porque por pai de numerosas ('ab-hamôn) nações eu te constitui”...Abraão que se tornou posteriormente pai dos féis, tanto com respeito a sua atitude subjetiva da fé como com respeito à sua herança objetiva de justiça.

Deus havia prometido a seus antepassados terra, este termo בְּאֶרֶץ (ba'arets) trata de uma preposição ב (be), seguida por um artigo ה (ha) e, por fim, o termo principal אֶרֶץ ('erets, substantivo comum, feminino e singular). Para Alonso Schökel (1990, p. 73) este substantivo pode ser visto em diversos aspectos. Em primeiro nível o cosmológico, este se subdividia em duas seções: sendo que a primeira trata do oposto ao céu, poderia ser entendido como terra e globo terrestre; a segunda seção seria oposta ao mar, neste caso se trataria de

terra firme e continente. Um segundo nível de entendimento do termo hebraico é o geológico, este se subdivide em duas seções também: a primeira a superior, tratando-se do solo e superfície terrestre; a segunda subseção, a inferior, neste entendimento referia-se ao abismo, sepultura e subterrâneo. No contexto do texto de Jeremias trata-se de uma área de habitação fixa para um povo de origem nômade, destaca Hamilton (in HARRIS, 1998, p. 125):

As fronteiras desta nova terra, prometida a Abrão e a sua semente, são pela primeira vez mencionada em Gênesis 15,18. É interessante notar que esta promessa só foi cumprida geograficamente duas vezes, por pouco tempo durante a época de Davi, e em segunda ocasião na época dos hasmoneu, no período intertestamentário. Esta terra pertence ao Senhor, como também todo o mundo. É sua herança (1 Sm 26,29). A terra é santa somente porque o Deus da santidade deu-a a seu povo. Não há nada intrinsecamente sacrossanto com relação a esta terra mais do que há com respeito a Jerusalém ou ao templo. Se Deus se ausenta, a santidade também se vai.

Como no período do Antigo Testamento não se compreendia a promessa a longo prazo (como um céu) e Deus respeita as limitações de seus filhos, as promessas eram formuladas naquilo que entendiam e mensuravam. Este era o sentido da promessa com relação a terra, não pensava-se em uma recompensa final e sim imediata; Deus recompensa a misericórdia de seus filhos nos dois aspectos: agora (com uma alegria e completude que não podem ser descritas) e posteriormente (com um céu sem sofrimento).

A promessa era de uma habitação obtida desde os tempos antigos e que duraria para sempre, esta expressão no hebraico עולם (*‘olam*, substantivo comum masculino singular) é bastante significativa. Afirma Macrae (in HARRIS, 1998, p. 1126):

Conquanto *olam* seja usado mais de 300 vezes para indicar um prosseguimento indefinido até o futuro distante, o significado da palavra não se restringe ao futuro... Jenni defende que sentido básico de tempos mais remotos pode indicar tanto o passado longínquo quanto ao futuro distante ou ainda ambos, devido ao fato de que a palavra não ocorre independente (quer como sujeito quer como objeto), mas somente junto com preposições que indicam direção (*min*, “desde”, *ad*, “até”, *l*, “até”), ou como um advérbio acusativo de direção ou finalmente como um genitivo modificador na relação construto. Neste último caso *‘olam* pode expressar por si mesmo toda a gama de significados denotados por todas as preposições, desde os tempos mais longínquos até os tempos mais distantes, assume o sentido de tempo contínuo (ilimitado, incalculável), eternidade.

Assim, a promessa divina era de continuidade da proteção e habitação. Mas estava condicionada, pois duraria enquanto o povo de Israel o adorasse sendo justo e igualitário com todos. A adoração acontece em todos os momentos da vida, de forma prática e não apenas teórica e deve conduzir as demais pessoas que cercam os servos de Deus a acreditarem que Deus as ama e quer lhes fazer bem.

Algo a se pensar é que adoração é a base dos mandamentos de Deus: Portanto, amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força (Dt 6,5) e o primeiro mandamento: Não terás outros deuses diante de mim (Ex 20,3). O ponto é idolatria é qualquer item que o homem coloque em primeiro lugar em seu coração, seja outro deus ou ele mesmo, assim fazendo de todas as pessoas que estão a sua volta seus subalternos e inferiores.

3.4.5 Relato dos erros que Deus observava em Israel – verso 8, 9 e 10

Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso

Serão analisadas quatro ações: roubar - גָּנַב (*ganob*, verbo qal infinitivo absoluto); matar - רָצַח (*ratsoah*, verbo qal infinitivo absoluto); cometer adultério - נָאָף (*na'op*, verbo qal infinitivo absoluto) e jurar falsamente - וְהִשָּׁבַע (wehishabe'a, וְ conjunção, שָׁבַע *shaba'* verbo niph'al no infinitivo, jurar) e שֶׁקֶר (*sheqer*, substantivo comum no masculino e singular, falsamente).

A primeira atitude que Deus percebe em seu povo é o roubo e, aparentemente, os israelitas não consideravam esta ação tão errada. Smith (in HARRIS, 1998, p. 277) demonstra:

O castigo para o roubo em Israel não era tão severo como em algumas das nações vizinhas, onde a punição era a morte. A Lei determinava que o ladrão devolvesse á sua vítima duas vezes o valor do que ele havia roubado (Ex 22,7). Dessa maneira o ladrão perdia a exata quantia que ele tinha esperado obter. Os castigos eram dobrados e até mais do que dobrados, caso o ladrão matasse ou vendesse um animal roubado. Só em caso de sequestro (Ex 21,16) ou roubo de “anátoma” (IBB, Js 7,11 e 25) o ladrão era morto.

A próxima ação praticada por Israel e repreendida por Deus é matar. “O uso de *rātsah*, é crime de um homem contra seu semelhante e a censura divina que está em proeminência” (HARRIS, 1998, p. 1451). Somente Deus da vida, assim tal ação é incorrigível e sem retorno.

O terceiro item desta lista de ações erradas que Deus observa em seu povo é o adultério. Ressalva Coppes (in HARRIS, 1998, p. 902):

O sétimo mandamento exige pureza sexual. Isso contrasta com a infidelidade e promiscuidade sancionada pela religião oficial do restante do antigo Oriente Médio.

A religião de Iahweh apresenta adultério como um crime repugnante contra Deus... o casamento devia ser observado como um ato (1Co 7,2) e também como uma instituição estrutural (Ef 5,23).

Embora a raiz da palavra aponte para relação sexual com a esposa ou prometida de outro homem, pode ser ampliada a compreensão do que se trata de adultério. Coppes ainda declara:

Os empregos teológicos dessa raiz acrescentam uma dimensão instrutiva à teologia da aliança... a palavra em questão nos faz lembrar o fato de que Deus se relaciona com seu povo não apenas como rei soberano mas também como marido... os profetas esta figura ao descreverem o pecado de Israel... pecado é falta de conformidade ao ideal de afeição e lealdade no matrimônio. Israel é condenada por não aceitar as reivindicações feitas por Deus de ser ele o senhor no casamento. Israel serviu outros deuses ao praticar prostituição cultural e espiritual.

O último item desta lista de pecados é jurar falsamente. Para Stenzel (in BAUER, 1973, p.593) “O juramento é na Bíblia, um apelo ou um chamamento de Deus, o qual deve confirmar uma afirmação... Geralmente o juramento bíblico tem uma notável semelhança com um voto, de modo que quase se pode falar de um juramento votivo.” Assim, considerava-se o juramento um ato sagrado, embora fosse encontrado entre os pecados de Israel o falso juramento. O forte desta observação de Deus é que o povo não estava jurando por deuses falsos ou deixando de fazer juramentos, mas estavam jurando hipocritamente, brincando com o nome de Deus que é sagrado, e tal falta acontecia no Templo, o lugar mais sagrado que havia onde a adoração era feita, mas de forma vazia.

Uma correta adoração se resume em uma palavra chave: obediência. Em Deuteronômio 10, 12-20 é escrito:

E agora, Israel, que é o que Iahweh teu Deus te pede? Apenas que tema a Iahweh teu Deus, andando em seus caminhos, e o ames, servindo a Iahweh teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, e que observes os mandamentos de Iahweh e os estatutos que eu te ordeno hoje, para o teu bem. Vê: é a Iahweh teu Deus que pertencem os céus e os céus dos céus, a terra e tudo que nela existe. Contudo, foi somente com teus pais que Iahweh se ligou, para amá-los! E depois deles escolheu de todos os povos a sua descendência – vós próprios! – como hoje se vê. Circuncidai, pois, o vosso coração e nunca mais reteseis a vossa nuca! Pois Iahweh vosso Deus é o deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, o valente, o terrível, que não faz acepção de pessoas e não aceita suborno; o que faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e roupa. (Portanto, amareis o estrangeiro, porque foste estrangeiro na terra do Egito.) A Iahweh teu Deus temerás e servirás, a ele te apegarás e por teu nome jurarás.

Em sua declaração, Jeremias afirma ocorrer o oposto do que Deus pedia, e ainda assim o povo jurava usando o nome de Deus. “O juramento é uma fórmula pela qual o homem

chama as coisas sagradas em apoio de suas afirmações ou de suas promessas... equivale a jurar pela vida do Senhor” (MONLOUBOU, 1996, p. 453). O povo jurava falsamente, isto significa que mentiam uns para os outros, para Deus e para si próprios. R. K. Harrison (1980, p. 68) ressalta que “a base de toda a corrupção era a idolatria, com a falsa escala de valores que trazia consigo.”

Queimar incenso a baal, correr atrás de deuses estrangeiros, que não conheceis

O termo chave nesta frase é conhecer **לֹא-יָדְעוּם** (*lo'-yeda'tem*, onde **לֹא** [*lo'*] é não e **יָדַע** [*yada'*] é verbo qal perfeito segunda pessoa masculino plural, conhecer). Asseguram Lewis e Gilchrist (in HARRIS, 1998, p. 598):

Além do conhecimento de assuntos seculares, *yada* também é empregada para indicar o relacionamento de alguém com uma divindade (Dt 13,3-14) ou com Javé (1 Sm 2,12; 3,7). O pagão não conhece a Deus (Jr 20, 25), nem tampouco Israel, de acordo com os profetas (Jr 4,22).

Jesus destaca porque a adoração da mulher samaritana estava incompleta: “Vós adorais o que não sabeis...” (João 4,22). Para se ter uma adoração plena é preciso saber o que e quem se adora. Loron Wade (2006, p. 18 e 19) destaca:

O conhecimento de Deus não começa com a razão humana, mas com a revelação. Isto é, Deus precisa revelar-se. Não podemos descobri-lo por meio de nossos próprios esforços. E essa revelação de Deus teve sua expressão máxima em Jesus Cristo. A revelação é concedida silenciosamente àqueles que abrem os olhos, os ouvidos e, acima de tudo, o coração. Em vez de uma convicção monumental, o que precisamos é afastar os bloqueios à fé e deixar de fechar os olhos às evidências.

A adoração a Deus vai além dos momentos de culto, envolve todos os aspectos da vida, o povo deveria reconhecer isto em sua própria história. Quando Deus chamou Abraão ele prontamente obedeceu, não sabia para onde iria, o que Deus tinha planejado para ele, não tinha respostas... Mas tinha fé e simplesmente obedeceu. Fé é obedecer mesmo sem ter as respostas, e envolve confiança, mas para confiar é preciso conhecer. Adoração é o reconhecimento da supremacia divina. Ela se torna verdadeira se há percepção da dependência de Deus em todos os aspectos da vida.

Neste trecho o ponto chave é adoração e idolatria, quando se tem em vista que adoração envolve todos os aspectos da vida, o conceito de idolatria também fica mais completo, Mosconi (1998, p. 149) reforça o que é idolatria:

Idolatria para os profetas é o trocar o Deus verdadeiro, Javé libertador, por divindades falsas inventadas para dar cobertura à mentira e à opressão ou para justificar caprichos e interesses mesquinhos... Javé, o Deus da vida e da liberdade, da misericórdia e da solidariedade, da ternura e do vigor... Deus não é algo a mais, um acessório a ser usado de vez em quando.

Por Iahweh não tolerar a opressão, muitos se refugiavam em uma falsa adoração ou mesmo na idolatria. Criavam deuses que não reprovavam sua mesquinhez. Deus não deve ser visto como um amuleto, e sim dar sentido profundo a vida.

Virdes e vos apresentardes diante de mim, neste Templo, onde meu nome é invocado

“O contato com Deus não se dá através de uma confiança mágica no Templo, ao contrário, o relacionamento com Javé se estabelece através da realização da sua vontade.” Rossi (1990, p. 38). O objetivo da adoração não significava renovação de caráter, mas apenas uma forma de acalmar a consciência. Rossi (1990, p. 40) também afirma que “o culto não combinado com a vida diária deles e, por isso, não é autêntico.”

A adoração faz parte do indivíduo como um todo, a participação do culto no templo é um destes aspectos, viver de forma justa e honesta também é um dos elementos que a compõem. Em Oséias 6,6 encontra-se: Porque é amor que quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos. A princípio o texto parece contraditório, pois foi Deus que instituiu os sacrifícios e holocaustos. O ponto significativo é que o povo perdera de vista o que realmente importava, sacrificar fazia parte da adoração, mas se a lei resume-se em amor a Deus (Dt 6,5) e ao próximo (Lv 19,18), se o amor desaparece das atitudes e das escolhas do povo, fazendo com que o egoísmo e o individualismo norteie a ação, então esta adoração não é autêntica, ainda que siga rigorosamente as regras.

Segundo R. K. Harrison (1980, p. 68) “em meio a esta perversidade grosseira as pessoas ainda são ingênuas a ponto de imaginar que serão salvas da destruição iminente observando rituais. Elas profanaram a casa de Deus fazendo dela um esconderijo entre um crime e outro.”

Estamos salvos, para continuar cometendo estas abominações

Nesta declaração saltam aos olhos duas palavras, salvos: נִצְּלָנוּ (*nitsalnu*, verbo niphal perfeito na primeira pessoa plural) que segundo Schökel (1994, p. 508) pode ser traduzida por livrar-se, salvar-se, escapar, evadir-se, estar seguro e refugiar-se. E abominações: הַתּוֹעֲבוֹת (*hato'ebot*, substantivo comum feminino plural). “Abominação é tudo aquilo que ofende o

senso espiritual, religioso ou moral de um indivíduo e prova aversão, ira ou desprezo... a maioria das palavras hebraicas traduzidas como abominação tem o significado impureza ou sujeira – tudo aquilo que exala um aroma impuro é ofensivo a um Deus santo” (YOUNGBLOOD, 2004, p. 9).

O que o texto destaca era a maneira abominável que os israelitas tratavam aos pobres e necessitados e como o discurso acontecia no Templo e em nenhum momento se fala de algo mais cultural, como de abominação da idolatria e dos cultos que eram praticados no Oriente Médio na antiguidade. A frieza estava no coração da população que era incapaz de amar e pensava estar usando de forma correta sua liberdade.

Declara Rossi (1990, p. 40):

O profeta demonstra esta situação em três tempos: a) comete-se maldades (v.9); depois, b) vai ao templo (v.10a), uma situação muito normal, pois é legítimo de um pecador confessar e se arrepender de seus pecados no Templo, e , finalmente c) eles saem e tornam a praticar as mesmas maldades (v. 10b). Dessa forma, com seu procedimento mostram que no conceito deles o Templo não vale muita coisa. O Templo e seus rituais nele realizados funcionam somente como um possível calmante para Javé.

O significado dos rituais se esvaziara, perdera-se de vista o que realmente importava: amar solidariamente. O objetivo de Deus não era somar vítimas e derramar sangue, embora muitas vezes isto fosse praticado por seu povo. Schökel e Diaz (2004, p. 474):

O Senhor não é Deus de mortos, que se agrada com vítimas humanas. Ele detesta os cananeus que as oferecem: Lv 18,21; 20,2; Dt 12,31; 18,10; trocou o sacrifício de um filho pelo sacrifício de animais (Gn 22); no que diz respeito aos primogênitos, ele quer que sejam consagrados e permite que sejam resgatados: Ex13,2.11-16; Nm 3,40-52. Entretanto, os Israelitas, por vezes, praticaram esse culto abominável.

Quando libertos da escravidão e ao tornarem-se uma nação, o povo de Israel assumiu um compromisso com Deus, mas o quebraram. Para Rossi (1990, p. 38) “Abandonar a Javé também possui o significado de deixar de cumprir a sua vontade expressa na Aliança; e isso significa, por sua vez, que é também infringir a integridade social que esta estabelece. Abandonar a Javé é também abandonar o ser humano.”

Quando a união do homem com Deus é real, a consequência é seguir seus passos, Deus ama e auxilia a todos; o homem deveria agir assim, colocar seus interesses em segundo plano, atender os necessitados, órfãos viúvas e estrangeiros. Ao partir da premissa de que todos foram criados a semelhança de Deus, então, qualquer ser humano é a imagem de Deus. Ao amar a Deus, o resultado seria amar a todos também, não causando nem permitindo

injustiças. O inverso ocorreu, o povo oprimido passou a oprimir, quando o ideal divino é o fim da opressão.

3.4.6 Sentença do julgamento – verso 11

Eu também vi, oráculo de Iahweh

Após analisar as atitudes do povo de Israel, que não mudavam apesar das súplicas de Deus vindas através das vozes dos profetas, chegou o momento da colheita do que fora semeado. O povo de Israel diminuía a Deus colocando-se em primeiro lugar, oprimindo e ignorando os demais, como se Deus não fosse capaz de perceber o que ocorria além das paredes do Templo. A frase final é enfática: eu vi, oráculo de Iahweh.

3.5 O RITO QUE AGRADA A DEUS

O problema levantado por Jeremias em seu discurso no templo era a idolatria do povo, pois quem ocupava o primeiro lugar em seus corações eram eles próprios. Não se cumpria a Lei, pois “os mandamentos funcionaram como um forte estímulo para pensarem não apenas em si mesmas e gravitarem em torno do próprio umbigo, mas despertou nelas a consciência da responsabilidade pelo outro e para com este mundo” (Grün, 2007, p. 10). Mas tal ação não se verificava mais em Judá.

Era pelo amor para com o sofredor e o carente que clamava Jeremias, este sentimento sublime corria em suas veias. O profeta apelava para mudança de caminho, que significava praticar o que é direito (verso 5), ser correto em suas ações, justo e verdadeiro. Jeremias clamava para acabar com a opressão do estrangeiro, do pobre e da viúva (verso 6), esse pedido se baseava no código da Aliança (Ex 22,20-22). Ele pedia para não derramar sangue inocente (verso 6), ou seja, para findar com qualquer forma de violência.

O profeta acentua os maiores pecados contra o próximo: matar, roubar, cometer adultérios e jurar falso (verso 9). A adoração a Deus para o profeta ocorre na maneira como são tratadas as pessoas com quem se convive. A voz profética clamava por uma religião pura que é amar integralmente o homem e ampará-lo em suas necessidades. “Palavras de Deus são

sempre palavras de vida, palavras de amor, de doação; são palavras-caminho” (Grün, 2007, p. 11)

Uma expressão forte é chamar o Templo de covil de ladrões (verso 11). As denúncias visavam conversão e mudanças de atitudes do povo. Era preciso amparar o próximo e o oprimido, esta ação, fazia parte do verdadeiro culto como enfatizava Jeremias. “Ninguém tem verdadeiro amor a Deus se não tiver amor desinteressado ao seu irmão” (WHITE, 1996, p. 82).

O povo de Judá estava preso em sua má compreensão da Lei. Entendiam que adorar a Deus se resumia ofertar um animal para o sacrifício e que a adoração apenas o ocorria no Templo. Os profetas clamaram para que houvesse um entendimento mais profundo e completo do que realmente é adoração. Estes homens enfatizavam que agrada a Deus a prática da justiça e o direito em favor dos oprimidos.

Quando Jeremias critica o que ocorria no templo e deslegitima os ritos sacrificais, sua intenção era somente uma, findar com as injustiças sociais e econômicas. O profeta propõe uma nova forma de adoração, que é a prática da justiça e o restabelecimento do direito dos pobres e explorados. Jeremias desmascara a violência e superficialidade do sistema religioso e declara qual rito é agradável a Deus, a prática do amor.

O maior exemplo deste amor foi demonstrado por Jesus. Segundo Grün (2007, p. 24) ele “vê a observância aos mandamentos de modo parecido ao descrito no Antigo Testamento. A vida de quem guarda os mandamentos dará certo, porque a estrutura de sua vida, construída sobre uma base sólida, não desabará nunca.” O tema do próximo capítulo é o ministério de Jesus tendo em vista o espírito de profecia que procura salientar que a verdadeira adoração a Deus se realiza de forma prática no cuidado e amparo ao sofredor.

4 JESUS E SEU MINISTÉRIO PROFÉTICO

A preocupação dos profetas estava na restauração espiritual, física e social dos seres humanos. Assim, como o homem é um todo e não partes isoladas, a sociedade depende de todos e não apenas de alguns indivíduos isolados para ser produtiva e completa. Isso só acontecerá quando cada ser humano estiver bem estruturado, não apenas alguns terem condições plenas enquanto outros são abandonados e explorados.

Os profetas clamavam contra a desigualdade social de seus dias, eles desejavam que todos entre o povo tivessem as mesmas condições existenciais. Profeta após profeta clamavam pela igualdade social, mas infelizmente as mudanças não ocorreram de forma significativa ao longo do tempo. Mesmo após todo o período profético (aproximadamente do século IX ao VI a.C.) continuava a desigualdade, a pobreza e o sofrimento.

Após o período dos profetas, a História apresentou o mais sublime período da humanidade, isto ocorreu quando Jesus viveu junto às pessoas. Nele é possível observar uma grande preocupação profética, um profundo incômodo com o sofrimento humano. Como os profetas, incluído Jeremias, Jesus condena a hipocrisia inclusive dos líderes religiosos. Assegura Pagola (2011, p. 22):

Jesus traz um horizonte diferente para a vida, uma dimensão mais profunda, uma verdade mais essencial. Sua vida converte-se num chamado a viver a existência a partir de sua raiz última, que é um Deus que só quer para seus filhos e filhas uma vida mais digna e feliz. O contato com ele convida a desprender-se de posturas rotineiras e postiças; liberta de enganos, medos e egoísmo que paralisam nossa vida; introduz em nós algo tão decisivo como a alegria de viver, a compaixão pelos últimos ou o trabalho incansável por um mundo mais justo.

Quem foi Jesus é uma importante pergunta, compreender seu papel e preocupação é o que norteia o cristianismo. Mesmo em seus dias tal tema era plenamente debatido:

Chegando Jesus ao território de Cesaréia de Filipe, perguntou aos discípulos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram. “Uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros, ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou; “E vós, quem dizes que eu sou?” Simão Pedro respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. (Mt 16, 13-16)

A resposta de Simão Pedro foi acertada e elogiada por Jesus. Mas antes de perguntar diretamente aos seus discípulos quem eles achavam ser ele, perguntou o que comentavam dele. De um modo geral a população percebia Jesus como um profeta e o comparavam com

dois muitos estudados, Elias e Jeremias. Pode-se afirmar que Jesus era visto como profeta. É possível tal percepção? Ele demonstrou alguma preocupação com o estado social, físico e espiritual de seu povo, como os profetas? Teve alguma ação significativa? Estes aspectos serão analisados a seguir.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA COMUNIDADE NA QUAL JESUS VIVIA

Jesus nasceu durante o domínio do império Romano, mesmo sendo judeu, deveria ser submisso e conviver com a cultura romana. Para compreender a sociedade nos dias de Jesus é preciso rever brevemente o que ocorreu no reino de Judá e com seus profetas, até o I século da era de Jesus.

No início de sua formação, o Estado de Israel se rompeu após a morte do seu terceiro rei, Salomão, “a estrutura por Davi levantada desabou precipitadamente, sendo substituída por dois Estados rivais” (BRIGHT, 2003, p. 281). A relação de alianças e competições entre os reinos se encerraram em 722/1 quando os assírios destruíram o reino do norte e iniciou-se um triste período para o povo. Bright (2001, p. 281) declara que a idade heróica dos primórdios da nação terminara. Liverani (2008, p. 248) declara sobre o povo de Israel e seu reino:

Rico e próspero, vivo e original, foi posto em crise pelo avanço imperial: primeiro os assírios (entre 750 e 640), depois os babilônicos (entre 610 e 550) intervieram com força na área, estimulados sem dúvida por suas ideologias expansionistas e totalitárias, mas atraídos também de modo mais concreto pelo prestígio econômico e cultural da região. Com repetitiva alternância, antes estabelecem relações comerciais, depois impuseram a tributos, enfim conquistaram e anexaram, destruíram e deportaram.

Assim como o ano de 722/1 é o desfecho para o reino do norte, 589/588 é a conquista do reino do sul. Mas, houve uma grande diferença. Liverani (2008, p. 269) destaca a forte coesão persistente entre os exilados babilônicos, contrastando com o desaparecimento das dez tribos do norte, deportadas e espalhadas pelos assírios. Liverani (2008, p. 270) declara que os exilados babilônicos:

Estavam concentrados na babilônia em sentido estrito: em torno da capital e na zona de Nipur, ao longo do canal Kebar (Ez 1,3; 3,15; o Nar-Kabaru das fontes babilônicas) e em geral “à beirados rios da Babilônia” (como inicia o famoso salmo 137). Estavam estabelecidos sobre tudo em pequenas cidades ou vilas abandonadas.

O povo se manteve unido, mas em condições devastadoras e limitadas. No salmo 137 o salmista lamenta a situação de Jerusalém e faz um pedido, que pudessem voltar para sua terra e que se fizesse a Babilônia o que esta nação fizera a eles, foi exatamente o que a Pérsia fez. Eis o salmo:

À beira dos canais da Babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas. Lá, os que nos exilaram pediam canções, nossos raptos queriam alegria: “Cantai-nos um canto de Sião!” Como poderíamos cantar um canto de Iahweh numa terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita! Que me cole a língua ao paladar caso eu não me lembre de ti, caso eu não eleve Jerusalém ao topo de minha alegria! Iahweh, relembra o dia de Jerusalém aos filhos de Edom, quando diziam: “Arrasai-a! Arrasai-a até os alicerces!” Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha!

O salmo é extremamente trágico no final, mas o Império Babilônico findou-se no século VI a.C sendo conquistado pelo Império Persa em 539 a.C. O conquistador Ciro foi benevolente com os judeus que estavam na Babilônia, “Ciro foi considerado pelos judeus como um salvador, como um enviado de Jeová, por os ter libertado do cativo e permitir-lhes reconstruir o seu templo em Jerusalém (ROAF, 1997, p. 204). Cabe resgatar o texto do de Isaías 45, 1 onde encontra-se Ciro como eleito de Iahweh: “Assim diz Iahweh a seu ungido, a Ciro tomei pela destra, afim de subjugar as nações e desarmar reis, afim de abrir portas diante dele, afim de que os portões não sejam fechados.”

Ciro aparentava ser muito religioso, afirma Pixley (2008, p. 91):

Através do cilindro de Ciro descoberto pelos arqueólogos se sabe que Ciro assumiu o padroado do culto de Merodac na Babilônia. Merodac pronunciara o nome de Ciro para que fosse o senhor de todo o mundo. Não é inverossímil que tenha adotado medidas semelhantes com relação a “Javé o Deus dos céus”

Obviamente um conquistador possuía outros interesses, além do cuidado espiritual. Os persas controlavam seus dominados de uma forma mais pacífica, pois ao permitir liberdade religiosa, inibiam revoltas e revoluções, “Ciro foi um dos governantes realmente de visão dos tempos antigos” (BRIGHT, 2003, p. 433).

Após um longo período na Babilônia, muitos judeus estavam bem instalados e decidiram permanecer longe da Palestina, por isso não foi grande o número de exilados que retornaram, não há registros do número exato de pessoas. Também não se sabe se foi instituída uma província de Judá, o mais provável é que fosse uma região subordinada a Samaria. BRIGHT (2003, p. 437) destaca:

Os recém-chegados enfrentam anos de dificuldades, privações e insegurança. Eles tinham de começar de novo, numa terra estranha o que, em si mesmo, já era uma tarefa de grande dificuldade. Eles eram atormentados pelas inclemências das estações e sofriam perdas parciais das colheitas (Ag 1,9-11; 2,15-17), o que deixou muitos na miséria, sem roupa e nem comida (1,6). Seus vizinhos, principalmente a aristocracia de Samaria, que considerava Judá como parte de seu território e ressentia-se com qualquer limitação de suas prerrogativas lá, lhes eram abertamente hostis.

Quando os exilados voltaram para a região de Jerusalém aconteceram alguns conflitos entre os exilados e o povo da terra na reconstrução do templo. “Este confronto é, na verdade, em grande parte, um conflito de classe: os camponeses e latifundiários aparentemente empobrecidos pela desorganização do período babilônico” (PIXLEY, 2008, p. 94 e 95).

Sem oposição do Império Persa, com o passar dos anos, os judeus retornaram para a região da Judéia; ao término da reconstrução do Templo, várias cidades de Judá foram repovoadas, entre estas, Técuá, Bet-Sur, Ceila e Jericó; mas a região não estava totalmente povoada, até mesmo Jerusalém possuía poucos habitantes.

Quanto à situação mundial, a soberania do Império Persa findou em 331 a.C., “o império de Ciro e de Dario tinha sobrevivido durante 150 anos até que caiu, praticamente intacto, nas mãos de Alexandre” (ROAF, 1997, p. 214). Sendo ainda um jovem conquistador, com cerca de 20 anos, Alexandre dominou o Império Persa, mas por pouco tempo, pois em 323 a.C faleceu na Babilônia. Após sua morte o território foi dividido e disputado entre seus quatro generais: Ptolomeu, Cassandro, Seleuco e Lísímaco. Cassandro obteve os territórios da Macedônia, Grécia e Épiro; Lisímaco ocupou a Trácia e a Bitínia; Ptolomeu dominou o Egito, Arábia, Líbia, Celosíria e Palestina; Seleuco, a Pérsia, Babilônia e Armênia.

Durante o governo ptolomaico, houve um período de paz na Palestina, mas foi um tempo de exploração econômica. “Havia escravos domésticos e produtivos por um lado, e estrangeiros dedicados a diversas atividades, mas que não tinham voz nos assuntos políticos, nem direito a propriedade de terra” (PIXLEY, 2008, P. 104). Quando as guerras recomeçaram, Antíoco III, o grande, derrotou o exército de Ptolomeu V e dominou a região da Palestina, seu domínio se estendeu até 167 a.C. Sir Isaac Newton (2008, p. 96 e 97) descreve o que ocorreu sob o domínio de Antíoco IV:

Os transgressores chegaram ao cúmulo: o sumo sacerdócio foi arrematado em leilão e as alfaías do Templo foram vendidas para pagar a conta... Antíoco [que era de origem selêucida] tomou Jerusalém com uma força armada, matou quatro mil judeus, fez muitos prisioneiros e os vendeu, saqueou o Templo, interditou a adoração, mandou queimar a lei de Moisés e estabeleceu a adoração dos deuses pagãos em toda a Judéia.

Antíoco IV reinou entre (175 – 163). Durante seu reinado houve diversas tentativas de independência e retorno as tradições judaicas. Em 167 a.C. Matatias se levanta e consegue uma independência judaica até aproximadamente 60 a.C. sob o governo Hasmoneu. Então, o povo judeu se divide entre os que não queriam mais guerrear e os mercenários que faziam parte do exército. Disputavam também quanto aos encarregados dos sacrifícios, quem seriam os sacerdotes e desejavam o término do reinado Hasmoneu.

Embora as cidades gregas estivessem em decadência devido a conflitos internos com os nativos, “muito séria, entretanto, era a constante ameaça de Roma, que progressivamente estava tomando interesse ativo pelas terras mediterrâneas orientais, pronta a intervir nos seus assuntos com mão de ferro” (BRIGHT, 2003, p. 499).

Os romanos se organizaram como nação e partiram para a ampliação do seu território. Nas primeiras batalhas foram derrotados (entre os anos de 224-191 a.C), mas a cada ano se aperfeiçoavam e se engrandeciam. Cornell e Matthews (1996, p. 48):

É evidente que no Mediterrâneo Ocidental os Romanos se tinham empenhado numa política agressiva, com o objetivo de aumentarem suas possessões à custa dos bárbaros nativos... A conquista da Gália Narbonense (Provença), entre 125 e 121 a. C., veio no seguimento dessa política, que acabou por levar à ocupação de toda a Gália continental por Júlio César (58-50 a.C.)

As conquistas do Mediterrâneo Oriental foram muito mais complicadas, pois ali se encontravam as sociedades mais avançadas cultural e politicamente. Neste período o governo de Roma não era Imperial, havia o Senado e os cônsules. Pompeu, um importante cônsul, aproximadamente em 70 a.C. percorreu o Oriente, conquistando a Anatólia e a Síria. Posteriormente “avançou para o sul até Jerusalém, que conquistou em 63 a.C.” (CORNELL E MATTHEWS, 1996, p. 68).

Em finais de 62 a.C. Pompeu fez uma aliança com Júlio César e Crasso (conhecida como Primeiro Triunvirato), esta aliança perdurou apenas até 53/52 a.C. quando iniciou-se o domínio de César. Em 49 a.C. César elaborou um programa de reformas políticas, sociais e administrativas para resolver os problemas de pobreza e de endividamento de Roma. Se os próprios cidadãos se encontravam em dificuldades quanto mais os povos conquistados. César é assassinado em 44, iniciando-se um novo período para Roma e todos os povos circundantes.

Octávio em 43 a.C. busca o poder, “fez ratificar pelo povo a sua adoção⁶ e converteu-se oficialmente em Julius Caesar Octavianus” (CORNELL E MATTHEWS, 1996, p. 72). Após diversas guerras internas, Octávio dominou completamente o Império Romano. Em 31

⁶ Em seu testamento César nomeou Octávio seu herdeiro e o adotara como filho.

a.C. se declarou imperador, seu governo perdurou até 14 d.C., morreu após reinar durante 45 anos. Entre 63 a.C. e 70 d.C os judeus estavam inseridos neste Império.

Para poder controlar um território tão extenso Octávio dividiu o Império em províncias dirigidas por governadores. Havia nove províncias: África, Hispânia, Gália e Germânia, Britânia, Danúbio, Grécia, Ásia Menor, Oriente, Egito e Cirenaica (CORNELL, 1996, p. 110). A Judéia e a Galiléia pertenciam à província Oriente.

A população do Império Romano não era muito extensa, no início do primeiro século provavelmente havia cerca de cinquenta milhões. As maiores concentrações da população eram urbanas, principalmente nas cidades de Roma e Alexandria. As demais cidades eram rurais, pequenas, com poucos habitantes, pessoas sem cultura e pobres.

Nos dias do ministério de Jesus imperava a *Pax Romana*, um período de relativa paz, não aconteciam guerras, não havia um poder que pudesse enfrentar o Império; esta “paz” era garantida pelas armas e pelo autoritarismo. “Não há, na mais pura expressão da verdade, como disseminar a *pax Romana* sem a ação militar dos exércitos em marcha. O Império era controlado pelo terror militar e, certamente, é possível dizer que o exército era a base do Estado e sua grande arma secreta” (ROSSI, 2011, p. 62 e 63).

Tal situação durou de 29 a.C., quando Augusto César declarou o fim das guerras civis, e seguiu até 180 com a morte de Marco Aurélio, os dois primeiros séculos do Império e da era cristã. “Umas trinta legiões, de cinco mil homens cada uma, e mais outras tropas auxiliares asseguravam o controle absoluto de um território imenso que se estendia desde a Espanha e as Gálias até a Mesopotâmia; desde as fronteiras do Reno, do Danúbio e do mar Morto até o Egito e norte da África.” (PAGOLA, 2011, P. 30).

Em um território tão vasto como o do Império Romano, as desigualdades sociais eram também imensas. Nessa realidade reinavam os deuses romanos e estes não incentivavam a solidariedade, segundo Rossi (2011, p. 65):

Interessante notar que estamos diante de uma tríade de deuses, ou seja, *Marte, Pax e Vitória*. Todavia, uma tríade da força e que tem como objetivo fundamental a conquista. Nesse caso, a trindade divina não serve para criar comunidade, mas sim para produzir conquista, escravização e morte.

Gritantes diferenças havia entre os cidadãos romanos e os povos dominados, os judeus da Palestina participavam no Império como um povo subjugado.

As duas principais regiões habitadas e visitadas por Jesus foram a Galiléia e a Judéia. Sobre a densidade populacional da Galiléia “Josefo afirma que, na Galiléia, transformada

juntamente com as regiões vizinhas em província do Império Romano desde 63 a.C., nenhuma das mais de duzentas cidades tinha menos de 15.000 habitantes antes do início da guerra judaica, no ano de 66” ao fazer esta averiguação em sua obra, Tilly (2004, p. 39) contesta um pouco o historiador Josefo, pois seguindo essa estimativa a Galiléia teria mais de três milhões de habitantes. É verdade que houve um grande aumento populacional na Galiléia, mas o número de habitantes deve ter permanecido em torno de um milhão. Por esta região caminhou, ensinou e atuou Jesus. Pagola (2011, p. 39) ressalva:

Na região montanhosa encontrava-se Nazaré e um pouco mais ao norte, no meio de um vale encantador, Séforis, capital da Galiléia durante a infância de Jesus. A região do lago era uma comarca muito rica e povoada, ao redor de um lago de água doce e rico em peixes. Três importantes cidades aparecem em suas margens: Cafarnaum, Mágdala e Tiberíades.

Durante o reinado de Herodes, o Grande, a Judéia e a Galiléia eram territórios unidos sob seu governo. Quando ele morreu, o território que governava foi dividido entre seus quatro filhos, separando a Galiléia da Judéia. Antipas, um dos filhos de Herodes, governou sob a Galiléia e durante seu governo “cresceu o latifúndio, ligado aos Saduceus, em prejuízo das propriedades comunitárias que eram características do sistema tradicional dos judeus” (MESTERS, 1999, p. 39).

A economia desta região, assim como a da maioria dos povos no mediterrâneo, era agrícola. Ao prejudicar os pequenos camponeses o resultado foi devastador, declara Pagola (2011, p.50):

Cresceu o endividamento e a perda de terra dos mais fracos. Poucas vezes os tribunais das cidades apoiavam os camponeses. Aumentou o número de indigentes, diaristas e prostitutas. Era cada vez maior o número de pobres e famintos que não podiam desfrutar da terra concedida por Deus a seu povo.

Além da agricultura, havia outras formas de renda de acordo com Stegemenn e Stegemann (2004, p. 127):

A economia do povo judaico na terra de Israel era determinada, por um lado, por fatores produtivos como a agricultura, a atividade artesanal, o comércio e a atividade manufatureira, e, por outro lado, pelas condições políticas conjecturais que fixavam o tipo e o montante das contribuições.

Além da agricultura havia outras atividades econômicas, a pesca, devido a localização da região e a carpintaria, que no início do primeiro século era muito importante para expansão

das cidades. Apesar dessas atividades produtivas, a população não tinha recursos devido a desigualdade social. Uma Galiléia subjugada, submissa e pobre foi a pátria de Jesus. Ele conviveu com a miséria e a necessidade. Destaca Pagola (2011, p. 46):

Jesus conheceu uma Galiléia afogada em dívidas. A maior ameaça para a imensa maioria era ficar sem terras nem recursos para sobreviver. Quando, forçada pelas dívidas, a família perdia suas terras, começava para seus membros a desagregação e a degradação. Alguns se transformavam em diaristas e iniciavam uma vida penosa em busca de trabalho em propriedades alheias. Havia os que se vendiam como escravos. Alguns viviam da mendicância e algumas mulheres da prostituição. Não faltava quem se unisse a grupos de bandidos e salteadores em alguma região inóspita do país.

Durante o domínio do Império Romano, a vida desafortunada acompanhou a comunidade judaica. Após a morte de Herodes em 4 a.C., seu filho Arquelau reivindicou o trono e conviveu com os clamores de um povo pobre: “apelo para abaixar as elevadas taxas de impostos, soltar os prisioneiros políticos ainda detidos na prisão de seu pai, substituir o sumo sacerdote corrupto por outro que agisse mais de acordo com a lei e restaurar a justiça suspendendo as ações repressivas do seu pai” (HORSLEY, 1995, p. 47)

O primeiro clamor do povo foi por redução de impostos, pois eles pagavam muitas taxas. Estes tributos e impostos eram cobrados devido a ocupação romana, todos os judeus eram tributados pela área territorial que possuíam (denominada *tributum soli*) que deveria ser paga em dinheiro ou em artigos valorosos. “Além disso, cada homem devia pagar a partir dos 14 anos de idade, e cada mulher a partir dos 12 anos, um imposto individual (*tributum capitis*) no valor anual de um dinar (Mc 12,13-17; cf. Lc 23,2), como aliás todos os habitantes das províncias romanas” (TILLY, 2004, p. 51).

A primeira taxa que um judeu pagava era para o Império Romano, mas as cobranças das taxas não se encerravam aqui, havia também as taxas do Templo. Sendo elas: as taxas pagas aos sacerdotes, cerca de 2% da produção do campo; o dizimo (que se calculava depois de tirar a parte do sacerdote) que era reservado aos levitas; o segundo dízimo para ser usado em sacrifícios e ceias realizados durante a peregrinação a Jerusalém e destinado aos pobres, viúvas e órfãos; por fim para afirmar-se como judeu, o tributo do Templo, de 1%.

Somando todas as taxas, o que o judeu pagava era de valor altíssimo. Tilly (2004, p. 54 e 55) exemplifica:

No caso de Judá bar Jonas, o cálculo seria o seguinte: a sua colheita de trigo vale 200 dinares; desse total precisa descontar a contribuição para os sacerdotes (teruma) que corresponde a uma taxa de 2%, isto é, 4 dinares, depois separa o primeiro dízimo, ou seja, 19,6 dinares, o segundo dízimo que é de 17,64 dinares e, finalmente

o tributo do Templo, que corresponde a 2 dinares. Assim chega-se a um total de 43 dinares, ou exatamente, 21,63% do valor da colheita. Somando esses 21,63% aos 12,5% de impostos que devia pagar a Roma chega-se a um total de 34% do valor da colheita, ou seja, mais de 68 dinares

Em tais condições, onde 34% da produção da colheita era destinada a impostos, desejava-se mudanças políticas. “Embora cada alternância de dominação trouxesse consigo certas mudanças, a soma da carga de tributos para a população deve ter permanecido, em última análise, relativamente constante, isto é, sempre muito alta” (STEGEMANN, 2004, p. 144)

Diante deste quadro, não é difícil imaginar pobreza e severas dívidas para conseguir custear tudo e, ainda, sobreviver; “o crescente endividamento é o retrato mais claro desse problema” (STEGEMANN, 2004, p. 122). Muitos abriam mão de suas propriedades e surge a “falta aguda de solo, isto é, como redução da área de cultivo agrícola *per capita* da população. Cada vez mais pessoas eram forçadas a sobreviver com cada vez menos terra” (STEGEMANN, 2004, p. 136).

Sem terra e sem uma propriedade comunitária não havia segurança para os pobres da Galiléia. A primeira preocupação do agricultor não era manter sua família, mas, segundo Mester (1999, p. 40):

Juntar o necessário para poder pagar os impostos ao governo e o dízimo ao Templo, e separar da colheita a parte que deveria servir como semente para a próxima colheita. Ao todo, mais da metade da produção! O pouco que sobrava tinha que ser o suficiente para manter a família. Consequência: empobrecimento progressivo.

Esta foi a condição social encontrada por Jesus, e isso influenciou seu discurso. Assegura Pagola (2011, p. 227) que Jesus:

Encontra-se pelas aldeias com essas pessoas humilhadas que não podem defender-se dos grandes latifundiários e lhes proclama: “Felizes vós que não tendes nada, porque Deus é vosso rei”. Vê com seus próprios olhos a fome dessas mulheres e crianças desnutridas e não pode reprimir seus sentimentos: “Felizes vós que agora tendes fome, porque sereis saciados.” Vê chorar de raiva e impotência esses camponeses e ao ficarem sem terras ou a ver que os arrecadadores de impostos levam o melhor de suas colheitas e alenta-os assim: “Felizes vós que agora chorais, porque rireis.”

Esta triste realidade econômica e social não era apenas referencial para a pregação de Jesus, mas ele também fazia parte desta desigualdade social. “A questão da posse dos bens foi visada pela pregação de Jesus que insistiu na importância da solidariedade, da partilha e do

desapego do coração, contrariando a tendência a acumular e a capitalizar, á custa de injustiça e exploração” (VITÓRIO, apud AQUINO, 1999, p. 137).

Nessa situação econômica tão crítica, não é de surpreender o surgimento de movimentos revolucionários, entre os quais encontravam-se os Sicários e Zelotes. Diferenciá-los não é uma tarefa fácil, nem o objetivo desta pesquisa, assim apenas será comentado de modo superficial o que os rebeldes causavam. A maior aversão a estes grupos “é a ação do assassinato traiçoeiro executado com o punhal e perpetrada contra os próprios conterrâneos e em especial os membros do estrato superior que aparece em primeiro plano no conceito dos sicários” (STEGEMANN, 2004, p. 208).

Os rebeldes se concentravam em Jerusalém, podendo ser considerado um grupo “terrorista urbano que escolhia representantes simbólicos do estrato dominante judaico como alvo de suas ações” (STEGEMANN, 2004, p. 209). O objetivo destes indivíduos não era Roma, talvez por não possuírem força para tanto, mas as demais camadas sociais. Segundo Stegemann e Stegemann (2004, p. 163) a estrutura da sociedade dividia-se em dois estratos, o superior e o inferior. O primeiro estado é composto por dois grupos:

- A elite que é o grupo do estrato superior, era formada pela aristocracia provincial, casa regente herodiana, aristocracia sacerdotal e leiga e membros isolados do Sinédrio – este seria o menor dos grupos.

- Séquito (retainers) é composto por membros isolados do Sinédrio, funcionários administrativos e militares, sacerdotes e mestre da lei, juízes locais arrendatários de tributos (publicanos) e grandes comerciantes – um grupo mais numeroso do que a elite, mas ainda assim, pequeno.

O estrato inferior também integra-se de dois grupos onde se incluem “todas as pessoas que não participavam no poder e nos privilégios do estrato dominante e não estavam entre as que lhe prestavam serviços” (STEGEMANN, 2004, p. 160) sendo os grupos:

- Não elite, formado por: artífices bem situados, comerciantes, agricultores, arrendatários e o ramo de prestação de serviço – um grupo um pouco mais numeroso de que os do estrato superior.

- Pequenos agricultores, pequenos arrendatários, pequenos comerciantes, manufactureiros, diaristas, pescadores, pastores, viúvas, órfãos, prostitutas, mendigos e bandidos – este é o grupo mais numeroso e que se mantinha com o mínimo necessário para sua subsistência.

Foi com o estrato inferior conviveu que Jesus conviveu, Pagola ressalva (2011, p. 50):

A atividade de Jesus nas aldeias da Galiléia e a sua mensagem do “Reino de Deus” representavam uma forte crítica àquele estado de coisas. Sua firme defesa dos indigentes e famintos, sua acolhida preferencial aos últimos daquela sociedade ou sua condenação da vida suntuosa dos ricos da cidade eram um desafio público àquele programa sociopolítico estimulado por Antipas, favorecendo os interesses dos mais poderosos e mergulhando na indignação os mais fracos.

Nesta sociedade sofrida e penalizada, ter esperança era muito difícil. “Existe bem pouca evidência de expectativas judaicas de um profeta escatológico antes do tempo de Jesus. Não há qualquer documento de esperança” (HORSLEY, 1995, p. 144). Compreender a falta de esperança não é difícil diante desta situação terrível.

Nesta triste realidade social encontra-se o ministério de Jesus. Ele era da região de Nazaré, uma pequena e desconhecida aldeia. O cotidiano ali também não era fácil e cômodo, destaca Pagola (2011, p. 63)

Alguns de seus habitantes viviam em cavernas escavadas na encosta; a maioria em casas baixas e primitivas, de paredes escuras de adobe ou pedra, com telhados confeccionados com ramos secos e argila, e chão de terra batida. Muitas tinham em seu interior cavidades subterrâneas para armazenar a água ou guardar os cereais. Em geral, só tinham um cômodo no qual se alojava e dormia toda a família, inclusive os animais. Em geral as casas davam para um pátio que era compartilhado por três ou quatro famílias do mesmo grupo, e onde transcorria boa parte da vida doméstica. Ali tinham em comum o pequeno moinho onde as mulheres moíam os cereais e o forno onde assavam o pão. Ali era depositado também os instrumentos agrícolas. Este pátio era o lugar mais apreciado para os mais pequenos brincarem e para o descanso e a conversa dos mais velhos ao entardecer.

Igualmente aos dias dos profetas, as desigualdades sociais acompanharam a vida de Cristo. Da mesma maneira como os profetas se preocupavam com os sofredores daquela dura realidade, assim se preocupou também Jesus. Ele não percorreu grandes e ricas cidades para não desviar o seu olhar do carente, estava sempre nos lugares mais pobres, pois desejava amparar e conforta os necessitados. Essa tão generosa preocupação com o sofredor e oprimido é o que norteou a sua atuação.

Ele que possuía toda a glória e honra, abriu mão de tudo isso para vir socorrer o homem pobre e caído. O amor pelo sofredor e pelo desamparado direcionou cada palavra, cada gesto e cada ação de Jesus. Amou quem não esperava ser amado, socorreu quem não acreditava mais que seria ajudado. Algumas de suas grandiosas palavras e uma ação bem específica será estudado adiante. Como o maior de todos os profetas amou.

4.2 O TESTEMUNHO DE JESUS SOBRE QUEM ERA ELE

Na introdução ao evangelho de Mateus na Bíblia de Estudo de Genebra (1999, p. 1100) pode-se encontrar algumas informações sobre o texto. O leitor é informado que embora não seja colocado no texto bíblico seu autor, nos manuscritos primitivos é feita a seguinte referência:

“Eusébio (c.260-340 d.C.) nos conta que Papias (c 60-130 d.C.), um dos pais da Igreja Primitiva, falava de Mateus como tendo organizado os oráculos acerca de Jesus... Irineu (c. 180 d.C.) menciona um evangelho de Mateus escrito para os hebreus em seu próprio dialeto... o fato do autor não ter se identificado demonstra que ele, provavelmente, achasse que conhecer o seu nome não era essencial para seus leitores.”

Como os profetas normalmente não se identificavam em seus escritos, Mateus segue os mesmos passos ao elaborar seu texto. Mas afirmar que somente um autor é o escritor deste livro é um pouco complicado. Embora alguns textos antigos afirmem a autoria do Evangelho a Mateus, provavelmente foi escrito por vários autores e não apenas por aquele discípulo.

“O evangelista era um cristão bem versado nos métodos judaicos” (BERGANT, 1999, p. 12), seu profundo conhecimento das Escrituras judaicas é demonstrado ao citar textos como Isaías 7,14; Miquéias 5,1; Oséias 11 e Jeremias 3,15 para definir Jesus. Após relatar quem era Jesus, o evangelho segue com discursos e ensinamentos, sobre a Lei e usa termos próprios do judaísmo como Reino dos Céus e não Reino de Deus; Pai Celeste, Lei e os profetas.

“Como um coletor de impostos, vivendo à margem da vida religiosa judaica, produziu um Evangelho tão sofisticado do ponto de vista religioso?” (BERGANT, 1999, p. 12). Esta pergunta questiona a autoria de Mateus, como um cobrador de impostos poderia redigir este evangelho sozinho, pois “quem escreveu o Evangelho segundo Mateus conhecia muito bem as escrituras antigas e a forma como eram interpretadas naquele tempo” (MOSCONI, 1998, p. 28). Provavelmente foi um trabalho conjunto e sob o divino auxílio, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (1998, p. 30):

Como a maioria dos textos bíblicos, o Evangelho de Mateus é fruto de um grande mutirão... dentro deste grupo havia gente muito entendida nas Escrituras, como os rabinos cristãos (5,17-18), que ajudavam a sacudir a comunidade da sua “sonolência” (25,5) e a assumir a prática do Senhor baseada no amor e na misericórdia.

A citação acima demonstra que no segundo século (no ano 130 e 180) este evangelho já era conhecido sendo que “a referência mais antiga ao Evangelho de Mateus é, provavelmente, encontrada na Epístola aos Esmirneanos, de Inácio de Antioquia (c. 110 d.C)” (BEG, 1999, p. 1100). Este evangelho deve ter sido produzido ainda no primeiro século, provavelmente na segunda metade, por volta do ano 85 d.C., cinquenta anos após a crucificação. Mosconi (1998, p. 33 e 34) declara sobre o lugar onde foi produzido o texto:

O Evangelho segundo Mateus foi escrito em um ambiente dominado pelo judaísmo... Deve ter sido escrito fora da Palestina, mas não muito distante... Parece que quem escreveu está olhando para a Palestina a partir do oriente, pois a Judéia “fica do outro lado do rio Jordão” (4,15.25; 19,1). Em Mateus, há muitas referências ligadas ao problema da terra (parábolas, comércio agrícola, camponeses desempregados, revoltas camponesas)... O Evangelho provavelmente foi escrito em uma região do interior, entre o norte da Galiléia e o sul da Síria.

Os primeiros leitores do texto provavelmente eram de origem judaica, o autor usa com frequência as Escrituras e “com certeza [insistia no uso] para dizer que Jesus é a realização plena das promessas antigas” (MOSCONI, 1998, p. 28). O desejo do evangelista era que a comunidade, em grande parte judeu-cristã, se reconhecesse como herdeira legítima das promessas divinas a Israel, segundo Bergant (1999, p. 13).

O grande objetivo do evangelista estava em demonstrar que Jesus era o messias esperado, pois segundo a BJ (2002, p. 1695) o texto foi dirigido para uma comunidade de cristãos vindos do judaísmo que discutia com os rabinos; por isso a preocupação em a mostrar o cumprimento das Escrituras na pessoa e na obra de Jesus. E “nessa violenta batalha teológica, os grandes temas de debates eram: messianismo, rosto de Deus, Lei, Justiça, povo da aliança. Essas questões levaram as comunidades cristãs a se organizarem de maneira nova” (CNBB, 1998, p. 32 e 33).

A ênfase deste evangelho é levar aos seus leitores a esperança, por isso, as expressões felizes e bem-aventurados se repetem tantas vezes ao longo do texto. Em Mateus o discurso e a prática de Jesus são inseparáveis, diferente dos líderes judaicos que não viviam a essência das Escrituras, as quais conheciam muito bem. “Mateus queria desmascarar o falso moralismo que havia nas comunidades” (MOSCONI, 1998, p. 24).

Tal fato é demonstrado quando descrita a genealogia de Jesus que é diferente do que está no Evangelho segundo Lucas, pois na genealogia do terceiro Evangelho não aparece nenhum nome de mulher. Em Mateus além de Maria são citados mais três nomes femininos e também é mencionada a mulher de Urias. Esta última relembra o pecado de Davi, e seu

próprio pecado e as outras três são: Rute (que não era judia), Raabe (que além de não ser judia era pecadora ligada à prostituição) e Tamar (que pecou com seu sogro, Judá).

Ao fazer esta relação o Evangelho revela que “Jesus era um messias diferente, que vem da margem, de situações de pecado, de humilhação. Uma criança desprezada antes mesmo de nascer – por causa de um suposto pecado – vai nascer com a missão confiada pelo Pai de salvar o povo de seus pecados” (MOSCONI, 1998, p. 24). Jesus era o Messias, o salvador, mais foi muito além do que os homens esperavam, ele se ocupou em salvar e não em julgar e condenar.

Este evangelho demonstra a preocupação com os pobres sofrendores, Mosconi (1998, p. 27 e 28) destaca:

Lendo com atenção o Evangelho segundo Mateus, nota-se a presença de muitos pobres e marginalizados. Quem são concretamente?
 Pobres do ponto de vista econômico: gente sem terra, desempregados, diaristas, bóias-frias, famintos, enfermos, nus, endividados... Ver, por exemplo, 6,31; 12,1; 14,16; 18,21-31; 20, 1-4; 21,3-34; 25,35-35.
 Pobres do ponto de vista social: pessoas excluídas, sem valor na sociedade: mulheres, crianças, doentes, estrangeiros, pecadores, impuros, publicanos, prostitutas. Ver, por exemplo, 4,23-24; 8,25; 9,2.9.11-12.27.35; 11,5; 12,10.22; 14,14.35; 15,21-30; 17,15; 18,2; 19,2.13; 20,30;2,31.
 Pobres do ponto de vista político: pessoas vítimas de opressões e repressões violentas: perseguidos, caluniados, presos, expulsos, açoitados, torturados, assassinados. Ver, por exemplo, 2,16; 5,4; 8,16.28; 9,36; 10,17-21; 21,33-34.

Do mesmo modo como os profetas se condoíam pelos sofrendores oprimidos, Jesus também os colocava no centro de suas preocupações. Na obra da CNBB (1998, p. 33 e 34) é enfatizado:

As comunidades de Mateus experimentaram e proclamaram que, em Jesus, Deus está conosco (1,23; 18,20; 28,20). Ele é o anunciador do Reino que vem ao encontro do homem (4,17), perdoa e salva. Exige uma nova prática baseada no amor e na misericórdia. Assim, revela o verdadeiro rosto de Deus, Pai do céu que “faz o sol nascer sobre os maus e bons, e a chuva cair sobre justos e injustos” (5,45), “Eu quero a misericórdia e não o sacrifício” (9,13; 12,7). Jesus vê o abandonado povo (9,35) e, movido pela “compaixão”, pede pastores (9,36), alimenta (15,32), perdoa (18,27) e cura (20,34). Sua vontade é a prática do amor a Deus e ao próximo que são dois lados da mesma moeda (22,40).

Qualquer texto que trabalhe o ministério de Jesus, não poderá deixar de mencionar sua preocupação com o homem abandonado, afinal “a auto-revelação de Javé se faz concreta num caminho que desvenda o desejo de Deus em revelar seus atos libertadores na história das pessoas que sofrem e que são vitimizadas pela sociedade” (ROSSI, 2008, p. 157). Deus é libertador, cada palavra e ação de Jesus revelam isso. Como qualquer dos Evangelhos, Mateus

retrata a vida de Cristo mencionando claramente o seu anseio por uma sociedade mais justa. Ressalva o CNBB (1998, p. 91):

Depois de dar uma olhada no chão do Evangelho de Mateus, procuramos nos certificar da identidade do Semeador (1 – 2). Contemplamos a semente – o reino que ele nos trouxe (3 – 7) e vimos brotar como o novo povo de Deus (8 – 10). Mas para surpresa de todos, junto com o trigo, brotou também o joio, o que dificulta a colheita. Chegamos ao centro do Evangelho de Mateus: capítulos 11 – 13.

Jesus declara sua preocupação com o carente e o marginalizado em um pequeno trecho do Evangelho de Mateus. O texto encontra-se em Mateus 11, 2-6, eis o texto:

João, ouvindo falar, na prisão, a respeito das obras de Cristo, enviou-lhe alguns de seus discípulos para lhe perguntarem: “És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” Jesus respondeu-lhes: “Ide contar a João o que ouvi e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. E bem aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim!

O texto inicia comentando a situação de João quando surgiu sua dúvida: “João, ouvindo falar, na prisão”. O homem descrito no texto é simplesmente João Batista, aquele que preparou o caminho para o messias. Ele estava preso, “segundo Josefo, João estava na prisão em virtude de sedição” (OVERMAN, 1999, p. 182). O texto bíblico detalha porque João estava naquela situação:

Herodes, com efeito, mandara prender João e acorrentá-lo no cárcere, por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe, pois ele a desposara e, na ocasião, João disse a Herodes: “não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.” Herodíades então se voltou contra ele e queria matá-lo, mas não podia. (Mc 6,17-19)

Ele não temeu em chamar o pecado pelo nome, pensava ser o momento de se preparar para o juízo divino e que cada um deveria endireitar as suas veredas. Overman (1999, p. 183) enfatiza:

Essa necessidade de mudança política, percebida por todos, reforçaria, para alguns judeus politicamente ativos, a interpretação que davam à história e aos acontecimentos e, de modo mais específico, sua esperança de que surgisse alguém para redimi-los do jugo romano.

João acreditava ser o momento do julgamento e da libertação, mas ele estava preso, não entendia a ação do messias, pois ele esperava que o seu procedimento fosse outro. “A pergunta de João tinha uma relação existencial com a sua condição de prisioneiro: o Messias

futuro devia libertar os prisioneiros, sobretudo os prisioneiros por causa da fé” (ARTUSO, 2011, p. 54).

João Batista a princípio não apresentava dúvidas sobre quem era Jesus, pois é declarado:

No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: “Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Dele é que eu disse; Depois de mim vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim. Eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado em Israel, vim batizar com água.” (Jo 1, 29-31)

Mas após observar os atos de Jesus ficou perplexo, pois “as obras de Jesus correspondem às profecias de salvação e libertação do povo que começa a ver e a andar (Is 29,18). Ele rompe a cadeia de opressão e marginalização ao entregar aos pobres a semente do Reino (Is 61,1).” (CNBB, 1998, p. 93). Neste trecho de Mateus é demonstrada a preocupação e surpresa de João com relação às atitudes de Jesus a ponto de ficar em dúvida. “A pergunta em 11,3 sobre Jesus diz respeito a sua identidade como Aquele que vem, que parece ter sido um título messiânico (cf. 3,1121,9; 23,39) derivado de Sl 118, 26 e Ml 3,1” (BERGANT, 1999, p.24).

Muitos esperavam um messias triunfante que restauraria o Reino a Israel, de acordo com Barbagli, Fabris e Maggioni (1990, p.190):

O ideal messiânico de João, expresso em sua pregação, era caracterizado pela espera daquele que teria vindo abater as árvores estéreis, pra purificar a eira, para batizar com fogo (3,10-13). Em uma palavra, ele esperava o Messias nas vestes de um inflexível juiz final.

A CNBB (1998, p. 92) reafirma o conceito acima e declara que a expectativa de João e de seus discípulos era que o Messias fosse um juiz severo, e usaria a força para derrubar os que exerciam poder. Com esta expectativa não é surpreendente a dúvida que tomou conta da mente de João Batista. Além dele, outros “esperavam um messias político, que expulsasse os romanos e restaurasse a independência política do país. Este messias deveria ser da dinastia davídica e seu triunfo seria também o triunfo de Israel sobre todos os povos pagãos.” (CNBB, 1998, p. 20). Não havia uma unidade de pensamento como declara Overman (1999, p. 182):

É importante saber que não havia nenhuma expectativa única, uniforme, sobre um messias (que significa “agente ungido de Deus”), figura salvífica ou “aquele que há de vir” no judaísmo do segundo Templo. As comunidades judaicas e os textos que elas produziram apresentam várias imagens de figuras messiânicas e dos feitos que elas realizariam.

Os escribas e fariseus compreendiam que o messias viria quando a Lei estivesse sendo rigorosamente observada, só então, seriam dignos de uma libertação (como se o homem pudesse merecer sua salvação...). Estes homens não percebiam que Jesus era o Messias, afinal ele não agia como eles esperavam. Mas justamente “as obras de libertação reforçam a identidade de Jesus. Não é os que os outros dizem de Jesus que define sua missão, mas são os sinais visíveis de libertação que indicam a chegada do reino” (ARTUSO, 2011, p. 57).

Este grupo era preconceituoso ao extremo, pois pensavam que “aqueles que não podiam cumprir todas as exigências da Lei, seja por doença, pobreza, deficiência física, ignorância, etc., eram considerados malditos, porque estavam atrasando a chegada do messias” (CNBB, 1998, p. 23). Tratava-se, na verdade, na diminuição de Deus e de seu amor. Destaca Rossi (2008, p. 14):

Diante da “desumanizante” situação enfrentada pela maioria, os relativamente ricos agradecem a Deus pela vantagem de ser rico como se isso fosse uma bênção de Deus. Na verdade, são as estruturas econômicas que recompensam o rico e mantêm o pobre na miséria. E elas são manifestações do sistema e não um mal pessoal.

Deus não diferencia as pessoas como o homem, como se procurasse abençoar somente alguns escolhidos. Mas, os escribas e fariseus tornavam Deus tão humano que o descreviam como um homem duro e vingativo, reduzindo seu amor e misericórdia. O contrário é o que realmente acontece, Deus que está sempre atento aos clamores de seus filhos aflitos:

Iahweh disse: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei seu grito por causa dos seus opressores. (Ex 3,7)
E ouvi os gemidos dos israelitas, aos quais os egípcios escravizavam, e me lembrei de minha aliança. (Ex 6,5)
Assim diz Iahweh: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. (Is 49,8).

Deus é próximo, atento a cada angústia e lágrima de seus filhos, como os estudiosos da Escritura não percebiam este fato? Afinal, “na teologia bíblica do êxodo, Deus não se encontra nos céus, mas na terra, e peregrinando com seu povo sofrido” (ROSSI, 2008, p. 48).

A diminuição do amor e do cuidado de Deus era comum entre os teólogos daquele período e do povo em geral. “Javé é afetado pelo clamor que sai dos lábios das vítimas da sociedade. Javé é solidário com o grito de dor dos marginalizados na história... Javé é plenamente Deus porque é marcado plenamente pela simpatia” (ROSSI, 2008, p. 165 e 166)

O que causava tamanha desigualdade social e pobreza era o fato da escolha de não ajudar aos mais necessitados, principalmente por parte dos líderes religiosos. Os profetas já ressaltavam essa situação: “no discurso teológico dos profetas, o destino dos pobres é a chave

para a justiça de uma sociedade” (ROSSI, 2008, p. 71). Mesmo diante daquela terrível situação o sofrimento poderia ser diminuído, era este ponto que Jesus (como os profetas) queria demonstrar, “que a dor, mesmo que intensa, pode ser vencida com a solidariedade” (ROSSI, 2008, p. 19).

Uma das passagens de Mateus revela que Jesus compreendia que suas ações surpreendiam a muitos, mas prometia uma benção a quem aceitasse e compreende sua ação. Jesus não critica João Batista por sua dúvida, pelo contrário faz “um convite implícito a depor as esperanças messiânicas falsas” (BARBAGLIO, 1990, p. 190). Buscar vencer os preconceitos é difícil, mas necessário.

Ao responder a questão para João, Jesus citou as palavras escritas sobre as atitudes do Messias em Isaías:

Naquele dia, ouvirão o que se lê, e os olhos dos cegos, livres da escuridão e das trevas, tornarão a ver. (Is 29,18)

Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres (Is 35, 5 e 6). O espírito do senhor Iahweh está sobre mim, porque Iahweh me ungiu; enviou-me para anunciar as boas novas aos pobres, a curar os quebrantados de coração e proclamar liberdade aos cativos, a libertação aos que estavam presos. (Is 61, 1)

Segundo Artuso (2011, p. 54) “as obras de Jesus observadas pelos discípulos de João revelam a identidade messiânica dele.” Eles deveriam contar isso a João, para que soubesse que Jesus era o Messias verdadeiro. A preocupação de Jesus em ajudar e confortar o necessitado não deveria causar espanto.

Ao anunciarem o Messias, os profetas declaravam o que ele faria: ensinaria a todos como praticar a justiça e a misericórdia. Ressalva a CNBB (1998, p. 27 e 28):

Assim, a lei de Moisés foi considerada como válida somente a partir da prática concreta do amor ao próximo como mostrou Jesus (22,38-40). Para aqueles que queriam menosprezar a Lei, Mateus foi insistente em mostrar que Jesus não veio anular, mas completar a Lei (5,17), dando-lhe um novo rumo, o do amor e da misericórdia (9,13; 12,7).

Jesus demonstrou o amor de Deus, pois veio para que o desamparado tivesse acesso a uma vida digna e completa. Demonstrou como o sofredor é o centro da preocupação de Deus. Com a maneira de agir de Jesus pode-se “dizer que Deus já está presente, porque ele mora entre as vítimas e sofredores, confortando-os através de seu eterno companheirismo” (ROSSI, 2008, p. 161). Deus está sempre ao lado, sem se preocupar com os méritos de quem pede sua companhia.

Ele está em todo o lugar, mas as vezes, somente o homem que se encontra em situações difíceis reconhece sua necessidade de Deus, e ele está pronto para socorrê-lo. Declara Rossi (2008, p. 158 e 159):

Deus se revela na história e para a liberdade... Onde há maior necessidade de vida abundante, é ali que Deus se revela. Deus foi, é e sempre será o pai do órfão, o protetor da viúva, o descanso para o estrangeiro e o restaurador do oprimido... Aquele que tem o privilégio da misericórdia e graça de Deus não é outro senão o pobre e derrotado. Primeiro este, com sua vida sensível pelo sofrimento imposto, com o coração aberto a receber a ajuda de Deus-Pai.

É triste perceber que nos dias de Jesus os líderes religiosos estavam tão distantes do ideal divino que perderam a oportunidade de andar e aprender com o Messias. Estavam tão presos em suas falsas concepções que sua prática religiosa era incompleta. Assim como acontecia nos dias de Jeremias pensavam adorar a Deus, mas chegaram a esvaziar o sentido real do Templo. A autoridade de Jesus vinha de Deus, pois o Espírito Santo estava presente nele e a ação do Espírito é o prenúncio da missão profética (ARTUSO, 2011, p. 58). Continuando, observar-se-á como Jesus, em seu ministério profético, percebia o Templo.

4.3 A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

Jesus demonstra o amor de Deus, não buscando no homem méritos, mas reação. “A única resposta adequada à chegada do reino de Deus é o amor. Jesus não tem a mínima dúvida. O modo de ser e de atuar de Deus deve ser o programa para todos. Um Deus compassivo está pedindo de seus filhos e filhas uma vida inspirada pela compaixão” (PAGOLA, 2011, p. 305). Deus ama tão profundamente o ser humano que este amor transborda e invade os corações de seus filhos que lhe seguem os passos. Pagola (2011, p. 307 e 308) enfatiza:

Os que se sentem filhos e filhas de Deus o amam com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Este amor, como é natural, significa docilidade, disponibilidade total e entrega a um Pai que ama sem limites e incondicionalmente todos os seus filhos e filhas. Não é possível, portanto, amar a Deus sem desejar o que ele quer e sem amar incondicionalmente aqueles que ele ama como Pai. O amor a Deus torna impossível viver fechado em si mesmo, indiferente ao sofrimento dos outros. É precisamente no amor ao próximo que se descobre a verdade do amor a Deus.

Como Jesus estava repleto de amor, sempre percebia as necessidades das pessoas. Deus orientara o sistema de adoração e instruíra a construção do Templo para que pudesse estar em meio aos seus filhos: Faze-me um santuário, para que eu possa habitar no meio deles (Ex 25,8). O objetivo era que ali, na casa de Deus, todos pudessem se refugiar. Mas isto simplesmente se perdera, os líderes religiosos esvaziaram o Templo de amor e de conforto.

Ao Jesus observar como os sacerdotes transformaram o templo e como as pessoas eram exploradas e rejeitadas, não pode deixar de agir profeticamente, eis o texto:

Chegaram a Jerusalém. E entrando no Templo, ele começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam: virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo. E ensinava-lhes dizendo: “Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!” os chefes dos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como fazê-lo perecer; eles o temiam, pois toda a multidão estava maravilhada com seus ensinamentos. Ao entardecer, ele se dirigiu para fora da cidade. (Marcos 11,15-19)

Embora este acontecimento esteja relatado nos quatro Evangelhos optou-se pela descrição de Marcos. Segundo Artuso (2009, p.1) “Marcos escreve nos anos 65-70, quando já havia comunidades cristãs espalhadas por todo império romano.” Eusébio de Cesaréia diz que João Marcos quando escreveu seu evangelho registrou as memórias de Pedro (isso ele registra no século IV sem fazer referência). Este evangelho preocupa-se com as atitudes de Jesus e não tanto com seus discursos. Artuso afirma (2009, p. 5) “Jesus também instrui os discípulos através de ações e gestos proféticos ao entrar em Jerusalém (Mc 11,1-12,44)”.

Este relato pode ser dividido em quatro aspectos: primeiro, o momento do evento (o que acontecera no dia anterior e o que ocorre alguns dias depois); segundo, a ação profética de Jesus no Templo; terceiro, as consequências da ação profética para Jesus e quarto, seus ensinamentos.

4.3.1 Quando aconteceu a purificação do Templo

O texto apresenta apenas *Chegaram em Jerusalém*. O que aponta o momento em que se passa o evento da purificação do Templo são alguns versos anteriores:

Levaram a Jesus o jumentinho, sobre o qual pusera suas vestes. E ele o montou. Muitos estenderam as vestes pelo caminho, outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos. Os que iam à frente dele e os que o seguiam clamavam: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o Reino que vem, do

nosso pai Davi! Hosana no mais alto dos céus!” Entrou no Templo, em Jerusalém e, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze. (Mc 11, 7-11).

Este acontecimento, a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém é celebrada até hoje. “A entrada triunfal ocorreu no domingo, uma semana antes da Ressurreição” (JOHNSSON, 2005, p. 67). Ele ocorreu um dia antes da purificação do Templo (Mc 11, 12). Assim, conclui-se que a purificação do templo aconteceu poucos dias antes da crucificação. Percebe-se a tensão do momento, pois, quando Jesus declarou sua intenção de ir a Jerusalém “os discípulos haviam se dividido. Uns queriam ir até lá, pois, ainda sem entender a gravidade do momento, supunham que era a hora do triunfo; outros, ao contrário, tinham medo.” (BRAVO, 1996, p. 121)

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém demonstra a esperança messiânica existente entre o povo, “poucos dias antes da Páscoa, acompanhado por discípulos e romeiros, vindos do interior da Galiléia, Jesus entra na capital. O povo romeiro e os discípulos tomavam as ruas da cidade, introduzem Jesus como Messias Rei” (CNBB, 1996, p. 62). Assim como o Batista a esperança do povo era equivocada.

Ao entrar, Jesus cumpria o anúncio profético. Segundo WENZEL (1997, p.120):

Os preparativos são realizados perto do Monte das Oliveiras, onde, segundo a tradição apocalíptica (Zc 14,2-4), se realizaria a batalha final contra os inimigos de Israel em defesa de Jerusalém. Contudo, em vez de formar um grande exército e entrar montado num cavalo, como viria um rei que se preza, Jesus entra humilde sobre um jumentinho (cf. Zc 9,9s), coerente com seu ensino de servo.

Os inimigos de Israel não eram apenas os romanos, muitos deles se encontravam entre o próprio povo e isto não era percebido pela maioria dos judeus. “Em vez de realizar o ataque esperado a Jerusalém, Jesus se dirigiu diretamente ao centro do poder religioso, o templo, mas entrou apenas para observar” (WENZEL, 1997, p. 121). Ao final do trecho de Marcos onde é relatado a entrada triunfal, é dito que Jesus observou tudo o que ocorria dentro do Templo (verso 11) e como este não era mais um lugar de socorro e segurança.

“Jesus não tinha conseguido dormir; estava com o coração triste demais com aquilo que tinha visto no Templo. Lembrava as palavras de Jeremias” (BRAVO, 1996, p. 128). Assim como o profeta Jeremias, Jesus se dirigiu ao Templo. Mas diferente do profeta desta vez não eram apenas palavras.

4.3.2 A ação profética de Jesus no interior do Templo

Ao entrar no Templo Jesus “começou a expulsar os vendedores e compradores que lá estavam: virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo” (Mc 11,15 e 16).

Ao se pensar no Templo, em adoração, palavras como vendedores, compradores e cambistas estão fora de lugar. Estas pessoas estavam no lugar sagrado, a casa de Deus tornara-se uma empresa corrupta. “Jesus interrompeu as atividades daquilo que era o coração do sistema religioso, convertido em um grande negócio: interrompe o culto, os trabalhos da reconstrução, que ainda não havia terminado, e toda a atividade econômica que ali se realizava” (Bravo,1996, p. 130).

Ao purificar o Templo, Jesus condenou o comércio que acontecia no culto e este era controlado pelas famílias do sumo sacerdote. O que ali acontecia anulava qualquer forma verdadeira de adoração. Johnsson (2005, p.68) descreve o que ocorria:

No tempo de Jesus, o sacerdócio e o Templo estavam nas mãos dos saduceus. Controlando os seus serviços, os saduceus obtinham grandes lucros. Os peregrinos que subiam a Jerusalém três vezes ao ano não podiam trazer consigo os seus sacrifícios. Ao contrário, tinham que comprá-los em Jerusalém. Os sacerdotes controlavam essa venda de animais. Além disso, os animais só podiam ser comprados com a moeda do Templo e, portanto, os peregrinos primeiro tinham que trocar seu dinheiro na banca ali existente e depois comprar os animais para o sacrifício. Em ambas as transações – o câmbio de dinheiro e a venda de animais – as autoridades religiosas se beneficiavam grandemente.

A ação de Jesus ao expulsar os exploradores do Templo “foi um ataque frontal ao coração do sistema cúlctico, que sustentava religiosamente todos os mecanismos de exploração.” (WENZEL, 1997, p.. 122). Os líderes religiosos adulteraram o real sentido do Templo que deveria ser um lugar que todos teriam acesso. Transformaram-no num lugar de isolamento que justificava a estrutura de discriminação social.

No Templo em Jerusalém havia três pátios para dividir hierarquicamente o povo. O pátio mais próximo ao prédio principal somente aos homens judeus era permitido à entrada, o segundo pátio era até onde as mulheres judias poderiam entrar. O pátio mais distante era onde se encontravam os gentios. “Meu Pai tinha uma casa para qualquer um de seus filhos, fosse qual fosse a nação a que pertencesse, viesse falar com ele; mas vocês isolaram Deus em uma cela e proibem seus filhos de se aproximar dele, sob pena de morte” (BRAVO, 1996, p. 130).

A ação de Jesus foi surpreendente para todos. François Bovon (1995, p. 383) mostra que as atitudes de Jesus não correspondiam ao que se esperava dele, parecia que Jesus fazia

sempre ao contrário. Diferente de todos os demais, Cristo sempre coloca o ser humano no centro e não a obediência pela obediência.

Após expulsar os “comerciantes religiosos” Jesus profere palavras fortes. Nelas ele é claro em dizer no que haviam transformado o Templo: “Vós, porém, fizestes dela um covil de ladrões!” (Mc 11,17). Uma expressão também utilizada pelo profeta Jeremias: “Este templo, onde meu nome é invocado, será porventura um covil de ladrões a vossos olhos?” (Jr 7,11). Foi exatamente o que aconteceu, um lugar sagrado se tornou uma cova de feras. Bravo (1996, p. 130) assegura:

Apoderaram-se de sua casa e cobraram entrada. Transformaram-na em covil de que vem falar com Deus. (Não lhes disse apenas ‘ladrões’, mas sim assaltantes, bandidos, gente que usa violência para roubar. Houve uma época em que as pombas para sacrifícios dos pobres chegaram a ser vendidas por cinquenta denários de prata, ou seja, o equivalente ao salário de cinquenta dias...)

A adoração do Templo fora corrompida. O que deveria ser uma casa de oração para todas as nações se deteriorara, tornara-se em um esquema de fazer dinheiro que explorava o povo comum e enriquecia os líderes religiosos. White (2006, p. 589) ressalva:

O pátio do templo estava como um vasto curral de gado. Com os berros dos animais e o agudo tinir das moedas, misturava-se o som de iradas altercações entre os traficantes, e ouviam-se entre eles vozes de homens no sagrado officio. Os dignitários do templo empenhavam-se, eles próprios, em comprar e vender, e trocar dinheiro. Tão completamente se achavam dominados pela cobiça de lucro que, aos olhos de Deus, não eram melhores que ladrões.

4.3.3 As consequências da ação profética de Jesus

As consequências da purificação do Templo para Jesus foram terríveis, assim como para a maioria dos profetas. A reação dos ouvintes foi a maior dificuldades de Jeremias ao discursar no Templo e com Jesus não foi diferente. Um ponto importante é quem eram os ouvintes, o verso 18 de Marcos 11 declara: “os chefes dos sacerdotes e escribas ouviram isso, e procuravam como fazê-lo perecer.” Jesus agiu sobre os olhares dos líderes religiosos.

Como os profetas do Antigo Testamento, Jesus não encontrou facilidade e valorização na sua pregação, ao contrário, foi criticado, perseguido e, por fim, assassinado. Mas apesar de tudo o que passou, não desistiu da humanidade, sempre falou ao seu coração. “O que

preocupa a Deus é libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer” (PAGOLA, 2011, p. 124).

Na prática desta ação, a purificação do Templo, Jesus selou seu destino. Agora os líderes religiosos não teriam nenhum impedimento para encerrar o seu ministério profético. “Ele havia mexido com o bolso deles, e eles não haveriam de descansar até afastá-Lo do caminho” (JOHNSON, 2005, P. 68).

A maior consequência para o sistema de adoração dos judeus foi o fato de que o Templo se esvaziara, não de adoradores, mas da divina presença. Bravo (1996, p. 146 e 147) assevera:

Jesus saiu do templo, agora para sempre. Jamais voltaria a ele. Depois entenderíamos que com isso começava o que haviam anunciado os profetas: Deus retirava sua presença daquele que não era tido como lugar sagrado... Jesus não havia buscado purificar o templo, mas sim denunciar sua esterilidade e iniciar o êxodo que nos levaria a seus seguidores depois de abandoná-lo na verdadeira busca pela vida, pelo verdadeiro culto, pelo verdadeiro Deus.

Muitos anos antes Jeremias alertou os judeus para esta possibilidade em seu discurso no capítulo 7,14 e 15: “Tratarei o Templo, onde meu Nome é invocado, e em que ponde a vossa confiança, o lugar que dei a vós e a vossos pais, como tratei Siló. Eu vos expulsarei da minha presença, como expulsei todos os vossos irmãos e toda a raça de Efraim.”

Todos os profetas clamavam por uma autêntica adoração, o lugar não era tão importante, mas a verdadeira adoração deve ser feita de coração inteiro e em todos os momentos da vida. Jesus em sua ação profética desejava mostrar a falsa adoração praticada no templo, pois “davam culto que não era o que Deus queria, e para um Deus que não existia; criava uma sociedade de desiguais (com excludentes e excluídos); dava aos sacerdotes um lugar que não lhes cabe e impedia os pobres de entrarem no Reino de Deus que lhes pertencia” (BRAVO, 1996, p. 132).

Deus espera adoração verdadeira, em espírito e em verdade (João 4). O que significa adorar a Deus em espírito e verdade? Os profetas já respondiam declarando:

Dirigem-se a ti em bando, sentam-se na tua presença e ouvem a tua palavra, mas não a põem em prática. O que eles praticam é a mentira que esta na sua boca; o que o seu coração busca é o seu lucro (Ez 33, 31).

O Senhor disse: Visto que este povo se achega junto a mim com palavras e me glorificam com os lábios, mas o seu coração esta longe de mim e a sua reverência para comigo não passa de um mandamento humano, de coisa aprendida por rotina, o que me resta é continuar a assustar a este povo com prodígios e maravilhas; a sabedoria de seus sábios perecerá e o entendimento de seus entendidos se desfará (Is 29,13).

Jesus demonstrou o amor de Deus, pois ele amou o ser humano independente do gênero, etnia e nem mesmo por seus méritos.

4.3.4 O que Jesus ensinou na purificação do Templo

Jesus declarou qual era a função do templo: Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? (Mc 11,17). Para todos os povos, sem divisão de pátios, sem divisão de etnia e raça, sem divisão de classe social, sem hierarquia. Nesta frase Jesus citou as palavras encontradas em Isaías 56. Destaca WENZEL (1997, p. 123):

O ensinamento de Jesus resgata a tradição profética de Isaías, que não restringe a casa à raça e à casta dos “puros” mas permite o acesso dos estrangeiros e desamparados (Is 56,1-8); e a de Jeremias, que profetizara que, se a exploração dos mais pobres não cessasse, o templo seria destruído (Jr 7,1-15).

Jesus se atreveu a desmascarar a exploração que estava escondida sob a religiosidade. Os fariseus estavam tão presos a letra da Lei que perderam de vista a sua essência, a prática da justiça e do amor. Algo que os profetas já alertavam há algum tempo. O texto de Oséias 6,6 declara: Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos. Este conceito pode ser visto também em outros materiais proféticos:

Como me apresentarei a Iahweh, e me inclinarei diante do Deus do céu? Porventura me apresentarei com holocaustos ou com novilhos de um ano? Terá Iahweh prazer nos milhares de carneiros ou nas libações de torrentes de óleo? Darei meu primogênito pelo meu crime, o fruto das minhas entranhas pelo meu pecado? – “Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a bondade e te sujeitares a caminhar com teu Deus. (Mq 6,6-8)

5. CONCLUSÃO

Quando as pessoas procuram ler e compreender as profecias bíblicas o fazem pelo motivo errado e de uma forma equivocada. Tais erros ocorrem pela má compreensão do que seja profecia. Quando se fala em profecia, se pensa em antecipação do futuro e uma ruptura com o mundo atual. Mas a profecia não trata disso. O profeta não surgia apenas para antecipar o futuro, o que ele fazia era uma leitura dos acontecimentos presentes e, através da sabedoria concedida por Deus, antecipava as consequências. O profeta era um homem de seu tempo, preocupado com o seu cotidiano, assim como Deus.

O profetismo entre os outros povos e não Israel demonstra a preocupação da população com os problemas que eles enfrentavam em seu dia-a-dia, como: quando iniciar uma guerra; que estratégia utilizar nos combates; como evitar dificuldades ambientais como seca e tempestades.

Era muito intensa a busca em saber as orientações dos deuses para resolver os problemas. Os homens que uniam seu povo à divindade eram os profetas. Este aspecto já demonstra porque surgiu o profetismo de um modo geral. Não era para prever o futuro, mas para responder aos conflitos presentes.

A diferença do profetismo bíblico, na maioria das vezes é que quem tomava a iniciativa de guiar os homens era Deus. Ele desejava orientar a decisão deles para resolver os problemas. Muitas destas dificuldades eram causadas pelo egoísmo, orgulho e ambição humana. Os profetas clamavam por justiça, pelo retorno à Aliança, que implicava em amor desinteressado pelo próximo.

Com esta pesquisa foi possível perceber o valor do texto profético compreendendo a função social dos chamados profetas. Notou-se que eles interpretavam os sinais dos tempos e a própria história em que viviam. O objetivo destes homens era alertar seus contemporâneos para a distância que eles estavam do ideal divino.

Deus desejava libertar o povo da opressão para que se sentissem completos e felizes. Tais sentimentos, completude e felicidade, resultam no indivíduo que se percebe útil. Não há quem se entristeça ao contemplar o sorriso de quem foi amparado e confortado.

O homem só pode se sentir feliz ao se tornar um instrumento que busca findar o sofrimento. Era para este fato que alertavam os profetas. Buscavam resgatar o que era adoração e o que pratica um verdadeiro adorador. Tal objetivo norteou o discurso de Jeremias.

Este profeta teve um longo ministério, repleto de desafios e dificuldades. Levar seu povo a perceber qual é a verdadeira adoração é o tema do texto encontrado em Jeremias 7, 1 – 11. Nesse trecho, Jeremias demonstra que adoração é a postura diária do indivíduo. Como este reage ao contemplar o sofrimento dos pobres, estrangeiros, viúvas e órfãos. Adoração é a atitude praticada em todas as áreas da vida, seja nas transações comerciais, seja nas relações familiares, seja no relacionamento social. O que acontecia com os contemporâneos de Jeremias era o contrário: no comércio, furtavam e juravam falsamente; no âmbito da família, praticavam adultério; na sociedade, derramavam sangue inocente

Adora a Deus quem o coloca em primeiro lugar em sua vida e ama o próximo como a si mesmo, estas palavras estão na Aliança e foram repetidas por Jesus. Ele em seu ministério profético demonstrou o que realmente é adorar a Deus. Ele foi fiel em cada palavra, gesto e ação. Surpreendeu a muitos, pois o povo ainda pensava que adorar a Deus se trata apenas de julgar, condenar e ofertar no Templo.

Os judeus não possuíam um conceito uniforme da ação do Messias, muito não esperavam que o Messias recuperasse a vista dos cegos, permitisse que os coxos andassem, purificasse os leprosos, concedesse que os surdos ouvissem, ressuscitasse os mortos e evangelizasse os pobres. Jesus explicou que mais importante que o local da adoração é perceber que adoração é praticar misericórdia com o sofredor. Ele cumpriu o aviso de Jeremias, no qual Deus avisou que expulsaria de sua presença os falsos adoradores (Jr 7,15).

Deus sempre esteve presente na história. Foi seu iniciador, mantenedor e será o restaurador. Nunca se ausentou do cotidiano dos homens. Está sempre atento a cada lágrima derramada. Quer socorrer e confortar seus filhos, Deus faz isso através de seu povo. A missão de quem aceita o amor de Deus é amar e cuidar das pessoas que estão ao seu redor.

Mas o povo de Deus, ao longo do tempo, não demonstrou o fruto que Deus esperava. Este fruto é o amor, praticado através da solidariedade e do desapego a si próprio. Para relembrar ao povo qual era sua responsabilidade Deus enviou seus servos, os profetas. Infelizmente, o tempo foi passando e o povo escolheu não atentar ao clamor de Deus. Por fim, o próprio Deus veio em carne, mas ainda escolheu-se por não ouvi-lo. A voz de todos estes homens enviados clamava por amor e piedade entre os homens.

Jeremias declarou o que Deus espera de seus adoradores. Jesus viveu e deixou um exemplo do que é a verdadeira adoração. Adorar a Deus é amar a todos de todo o coração, com toda a alma e com todas as forças. Isso significa respeitar a dignidade de todas as pessoas, não causar ou apoiar a exploração dos carentes e necessitados, amparar e confortar os

sofredores. Amar é uma ação, ama o próximo aquele que faz tudo que está ao seu alcance para ajudar a quem sofre.

Uma pergunta que fica por ser respondida: o cristianismo adorou a Deus verdadeiramente ao longo dos séculos? Como o povo de Deus o adora hoje?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Marcelo Fernandes de. **Jesus de Nazaré: profeta da liberdade e esperança**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 1999.

ARTUSO, Vicente. **Autoridade de João Batista e de Jesus: para servir o reino de Deus**. In *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*; volume 3, número 1, janeiro/junho 2011.

ARTUSO, Vicente. **Evangelho de Marcos**. Texto disponibilizado aos alunos do Mestrado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná pelo próprio autor. Londrina, PR: 2009.

BAINES, John e MÁLEK, Jaromír. **O mundo egípcio: deuses, templos e faraós**. Madrid: Edições Del Prado, 1996.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. São Paulo: Edições Loyola, 1973.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1990.

BERGANT, Dianne e KARRIS, Robert J. **Comentário Bíblico**. São Paulo; Edições Loyola, 1999.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti e YUNES, Eliana. **Profetas e profecia: Numa visão interdisciplinar e contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BOVON, François. **El evangelio segun san Lucas: Lc 1~9 vol. I**. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1995.

BRAVO, Carlos. **Galiléia ano 30: para ler o evangelho de Marcos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1996.

BRESSAN, Gino e BALLARINI, Teodorico. **O profetismo bíblico: uma introdução ao profetismo e profetas em geral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

BRUEGGEMAN, Walter. **A imaginação profética**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Vivendo a Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2008

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Ele está no meio de nós! O semeador do reino: O evangelho segundo Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1998.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Caminhamos na estrada de Jesus: O evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulinas, 1996.

CORNELL, Timm e MATTHEWS, John. **Roma: legado de um império**. Volume I e II. Madri: Edições Del Prado, 1996.

CROATTO, J. Severino. **Isaías vol. I: 1-39: O profeta da justiça e da liberdade**. São Paulo: Editora Vozes, 1989.

FERREIRA, Aurélio de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. São Paulo : Nova Fronteira, 1988.

EATON, John. **Misteriosos mensageiros: curso de profecia hebraica**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FILHO, Pedro Vilson Alves de Souza. **A religiosidade na vida social do homem**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Centro de Teologia e Ciências Humanas, departamento de Filosofia. Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de licenciatura em Filosofia. Curitiba, 1987.

FRIZZO, Antonio Carlos. **A trilogia social: estrangeiro, órfão e viúva no Deuteronômio e sua recepção na Mishna**. Tese (Doutorado em Teologia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

FRIZZO, Antonio Carlos. **Uma tríade social que qualifica o ato de conhecer a Deus**. In *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*; volume 3, número 1, janeiro/junho 2011.

GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia: reino dividido**. São Paulo: Paulus, 2003.

GRÜN, Anselm. **Os dez mandamentos: Orientações para uma vida feliz**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HARRINGTON, Wilfrid J. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa e a realização**. São Paulo: Paulus, 1985.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRISON, R. K. **Jeremias e Lamentações: Introdução e comentário**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1980.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Assembléia de Deus, 2002.

HORSLEY, Richard A. e HANSON, John S. **Bandidos, profetas, e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

JOHNSSON, Willian. **Jesus nos olhos de Marcos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

- LIVERANI, Mário. **Para além da Bíblia**: história antiga de Israel. São Paulo: Loyola, 2008.
- LORON, Wade. **Os dez mandamentos**: Princípios divinos para melhorar seus relacionamentos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- MAGGI, Alberto. **Como ler o evangelho sem perder a fé**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MATOS, Maria Lucia Gomes de. **Entrevistas que fazem pensar**: ideias e resultados. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- MESTERS, Frei Carlos. **Com Jesus na contramão**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MONLOUBOU, Louis e DU BUIT, F. M.. **Dicionário bíblico universal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MONLOUBOU, Louis. **Os profetas do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- MOSCONI Luis. **Profetas da Bíblia**: para cristãs e cristãos rumo ao novo milênio. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- NEWYTON, Sir Isaac. **As profecias do Apocalipse e o livro de Daniel**. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.
- OVERMAN, J. Andrew. **Igreja e comunidade em crise**: O evangelho segundo Mateus. São Paulo: Paulinas, 1999.
- PAGOLA, José Antonio. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PEDRO, Enilda de Paula e NAKANOSE, Shigeyuki. **Como ler o livro de Oséias**: reconstruir a casa. São Paulo: Paulus, 1990.
- PETERLEVIRZ, Peter R. **Introdução do profetismo**. Em Revista Theos – Revista de Reflexão Teológica da faculdade Teológica Batista de Campinas. Campinas: 5ª Edição, volume 4 – nº 1, Junho de 2008.
- PIXLEY, Jorge. **A história de Israel a partir dos pobres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- RABELLO, Sila D. Literatura profética, artigo publicado na internet no site http://www.nazarenopaulista.com.br/estudos/LITERATURA_PROF%C3%89TICA.pdf em 26 de julho de 2011.
- ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente**. Madrid: Edições Del Prado, 1996.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: profecia a serviço do povo. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Jesus vai ao Mc Donald's**: Teologia e sociedade de consumo. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

SCARDELAI, Donizete e VILLAC, Silvia. **Introdução ao primeiro testamento: Deus e Israel constroem a história.** São Paulo,: Paulus, 2007.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994.

SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos.** São Bento do Sul, SC: União Cristã, 1989.

SCHÖKEL, L. Alonso. **A palavra inspirada: A Bíblia a luz da ciência da linguagem.** São Paulo: Loyola, 1992.

SCHÖKEL, L. Alonso. **Diccionario Bíblico hebreo-español.** Madrid: Editorial Trotta, S.A., 1994.

SCHÖKEL, L. Alonso. **Diccionario Bíblico hebreo-español.** Valencia, 1990

SCHÖKEL, L. Alonso e DIAZ, J. L. Sicre. **Profetas I: Isaías, Jeremias.** São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

SCOTT R. B. J. **Os profetas de Israel: nossos contemporâneos.** São Paulo: Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, 1968

SEUBERT, Augusto. **Como entender a mensagem dos profetas.** São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SPROUL, R. C. **Bíblia de estudo de Genebra.** São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 2004.

TILLY, Michael. **Assim viviam os contemporâneos de Jesus: cotidiano e religiosidade no judaísmo antigo.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

WENZEL, João Inácio. **Pedagogia de Jesus segundo Marcos.** São Paulo: Edições Loyola, 1997.

WHITE, Ellen. **Beneficência Social.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, Ellen. **O desejado de toas as nações.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

WHITE, Ellen. **Profetas e reis.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004

WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel.** São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 2004.